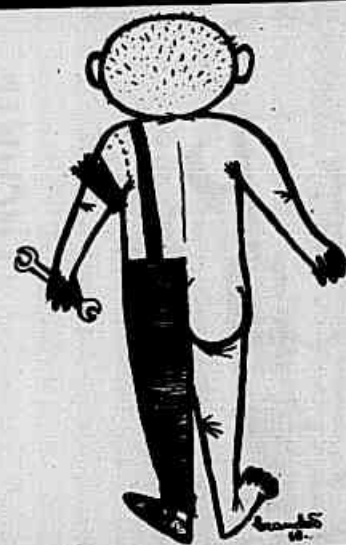


Semana

REVISTA DA

ENCARTE



Nº 15 — 12 abril 58 — Cr\$ 10,00

CARVALHO PINTO:

Máquinas de costurar
trabalham
para ganhar dinheiro

**Frondizi
quase
morreu:
cobra**

**Eu fui
Jesus
Cristo
por um dia**

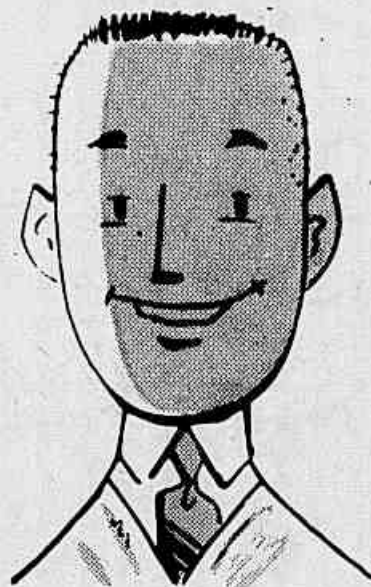
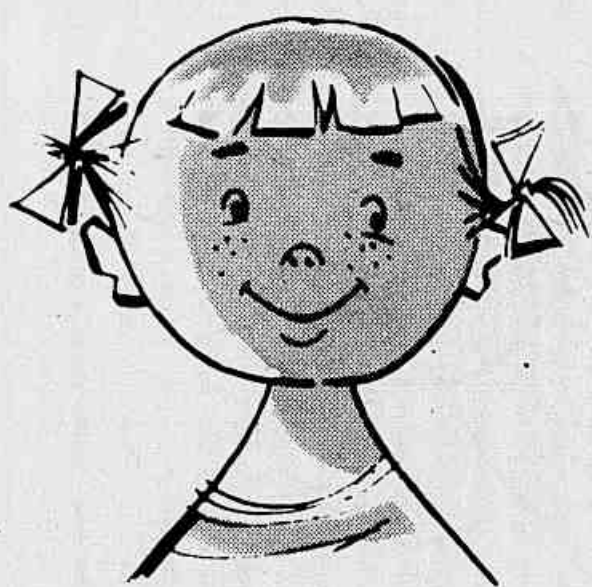




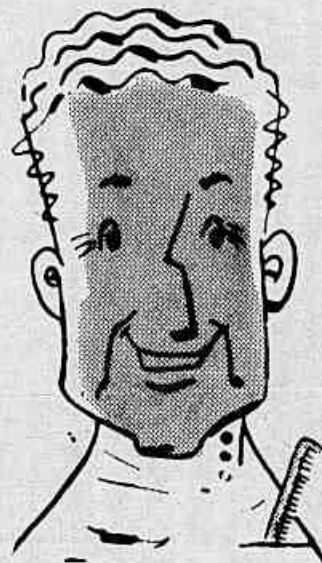
EVIDENTEMENTE



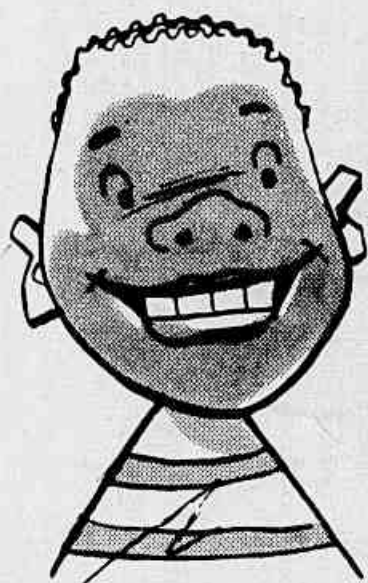
AVISO: QUE NAO É UMA MARCA REGISTRADA



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Ano 57, N.º 15, Rio, 12-4-1958

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Redatores — MURILO MELO FILHO
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinki. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Ste-lan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paralba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hae. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvia Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Revista da Semana** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Director-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

EXCLUSIVO 8 — Carvalho Pinto e sua candidatura
54 — Frondizi quase morreu: cobra

INTERNACIONAL 16 — Bastidores do Petróleo no Oriente Médio.

LIVROS 19 — Como subjugar as palavras

HUMOR 20 — Mr. Abernathy

34 — O homem que era alérgico a peixe

61 — Brandão Society

GASTRONOMIA 21 — Luís, Diário de um Gastrônomo**ESPECIAL** 22 — Polícia brinca de mãe-pegar tudo no Paraná

50 — Sêca no Nordeste vem da África

NOVELA 24 — Lapin e Lapinova

TEATRO 27 —. Uma esperança no teatro de revista

GENTE 29 — A empregada que mamãe não quis

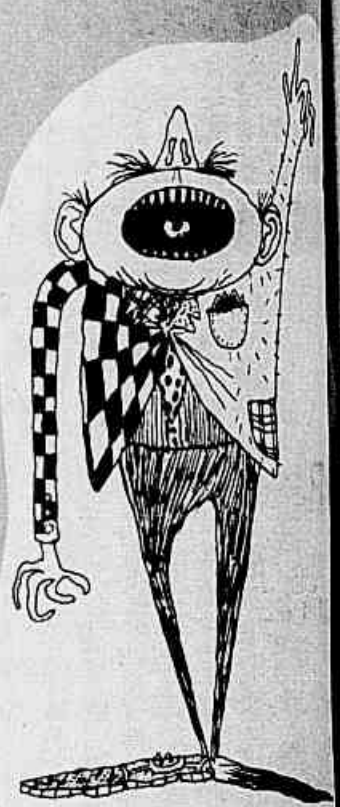
CINEMA 35 — Da importância de ser jumento

NO ESPAÇO 45 — A velocidade da luz é a fonte da juventude.

NACIONAL 63 — A imigração vai parar

SOCIAIS 60 — Lady Maxwell informa

MEMÓRIAS 65 — Rafael Corrêa de Oliveira



PREZA
Segu
Original
piro das
Peço de
em espaç
escrito, m
ainda a c
preconceit
revistas.

Agora,
lhe escrevi
sentenciado
à rua Fre
Creio que
me "à p
alguns an
mereça a
páginas c
por carta
revista (c
least", fin

Resta-me
que me
menos, o
Aguard

RECEBI
do
Um co
autor —
de ter um
acordou
pelo mar
"contos d
3 cujos p
de probl
rio"; 4 m
4 de hur
Estamo

QUAN
Bar
prefeito
pode". A
o sr. Ca
das Fina
pode".

A ENT
de
semana
a RS sa
e outra

TELE
"Tu
aspas e
de qual
com a f
de Titin
côres p
antes I

PREZADO SENHOR:

Segue anexo minha contribuição para o seu "Concurso Original do Conto", brilhantemente iniciado com "O Vampiro das Rosas" e "O Trôco".

Peço desculpas pelo fato de ser o trabalho datilografado em espaço dois, em papel de tamanho ofício. Mas, ao ser escrito, não tinha destino fixo, pois então eu desconhecia ainda a existência desse seu concurso despidido de todos os preconceitos comodistas da grande maioria das nossas revistas.

Agora, um outro ponto que talvez mereça reparo: quem lhe escreve estas linhas (e quem escreveu o conto) é um sentenciado, ora recolhido à Penitenciária Lemos Brito, sita à rua Frei Caneca, 463, nesta capital (como reza a fórmula). Creio que essa minha atual condição não irá desclassificar-me "à priori", pois, embora o meu corpo esteja prêso há alguns anos, o espírito continua livre. Caso meu trabalho mereça aprovação e, conseqüentemente, a publicação nas páginas de seu excelente semanário, peço-lhe informar-me por carta, pois nem sempre tenho o grato prazer de ler sua revista (pelas dificuldades de encontrá-la e, "last but not least", financeiras).

Resta-me felicitá-lo pelo seu "Departamento Especializado", que me tem prestado relevantes serviços, pois aqui, pelo menos, o homem vive somente de ilusões.

Aguardando sua réplica, sou

com salamaleques protocolares

Paulo Machado Lima

RECEBEMOS, na primeira semana do "Concurso Original do Conto", 52 originais, nem todos originais.

Um conto de 26 linhas; outro que — segundo o próprio autor — "pode não ser bom, mas pelo menos tem a honra de ter um prefácio"; um que é a história de um homem que acordou transformado em mulher, mulata, sendo sacudida pelo marido que gritava: "Guiomar, ó Guiomar..."; 12 "contos de amor"; 5 plágios (todos ruins); 6 "science-fiction"; 3 cujos personagens são, exclusivamente, bichos; 7 em torno de problemas sexuais e psicológicos; 2 "fragmentos de diário"; 4 no estilo "Memórias de Infância"; 3 contos policiais, 4 de humor e 3 que resistiram a tôdas as classificações.

Estamos lendo.

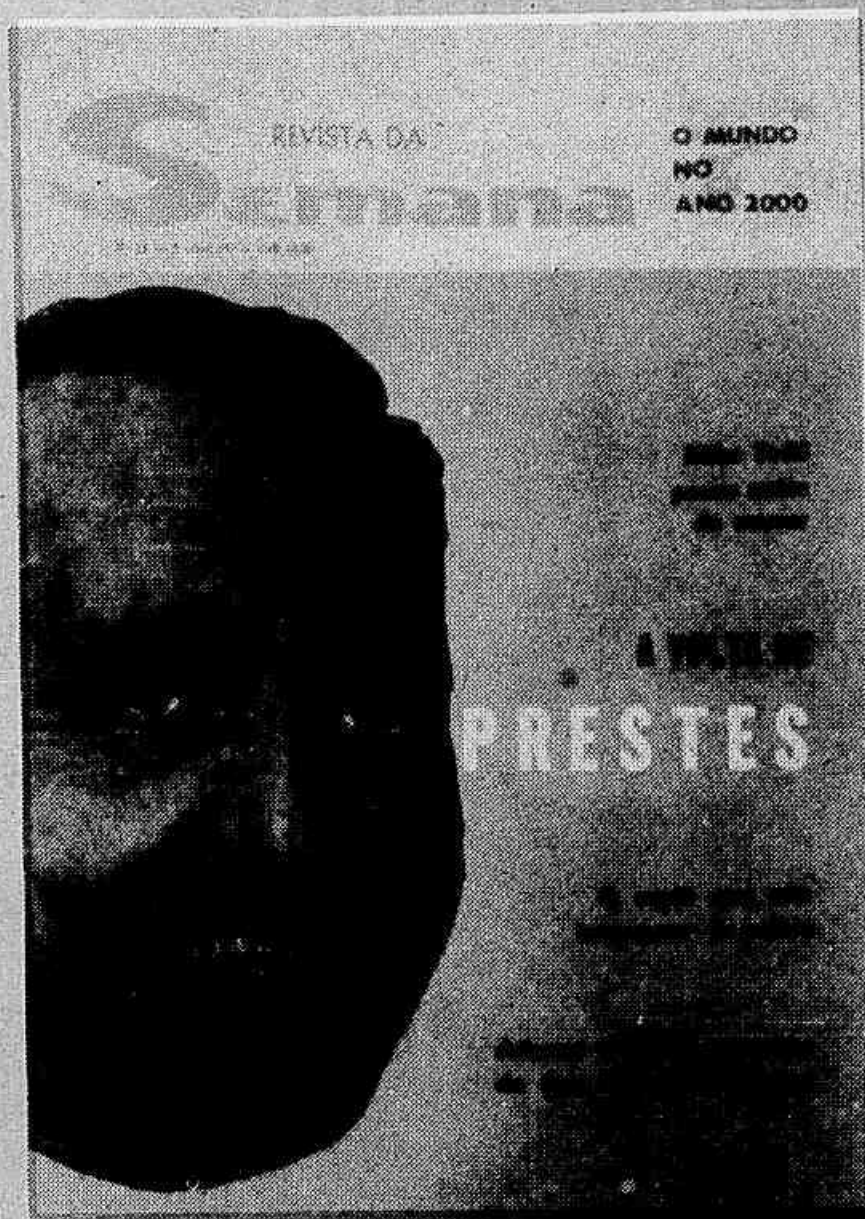
Editor

QUANDO Osório Nunes entrevistou o sr. Ademar de Barros (RS n. 14), anotou o detalhe: no gabinete do prefeito de São Paulo havia um pé de "comigo-ninguém-pode". Agora, continuando uma série de entrevistas, foi ouvir o sr. Carvalho Pinto, "o ditador". No gabinete do secretário das Finanças de São Paulo havia um pé de "comigo-ninguém-pode".

A ENTREVISTA de Ademar em São Paulo e a entrevista de Prestes no Rio, ambas exclusivas, nos levaram na semana passada a uma "bossa nova", que passamos a adotar: a RS sai agora com duas capas. Uma para circular no Rio e outra de circulação nacional.

TELEGRAMA:

"Tudo bem pt Presidente Frondizi já declarou que aspas estão encerradas entrevistas aspas pt Mas consigo de qualquer forma pt Dizem ser difícil fotografá-lo em casa com a família vg mas vg se fôr preciso pulo muro pt Incrível de Titina Aguirre vg maior espetáculo da terra vg inclusive cores pt Vale contra-capa, capa et seis páginas pt Mando antes Ivana pt A empregada mamãe não quis pt Abraços Polito".



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON» Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHÔRO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

CARTAS

LITERATURA

“Por que a RS publica tantos contos e novelas? Mulher já não gosta mais disso. Nós queremos moda.”

Sílvia Hartmann, D.F.

MORAL

“A foto de Jeanne Moreau no avião está imoral. Acho muito mais decente apresentar o nu artístico de uma vez.”

Severino da Costa, DF

BELEZA

“Achei a Rossana mais bonita do que Antonella Lualdi. Antonella é muito magrinha”.

Marta Machado, Salvador

“Linda a artista Antonella Lualdi. O rosto mais bonito que já vi, e olhe que eu conheço o assunto”.

Jorge de Almeida Canatti, DF

PSICOLOGIA

“Parece que neurótico é o autor da seção Psicologia. Simplesmente horrível o que ele faz”.

Helga Simennon, S. Paulo

LUÍS

“Não me agradou o “Luís, Diário de um Gastrônomo”, principalmente por que não há dessas bebidas que ele aconselha por aqui.”

João Bastos de Oliveira, DF

MEMÓRIAS

“Estou gostando das “Memórias” do sr. Rafael Corrêa de Oliveira. Mas ele vai contar tudo mesmo?”

Vicentino Barros, SP

§ Ele prometeu.

Editor

LADY MAXWELL

“Quero saber quem é a Lady Maxwell que assina a coluna social da RS. Vocês devem revelar.”

Maria Angela Duarte, DF
§ Pois não. Trata-se de Lady Maxwell.

TINTA

“Peço aos amigos que usem outra tinta na capa, pois é muito desagradável ficar com as mãos e a roupa encardidas. Li atentamente o conto “O Vampiro das Rosas”, de Nataniel Dantas. Naturalmente, os falsos moralistas irão protestar. Não se



PERNAS

“Acho ótima a RS mas tenho algumas sugestões a fazer: 1. Por que cortam as pernas e o corpo de todas as garotas, como aconteceu em “A Gente Vimos a Uva”. Essa Cilene merece uma reportagem mais completa e se for candidata a “Miss Brasil” ganhará longe. 2. Também cortaram as pernas de Maria Helena Gioia na reportagem “Maria Helena queria ser peixe”. Parabéns pela “Câmera Lenta”, “Cuidados com o morto”, “Lady Maxwell informal” e pelas seções de teatro e cinema e os contos “O Vampiro das Rosas” e “O Urso”. Nataniel Dantas é vivo? Quem é Lady Maxwell?”

Pedro de Assis Ribeiro, DF

§ Ele é vivo. Ela é Lady Maxwell.

Editor

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

intimidem! Se está bem escrito e o tema é interessante, publique. Felizmente, os leitores atrasados estão desaparecendo".

Oscar Vasconcelos, DF

REVISÃO

"... e encontrei muitos erros de revisão no número 12. Exemplo: na seção "Câmera Lenta" há "que encontrou-se" ao invés de "que se encontrou"..."

Dirceu Fonseca, SP

CINEMA

"A RS poderia dar reportagens sobre James Dean e Pat Boone?"

Mary Silva, DF

§ Proposta endereçada ao Editor de Cinema.

Editor

INTERNACIONAL

"Discordo dos comentários internacionais da RS. Não creio que Batista vá cair em abril".

Jorge Schullman, DF

AINDA PRESTES

"A A.B.I. é terra de ninguém. Por aqui todos passam como num palco e só quem fica são os jornalistas, donos da casa. Não poderia nunca condicionar a cessão do auditório para a entrevista coletiva do capitão Luís Carlos Prestes a nenhuma entrevista que "O Globo" nunca me incumbira de obter. Não estive com o advogado Francisco Chermont, ninguém me pediu o auditório e não iria agora nesta altura da vida desmentir um tão longo passado de liberalismo. Não creio que a RS, de boa-fé, creia nessa inverdade".

Herbert Moses, DF

PIANISTA

"... e onde está o pianista uruguaio Yamando Arvelo, que tocou muito nas "boites" do Rio?"

Maria Ferreira, DF

§ Em Montevidéu.

Editor

VALÉRIA

"Foi realmente formidável o desmentido da RS sobre a dualidade com referência à verdadeira Valéria Amar. Em São Paulo vi muita gente comentando em bondes, ônibus e lotações e folheando a RS. Valéria Amar, a artista que chamaram de homem, não é homem".

Geraldo Antônio Longo, SP

ENDERÊÇO

"... e queria saber o endereço de Valéria Amar, pois sou seu fã número 1..."

Juvenal Gonçalves, DF

§ Seu endereço é "não sabemos".

Editor

FÃ

"Gosto muito das ilustrações de Marius para as reportagens e os contos e outras seções da RS. Ele é moço?"

Marina Fernandes, SP

§ 27 anos.

Editor

CRÍTICA

"E eu escrevo elogiando a RS em vários assuntos e vocês só publicam a minha única crítica, quando achei muito forte o conto de Boccacio".

Marina Soares, DF



CONTO

"Há muito que pretendia lhes escrever aplaudindo a nova fase da RS. Está com boa apresentação, moderna e redigida em estilo ágil e interessante. Aprecio as seções de literatura, teatro e cinema, além de contos e novelas. Elogio o conto "O Vampiro das Rosas", realmente que não foi muito feliz, não admirável. A ilustração é só pelo desenho, como pelo vermelho berrante que a dominava, ferindo os olhos da gente, não condizendo com o tema. Peço a liberdade para sugerir uma melhoria na parte de modas, um pouco fraca".

Eunice Martins Costa, DF



A ASTROLOGIA É UMA CIÊNCIA POSITIVA. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando SÔMENTE O ENVELOPE SELADO COM SEU ENDERÊÇO e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis, e sem compromisso, a resposta do seu interesse.

ÓLEO DE CEDRO

INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS



RUA MEXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

CARVALHO PINTO:

AS MÁQUINAS DE CALC TRABALHAM PARA GANHAR ELEIÇ



ALCULAR

EIÇÃO



Carvalho Pinto : sorria só para o dinheiro, mas agora há os eleitores.



ENTRE UM PÉ de "comigo-ninguém-pode" (que se encontra nos gabinetes de todos os candidatos ao governo paulista, porque "evita mau-olhado") e retratos (carrancudos) de antigos secretários, o atual secretário das Finanças de São Paulo conclui sua entrevista exclusiva para a REVISTA DA SEMANA. A entrevista começou há muitos dias, durante os quais o prof. Carvalho Pinto falou em seu gabinete, em casa, na rua ou numa fazenda, enquanto ordenhava a vaca Rosana — ótima de leite.

— Aceitei minha candidatura pelo PDC ao governo do Estado de São Paulo, porque julgo necessário prosseguir a orientação política, econômica e financeira do governo Jânio Quadros e não poderia desatender aos apelos dos que lutam pela moralização dos costumes públicos, pela ordem administrativa e pelo saneamento financeiro como sinal de dignidade do Estado.

O secretário da Fazenda do sr. Jânio Quadros estava apenas concluindo uma longa palestra, que interrompera há menos de duas semanas, para esperar a decisão da convenção dos democratas-cristãos.

O ditador de São Paulo não abre mão de sua can

Quando o sr. Jânio Quadros assumiu o governo, kitchcockianamente declarou que São Paulo tinha um ditador: — “É o professor Carvalho Pinto, meu secretário da Fazenda”.

Dizem os observadores que ele assumiu a função de ditador das finanças com tamanha desenvoltura, que alterou profundamente as relações financeiras do maior Estado da Federação e fez com que o sr. Jânio Quadros dele não prescindisse nem mesmo quando terminar o mandato. A orientação do sr. Carvalho Pinto deu o sentido fundamental da administração do sr. Jânio Quadros. Este habituou-se tão bem à “ditadura”, que prefere ficar sob o mesmo ditador nos próximos quatro anos.

Quando iniciamos esta conversa, encontrávamos na própria sede da ditadura do sr. Carvalho Pinto — o monumental Palácio da Fazenda, que o atual secretário concluiu em parte, por ter achado mais econômico prosseguir numa obra na qual já se investira 270 milhões de cruzeiros e cujo custo tratou de reduzir, a começar pelos vidros, cristais e enfeites. O sr. Carvalho Pinto considera-o um exemplar típico da época alucinada na qual em São Paulo queriam fazer o maior prédio da América do Sul. O secretário é um homem franzino. Quando o procuramos para a primeira visita, perguntamos a que horas seria encontrado na Secretaria.

— Dizem que ele mora lá — respondeu-nos um funcionário. No seu gabinete, entretanto, esclareceram que não era tanto assim. Muita gente procura o secretário, mas não o encontra. O sr. Carvalho Pinto “está na casa”. Mas ninguém sabe onde. Está escondido num canto, trancado para meditar nos seus esquemas e pô-los em prática. O sovina se esconde com as chaves dos seus cofres, dizem os seus adversários. E quanto menos aparece, menos gasta. Perguntamos-lhe se era mesmo tão “pão duro” como falavam. Riu, de lado, como se gostasse da pergunta e não pudesse deixar de responder afirmativamente. Rindo, sacudiu com a cabeça, como a dizer: “Que jeito... é verdade...”

NUNCA PENSOU EM SER CANDIDATO

“Encontrava-me empenhado em levar até o fim o trabalho de integral recuperação econômico-financeira de São Paulo, quando se começou a falar em meu nome para a sucessão do governador Jânio Quadros. Preferia continuar só como técnico. Os problemas políticos perturbam a firme orientação do economista. E, às vezes, prejudicam. Aqui, mesmo, já comecei a ver isso, nestes dias. E, agora, surge a história da candidatura”.

“Nunca pensei em ser candidato. Nunca pensei em exercer a atividade política em minha vida. Passei-a toda em funções técnicas. Acharam que eu devia ser escolhido para continuar o programa do governo a que sirvo. Aceitarei o que ficar decidido”.

ADEMAR

O sr. Carvalho Pinto sabe em que luta vai se empenhar. Em torno de si, no seu gabinete, não se subestima o valor da luta, marcada para 3 de outubro próximo, em que o sr. Ademar de Barros (RS, n.º 14) aparece como principal competidor aos Campos Elísios. Dizem seus lugar-tenentes que o sr. Ademar de Barros representa uma força considerável e que se conseguir eleger-se tornar-se-á o centro da política nacional, despachando de São Paulo para o país inteiro. A liderança do próprio sr. Juscelino Kubitschek empalidecerá, pois todos correrão para o sr. Ademar. A “Operação Cego” se cumprirá. E o sr. Ademar de Barros talvez chegue à Presidência da República. De tudo isto sabe o sr. Carvalho Pinto, que também sabe que a UDN nacional já conversou com o sr. Ademar de Barros. “Mas só a UDN nacional” — observa. — Porque a UDN de São Paulo jamais formará com ele”.

O sr. Carvalho Pinto não é um lacônico ao estilo do sr. Ademar de Barros, que sorri muito, acena muito e fala pouco. É lacônico e só de vez em quando se expande. Magro, cerimonioso, impecavelmente vestido, o professor de Ciência das Finanças da Universidade Católica de São Paulo (47 anos) tem um ar perfeitamente quatrocentão. Ele é sobrinho neto de Rodrigues Alves e nasceu num casarão em frente ao palácio dos Campos Elísios.

NÃO PROMETERÁ FANTASIAS

Ele próprio ainda não sabe se mudará para o palácio. Mas é evidente que, a esta altura, espera que sim. Até há pouco era difícil obter atitudes políticas do professor. O avanço da candidatura vai, contudo, levando o candidato e forçando-o a quebrar o retraimento em que sempre viveu. Conversa em tom amistoso. Diz várias coisas interessantes, mas em seguida pede que não sejam publicadas.

O sr. Carvalho Pinto está otimista:

“O povo parou o trem em que eu seguia. E assim foi até Votopuranga”.

“Meu nome surgiu naturalmente. Resta saber se sou um bom candidato. Não vou prometer fantasias”.

LUGAR SÓ PARA DOIS CANDIDATOS

Nos círculos pintistas considera-se que o sr. Ulisses Guimarães está possivelmente à espera da desistência do candidato de Jânio, mas essa expectativa não tem fundamento. O PSD é tido como um partido fraco no Estado e o ex-presidente da Câmara dos Deputados só conta com ele. O sr. Jânio Quadros prefere fortalecer um candidato nitidamente situacionista, diz-se nesses círculos, que acrescentam: o sr. Ulisses Guimarães tornou-se conhecido pela sua atuação fora, no plano federal. Isto é menos importante para o eleitor, quando há candidato com serviços ativos na administração do Estado, mais perto do eleitor, com ação mais direta sobre o colégio eleitoral.

Quanto ao sr. Ademar de Barros, entendem os amigos do sr. Carvalho Pinto que perdeu muito na capital. Sua eleição para Prefeito talvez tenha sido o seu fim político. Não tem recursos para administrar e servir. O Estado tem. Ampliou a rede de abastecimento d'água, executou uma série de obras. Enfrentando um candidato de Jânio, o sr. Ademar de Barros ganhou apenas por 30 mil votos a Prefeitura. Se tivesse enfrentado o próprio Jânio, teria perdido — alegam. Com o desgaste que está sofrendo na administração, corre o sério risco de perder na capital. E no interior não tem possibilidades de expansão.

O sr. Rui Novais, prefeito de Campinas, fez uma boa administração, consideram essas pessoas. Mas quer fazer carreira muito depressa.

“A luta vai se definir em dois campos — esclarece o sr. Carvalho Pinto. — Num lado, os que lutam, como já notei, pela moralização dos costumes públicos, pela ordem administrativa e pelo saneamento financeiro como sinal de probidade do Estado. De outro, os que desejam a volta ao descalabro do passado. Haverá, portanto, naturalmente, duas candidaturas, representando as duas orientações. Não haverá lugar para mais de duas candidaturas. As águas, boas e más, se dividirão em torno de dois nomes”.

CAMPANHA ELEITORAL SEM ATAQUES PESSOAIS

“Na campanha eleitoral, não pretendo individualizar os meus pronunciamentos — disse ele. — Desejo seguir uma orientação doutrinária e alta, que permita a livre discussão dos problemas sem descer a especulações e ataques pessoais. Esta é a minha contribuição, desde já, para o aperfeiçoamento

candidatura: quer ser governador

dos nossos hábitos políticos: Creio que já é tempo de nos fixarmos em torno de pontos de doutrina, que possam ser transmitidos aos sucessivos governos, em vez de nos preocuparmos tanto com os indivíduos”.

BASEADO NA DOCTRINA DO EQUILÍBRIO FINANCEIRO

“Não sendo político, pude, nesta Secretaria, ser impessoal e justo. A imparcialidade custou-me inúmeras incompreensões. Mas se hoje sou honrado com a escolha de meu nome para concorrer ao mais alto posto do Estado é por que sigo uma diretriz doutrinária e nela me pude firmar, administrativamente, graças à compreensão do governador Jânio Quadros, que desejava estabelecer essa diretriz em S. Paulo. Lutando pelo equilíbrio financeiro, conseguimos retirar São Paulo do caos dos bônus rotativos; eliminamos a dívida flutuante, saldamos todos os compromissos do Tesouro; saneamos tôdas as autarquias e instrumentos de ação financeira do Estado; terminamos com o regime do calote imposto pelo governo. Restauramos o conceito da moralidade, o valor da palavra oficial, passamos a pagar em dia os fornecimentos, acabamos com o deficit, e isso é o mesmo que dizer que extinguimos a legalização do estelionato, a oficialização do calote. É com essa orientação que partirei para a luta eleitoral pelo governo do Estado”.

JAMAIS REALIZOU TANTAS OBRAS

Essa orientação é apontada pelos seus competidores como responsável pela paralisação de obras públicas e pela falta de atividade administrativa do atual governo de São Paulo.

“Não! — responde o sr. Carvalho Pinto. — O tal entesouramento não existe. Tendo saneado o sistema financeiro do Estado, lançamo-nos a um programa nunca visto. Jamais o Estado de São Paulo realizou tantas obras, nunca em São Paulo se gastou tanto. Os municípios recebem pontualmente suas quotas de arrecadação, numa proporção que mostra que o atual governo já lhes entregou mais de dois bilhões e quatrocentos milhões de cruzeiros, enquanto os governos anteriores só haviam devolvido às Prefeituras 783 milhões de cruzeiros”.

O sr. Carvalho Pinto vai ao salão de despachos, onde o esperam delegações de Prefeitos e Câmaras de Vereadores do interior paulista. Prometem adesão e apoio ao nome do candidato. Uns fazem reclamações contra o recebimento da adesão de um prefeito partidário do sr. Ademar de Barros. Não querem ir juntos para o mesmo palanque.

— Está vendo? — observa o sr. Carvalho Pinto. — Já é este o tipo de problema que estamos enfrentando.

SANEAMENTO ENCORAJADOR

Sua política não prejudicará a indústria e as demais atividades econômicas do Estado?

“Pelo contrário. A unificação do Tesouro, Banco do Estado de São Paulo e Caixa Econômica Estadual num só sistema permitiu também o reequilíbrio dessas unidades, que se achavam em franca degringolada. O Banco do Estado tem em depósito mais de onze bilhões de cruzeiros e se transformou no maior estabelecimento existente, no gênero, no Brasil. Está financiando o setor agropecuário em condições jamais vistas. A Caixa Econômica Estadual, com depósitos no mesmo montante, vem financiando obras de grande interesse público, como pavimentação de estradas e obras de águas e esgotos a mais de 300 Municípios. O saneamento que realizamos não foi para entesourar. Foi para encorajar, em termos definitivos, as atividades produtivas, a prosperidade real de São Paulo.

O sr. Carvalho Pinto não quer falar sobre o café. Acha o problema “extremamente delicado”. Como secretário da

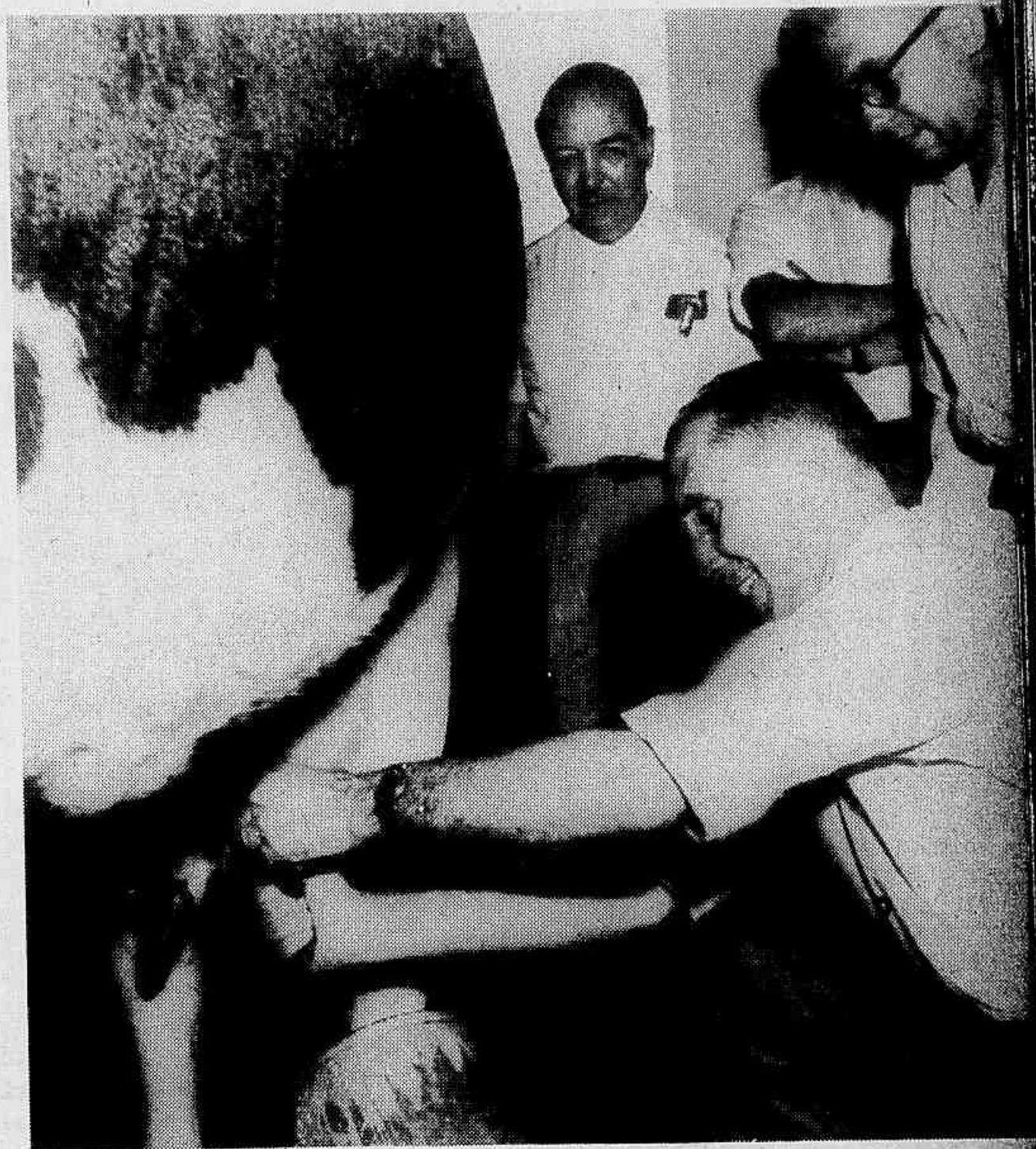
Fazenda de São Paulo, qualquer palavra sua pode ser interpretada num sentido que concorra para perturbar ainda mais a solução da crise.

Sabe-se, porém, que ele não está otimista ante a situação atual e as perspectivas da economia cafeeira. Mas se limita a dizer que “a Secretaria da Fazenda e o governo paulista acompanham com o maior cuidado a situação”.

MINISTÉRIO DA FAZENDA, NÃO

Diz o secretário que não há fundamento nas notícias sobre sua ida para o Ministério da Fazenda.

“Sem individualizar o caso, não acho possível mudar



O candidato ordenha (bem) a vaca Rosana, uma das dez mais leiteiras do Estado.

substancialmente de orientação econômico-financeira no meio de um governo com outra orientação já firmemente executada.

Por isso, se fôr convidado para substituir o sr. José Maria Alkmim, não aceitará. Candidato natural, ele admite ser à pasta das finanças nacionais. Mas só num princípio de governo, “como neste” (o de Jânio), em que começou também com a nova administração.

Quanto à política econômico-financeira dos srs. Juscelino Kubitschek e José Maria Alkmim, deu por encerradas as suas críticas. Não acha conveniente reabrir a discussão.

Conclui, depois de dizer que não abre mão de sua candidatura:

“Pelo saneamento financeiro e pelo regime de responsabilidade dos homens públicos, eis porque aceitei a Secretaria da Fazenda de São Paulo, eis a razão pela qual enfrentei as incompreensões diante da política adotada e eis porque agora vou, com os que confiam nesses símbolos, lutar para que essa política seja mantida e fortalecida em São Paulo, como exemplo para todo o Brasil”.



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

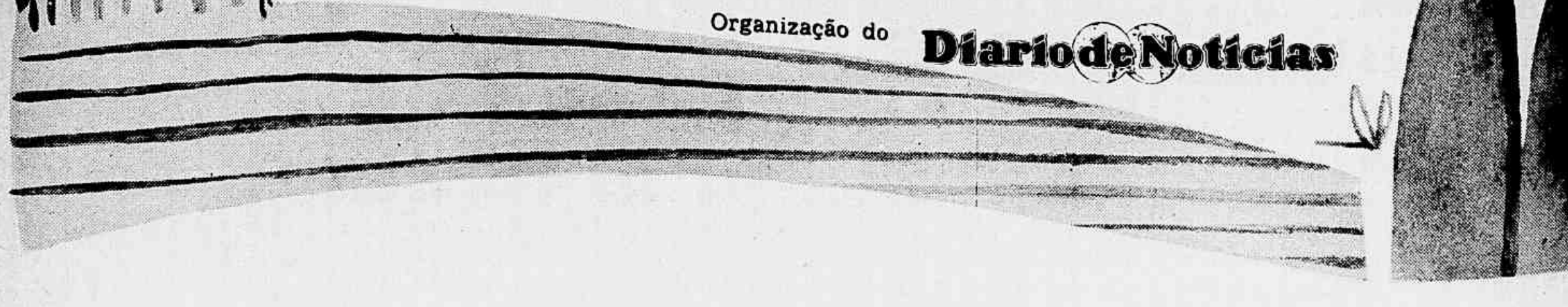
Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias





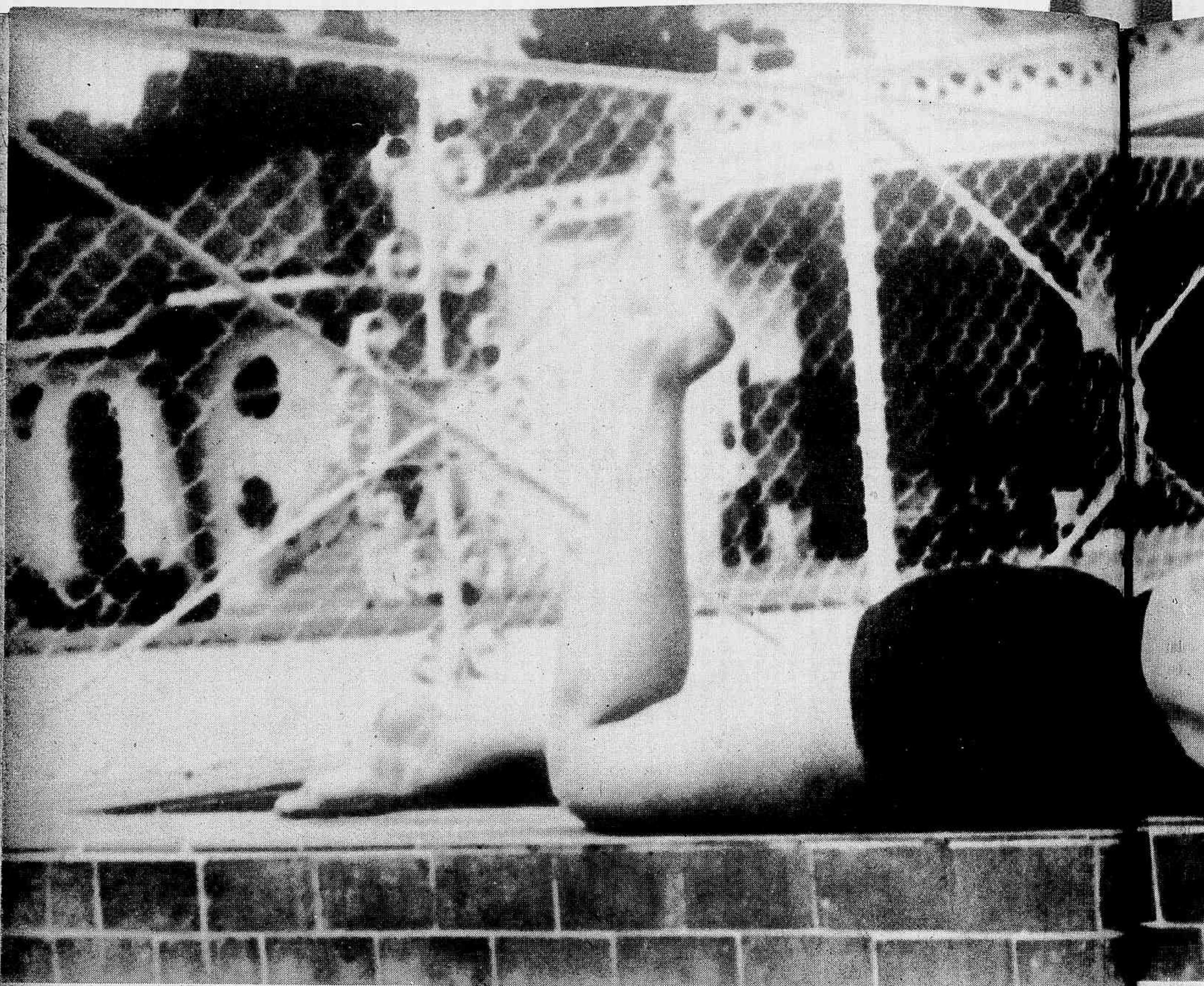
O piscinão não tinha água; a piscininha e nossa boca estavam chelas.

IVANA NÃO DEU BOLA PRÁ PORFIRIO RUBIROSA

MISS IVANA KISLINGER chegou em Long Beach, botou o maiô de uma peça (inteira) e começou a desfilar com as outras moças dos outros cantos. Resultado: ficou entre as cinco mais belas do mundo ao lado da nossa Martinha, que foi a segunda por causa de questão de polegadas.

Depois disso tudo ela recebeu um convite para ir a Hollywood. Foi. Depois recebeu outro convite





A exportação está preocupando os argentinos

ainda mais interessante: para ir a uma festinha com bebidas, doces, salgadinhos e danças na casa com piscina de Miss Zsa Zsa Gabor, húngara de Hollywood que todo mundo sabe quem é. Aceitou.

Quando Ivana disse a suas coleguinhas que ia a uma festa na casa de Zsa Zsa recebeu um aviso: "não vá de jeito nenhum porque festa em casa de Zsa Zsa é muito perigosa". Ivana perguntou por quê. A resposta: porque Zsa Zsa está namorando o sr. Porfirio Rubirosa que todo mundo sabe quem é.

"E daí?"

"Daí você vai ficar apaixonada por ele. Basta ele olhar para uma mulher que ela fica logo apaixonada".

"Mas eu vou".

Foi.

Quando o cadilque do argentino que era sua companhia em Hollywood parou na porta da casa de Zsa Zsa um senhor já grisalho, falando espanhol com sotaque argentino veio todo sorridente e disse:

— Miss Argentina?

Sim, senhor. Sou Ivana Kislinger.

— Muito prazer e faça o favor de entrar. A festa está gostosíssima".

Ivana entrou, procurou logo saber quem era o Rubirosa que faz mulher se apaixonar logo por ele e aí lhe disseram: "Rubirosa é aquele moreno de cabelos grisalhos que recebeu você na porta".

— E eu não me apaixonei!

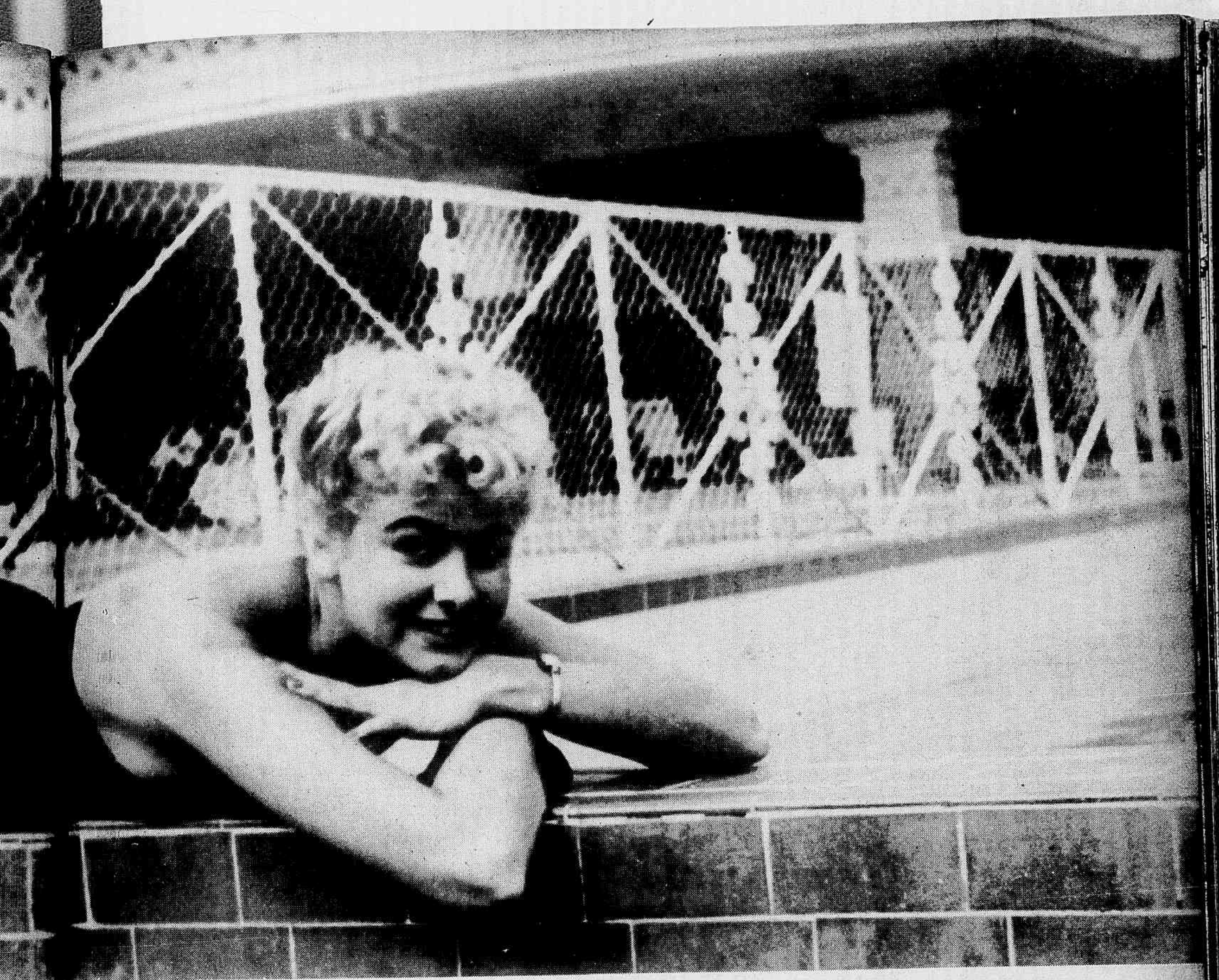
Depois as coleguinhas de Ivana perguntaram se ela tinha encontrado Rubirosa. "Encontrei". "Apaixonou-se?" Ela respondeu:

— Não, porque não sabia que era ele. Quando soube já não tinha mais graça.

IVANA KISLINGER é considerada a mulher mais bonita que a Argentina já exportou. Depois que foi miss Argentina e uma das 5 finalistas de Miss U ela fez cinema em Buenos Aires mas abandonou porque a indústria cinematográfica argentina parou. Então ela foi para a Itália, onde está fazendo fotonovela e cinema.

Veio ao Brasil pelas mãos experientes de Hélio Polito, chefe da seção fotográfica do nosso Departamento Especializado. E já faz parte dele, D.E.

Opinião abalizada de Porfirio Rubirosa sobre Ivana: "nós não nos apaixonamos porque ela não se apaixonou por mim. É lamentável que isso tenha acontecido".



nos

Rubirosa
issseram:
recebeu

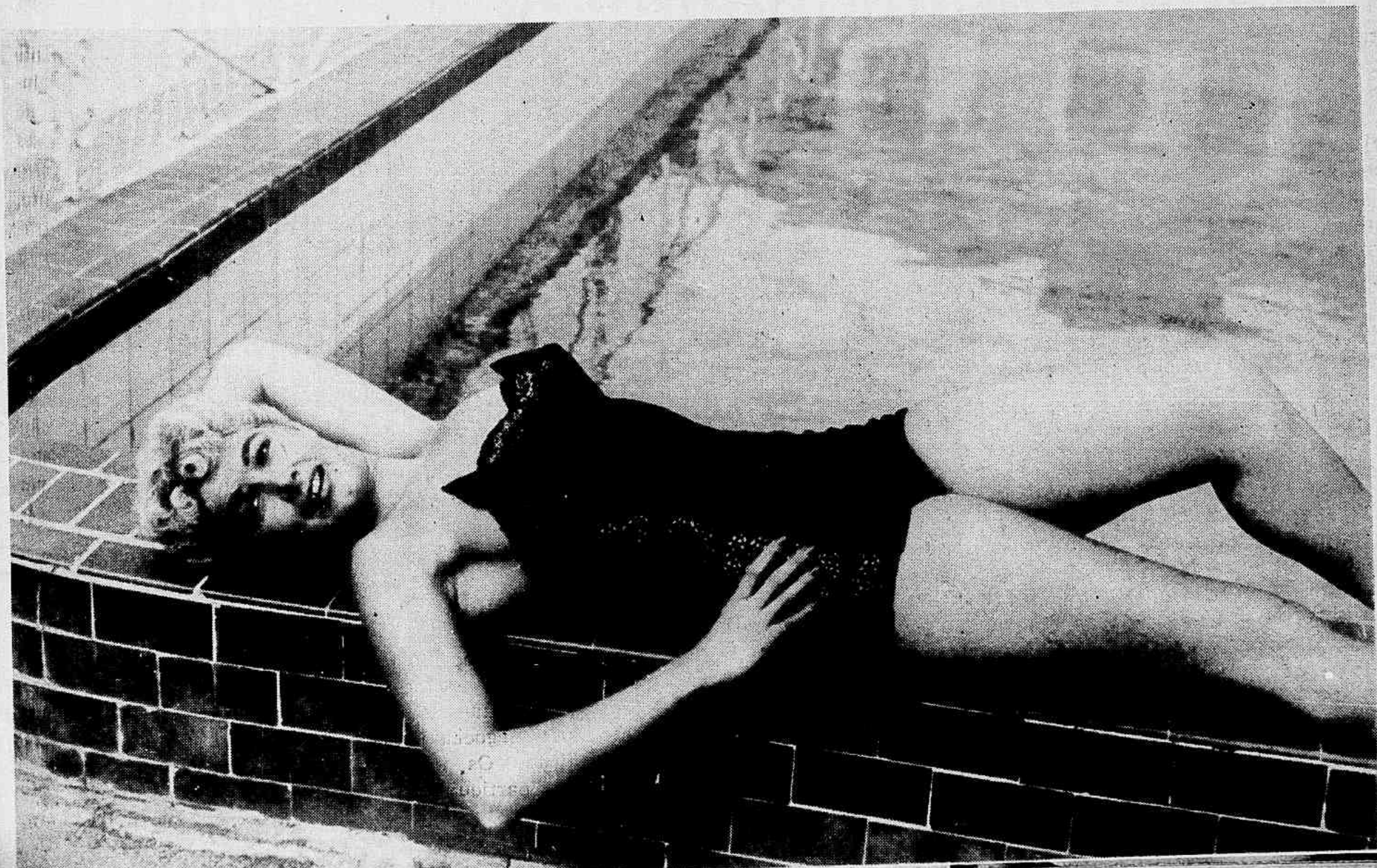
ela tinha
e?" Ela

soube já

is bonita
Argentina
n Buenos
tográfica
está fa-

o Polito,
Especiali-

na: "nós
por mim.



BASTIDORES DO PETRÓLEO NO ORIENTE MÉDIO

O PETRÓLEO ESTÁ nos bastidores de tôdas as lutas políticas internas e da política internacional no Oriente Médio. De suas reservas petrolíferas depende, em boa parte, a estabilidade da economia da própria Europa, assim como depende, atualmente, a sobrevivência da maioria dos países árabes.

O petróleo do Oriente Médio é essencial para:

1. Os Estados produtores, cujo objetivo é uma elevada produção, a preços altos e a maior parte possível nos lucros;
2. os países de trânsito (exemplo típico: Líbano), que também desejam obter a renda mais elevada possível do petróleo — que apenas passa por seus territórios;
3. as companhias internacionais (Aramco, Standard Oil, Socony Mobil, etc.), cuja obrigação é prever a procura mundial bem como os preços para poderem orientar sua futura produção. Além disto, as companhias enfrentam as rivalidades dos produtores nos Estados Unidos, como também as exigências de lucros cada vez maiores dos árabes;
4. os acionistas das companhias ocidentais, que exigem o maior rendimento possível do capital que empregaram no negócio;
5. as nações européias, que exigem um fornecimento perpétuo, em quantidade de acordo com suas crescentes necessidades. Neste sentido convém lembrar que até o dia em que a energia atômica para fins pacíficos for usada em escala ampla, o petróleo do Oriente Próximo constituirá um dos fatores mais decisivos na conjuntura político-econômica internacional.

APROVEITADORES E CONCORRENTES

No fim do ano passado, segundo estatísticas relativamente insuspeitas (no petróleo todos os dados costumam ser suspeitos, pois nenhuma parte quer colocar as cartas na mesa, para não mostrar ao concorrente os verdadeiros fatores do problema), o rei Ibn Saud (a maior fortuna individual do mundo), já recebera 300 milhões de dólares de "royalties" do petróleo extraído pelos norte-americanos de seus vastos domínios no deserto.

Seu maior rival, o Xeiue Abdullah al Salin al Sabah, do território de Kuwait, cujo nome muitas vezes só pode ser encontrado nos mapas com dificuldade, constituindo, porém, um dos pontos mais importantes do Oriente Médio, tivera rendimentos quase iguais.

Considerando que as grandes companhias ganharam, dólar por dólar, tanto quanto haviam pago aos donos do petróleo, na base de uma divisão de lucros em 50%, os lucros globais do ano excederam amplamente os dois bilhões recebidos no total pelas companhias e esses potentados no ano de 1956, que foi bastante agitado, não permitindo a realização normal dos negócios.

Em fins de outubro passado, porém, estes negócios pareciam seriamente ameaçados, quando uma companhia japonesa (a "Japanese Oil Trading Company") realizou um acordo com o governo da Arábia Saudita, para exploração das reservas de jazidas submarinas ao longo da costa, em termos que quebrariam a base tradicional dos 50%. Os acordos existentes entre o governo de Ibn Saud e a Aramco, por exemplo, pertencente aos norte-americanos, prevêm a divisão em duas partes iguais dos lucros provenientes da venda de petróleo pôsto no cais, nesse país, o que no caso da Aramco equivale à venda a suas filiadas norte-americanas.

Agora, os japoneses ofereceram aos sauditas não somente 56% dos lucros, mas essa percentagem ia ser aplicada inclusive às vendas ao consumidor, nos postos de gasolina de Osaka ou de Kobe. E mais importante ainda: os japoneses concordaram em que um terço dos diretores e dos empregados da nova empresa fossem cidadãos da Arábia Saudita, o que representa grande passo à frente, pois nas administrações norte-americanas os sauditas raramente chegavam a ocupar cargos de destaque.

Ao mesmo tempo, uma companhia italiana, a AGIP, dirigida pelo conhecido homem de negócios Enrico Mattei, ofereceu à Pérsia uma participação de 75% nos lucros, caso fosse extraído petróleo da concessão que lhe fora dada. O contrato, extremamente complexo e realmente novo, não obriga ao pagamento do "bônus" habitual pelo simples direito de fazer pesquisas e também prevê que os persas paguem metade das despesas com a exploração, até que seja descoberto o petróleo.

Trata-se, nestes dois casos, mais de experiências, cujo resultado somente poderá ser constatado no futuro. Até então os donos reais do mercado continuarão sendo as companhias americanas e britânicas.

Estes estão negociando de governo para governo, de maneira realista. Os norte-americanos, em troca, negociam de empresas particulares para governos estrangeiros, e esta

ólar
óleo,
bais
no
1956,
rmal

are-
nêsa
órdo
re-
rmos
ordos
por
di-
enda
amco

mente
nclu-
a de
nêses
npre-
adita,
istra-
m a

diri-
ofe-
caso
a. O
não
ireito
guem
des-

cujo
então
anhias

e ma-
ociam
e esta



situação coloca as empresas particulares em desvantagem, visto que tratam como particulares com potências estrangeiras. Estas potências fazem transações, e auferem os respectivos lucros, mantendo, em última análise, o domínio que fôr encontrado ou construído em seus territórios.

Alguns especialistas que estudaram seriamente a evolução do problema, alegam que existiu uma ligação demasiadamente íntima entre as companhias de petróleo norte-americanas, e o governo dos Estados Unidos, no Oriente Médio.

As críticas se resumem no seguinte: demasiada colaboração com o governo e os ingleses. Na realidade, quanto mais se examina o panorama dos interesses norte-americanos no Oriente Médio, mais se chega à certeza de que não há prova de apoio mútuo entre interesses governamentais e particulares a tal ponto que servisse para delimitar zonas de responsabilidades, claras e complementares.

NOVAS PROPOSTAS

Anthony Nutting, destacado político inglês, e o deputado libanês Emile Bastani, um dos especialistas no assunto, afirmaram recentemente que as vantagens para o Oriente Médio devem ser bem maiores, mas que elas deveriam ser distribuídas de maneira a beneficiar todos os povos da região é não apenas alguns, como atualmente está acontecendo. A prosperidade econômica e social do Oriente Médio — alegam os que defendem esta tese — não pode e não deve ser medida em termos de prosperidade de alguns estados produtores. Devem ser beneficiados os outros países também, para que, assim, se chegue a uma certa igualdade que, antes de favorecer um país, possa favorecer uma região.

O mundo precisa de petróleo. Isto se viu quando o coronel Nasser, durante a campanha do Suez, bloqueou, por mais de um ano o Canal, provocando uma súbita escassez do produto, cuja tremenda repercussão foi sentida no mundo inteiro. Naqueles dias viu-se claramente em que medida o Ocidente está ligado às regiões petrolíferas do Golfo Pérsico.

Recentemente, o secretário de Estado, John Foster Dulles, propôs a construção de frotas de superpetroleiros, mas sua tese foi rejeitada, pois quem teria sido o primeiro privilegiado (antes de qualquer país) teria sido o armador Aristóteles Onassis. O problema colocado em termos certos, é de transportar petróleo, sempre em quantidade constante e previsível, a preços razoáveis.

Tomando o exemplo da "Comunidade Européia de Carvão e Aço", que começa a dar excelentes resultados, falou-se também na criação de uma entidade supranacional que extraísse e vendesse o petróleo da região, distribuindo os lucros, para que houvesse um abastecimento regular e também um lucro razoável.

Essa solução, que certamente atingiria a soberania dos interessados numa época em que tanto se fala em nacionalismo, é provável que não seja aceita, sobretudo numa região que agora descobriu o que é soberania. Ao mesmo tempo, porém, o Oriente Médio fez recentemente uma descoberta sensacional, que foi posta em prática com a união sírio-egípcia: a da interdependência de seus países com os países produtores e de trânsito, e suas ligações econômicas com os estados consumidores em outras regiões.

Alguns comerciantes de petróleo costumam falar nos bastidores, da necessidade de aumentar a sociedade, de mercado comum e até mesmo na tutela das reservas de petróleo dessa região, para o bem comum, desde os produtores aos consumidores, e inclusive de todos os governos diretamente interessados na região.

Chegando neste ponto, seria difícil não falar na Rússia, e assim chegaríamos à conclusão, por mais uma vez, de que não existe uma política nitidamente definida na região.

Os êxitos que os russos vêm obtendo no mundo árabe dificultam a política norte-americana que, antes de mais nada, vem cuidando de seus negócios sem levar em conta os outros dados do problema.

Por isso, seria talvez mais racional elaborar um esquema internacional, a fim de encontrar uma solução justa para o Oriente Médio, pacificando a região, que, nas atuais condições, não deixará de ser um barril de pólvora, num dos mais delicados pontos do mundo.

1. CESSÃO DAS PROVAS ATÔMICAS

Quando o recém-empossado "premier" Nikita Krushchev anunciou que a Rússia está disposta a cessar unilateralmente as provas nucleares ninguém se surpreendeu, embora a decisão fôsse importante e de repercussões realmente espetaculares.

Semanas antes da destituição de Bulganin os soviéticos deram a entender que estavam preparando (por trás dos bastidores) algo de novo, que o Ocidente dificilmente realizará, embora conte para isto com todas as possibilidades.

Cientistas ocidentais afirmaram, após estudar demoradamente a nota russa, que se trata realmente de hábil manobra de propaganda, pois a cessação unilateral acabaria apenas com as grandes explosões, enquanto que as de menor potência poderão continuar, na Sibéria ou nas montanhas Urais.

Os Estados Unidos não conseguirão realizar esta manobra, e, em consequência, uma paralisação sua significaria uma cessação real e efetiva.

Alegando que não pode pôr em perigo a defesa do mundo livre, as autoridades norte-americanas anunciaram, em comunicado do Departamento de Estado, que enquanto subsistirem as atuais condições as provas nucleares continuarão normalmente.

2. GREVES NA ESPANHA

Em Barcelona os operários enfrentam o regime do generalíssimo Franco. Em poucas semanas a classe operária se opôs várias vezes à política do governo que, mais dia menos dia, levará o país à inflação e à falência.

Por enquanto a polícia conseguiu deter a onda de descontentamento mas isto ainda não significa que a crise está vencida. Dia a dia aumenta a revolta popular e as autoridades não têm outro remédio senão fechar as fábricas em que se provoca a greve.

No começo, a polícia tentou silenciar o assunto, acreditando que se tratava de distúrbio passageiro, mas como a reação continua crescendo, foram detidos vários dirigentes do movimento. Para assustar os outros, os nomes dos detidos foram publicados em todos os jornais com o clássico rótulo de "comunistas".

A receita de Franco não deu, porém, o resultado esperado. Dentro em breve, o ditador terá de resolver dificuldades maiores.

3. HAMMARSKJOLD EM MOSCOU

Estêve durante alguns dias em Moscou o secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjold, tentando resolver desentendimentos existentes entre o Leste e o Oeste, profundos e numerosos.

Esta visita, realizada às pressas, como costumam ser feitas todas as que aquele funcionário costuma realizar, não conseguiu nem acabar com o mal-entendido nem convencer os russos de que a posição em que se colocaram não tirará o mundo do atual impasse.

Hammarskjold, homem de bem e boa-vontade, não conseguiu, nem desta vez, chegar à altura do cargo que ocupa.

Além disto, ele se encontra em posição delicada para conversar com os russos, pois, após a revolução húngara foi ele quem recebeu a negativa do governo Kadar, quando a ONU quis enviar um funcionário para investigar no local a situação criada em novembro de 1956.

Como subjugar as palavras?

O SR. SYLVIO DE OLIVEIRA — que estreou em 1954 com um livro de versos, "O Silêncio da Noite" —, acaba de lançar novo trabalho, êsse "Eterno Mundo" que temos em mãos (1). Realizou, de certo, algum progresso desde o aparecimento do volume de estréia; sua poesia, porém, não ultrapassou ainda o tom menor. E já diremos porque.

O livro de agora se compõe de 35 poemas, vinte dêles datados de 1955, treze de 1956 e dois apenas de 1957. São poemas em que a preocupação formal raramente transparece (com exceção de "A Bailarina" e "Divagações em torno da Corporalidade", talvez o melhor da coletânea), poemas que versam, o mais das vezes, sobre temas de atualidade (expressões como: "inconsútil Bomba H", "supersônicos aviões", "listas de dez mais" e "pra Brasília eu vou" se sucedem no livro, muito freqüentemente contribuindo para o seu comprometimento definitivo).

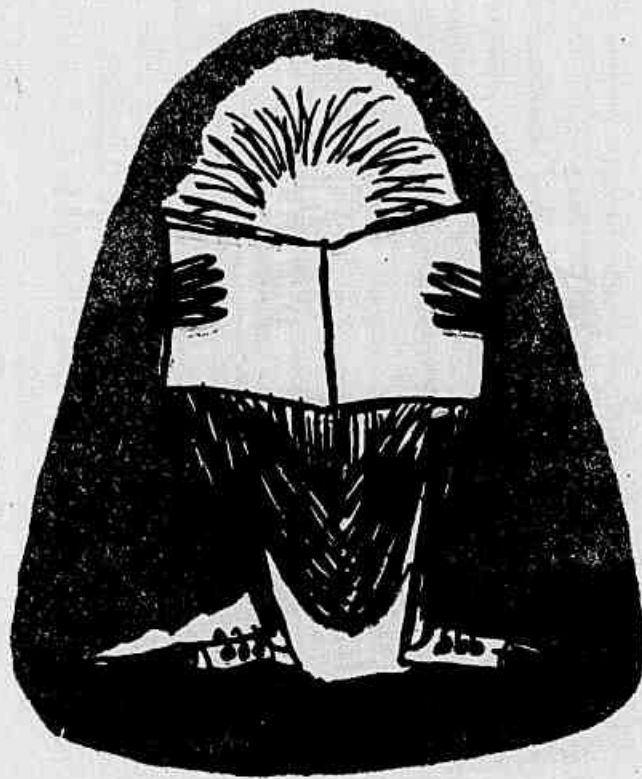
Mas falar de temas atuais não basta para conferir, a um poema, modernidade, atualidade — e aí é que, a nosso ver, reside a origem do equívoco do poeta Sylvio de Oliveira: êle adotou a forma moderna (ou o que julga forma moderna), mas no fundo se conserva fiel a toda uma temática já explorada sobretudo pelos românticos (2).

É um poeta que não polícia sequer as inúmeras chaves-falsas, os incontáveis lugares-comuns que são a terra-de-ninguém da literatura, o câncer da linguagem, a que viciam e terminam afinal por destruir. Exemplos? Aqui vão, só no primeiro poema do livro (e sem levar em consideração o próprio título "Eterno Mundo"), "Revelação": **mãos inquietas, olhar profundo, estradas que os meus pés sulcarão pelas encruzilhadas do tempo, pão de todo dia, sinfonias que a música ainda não conseguiu revelar, palpitar de festas, etc.**

Existe, em "Revelação", como em alguns outros poemas ("Ocaso", "Poema em que se fala do abandono lúcido", "Noite", "Esperarei", "Poema Lúcido do Homem em Frustração", etc.), certa remota influência de — ou afinidade com — Deolindo Tavares. Há, em todas essas peças, um parentesco lírico entre Sylvio e Deolindo, e mesmo, na poesia do primeiro, freqüentemente reaparecem imagens e recursos do criador de Willy Mom-pou, é claro que sem a força lírica dêsse, sem a comovente beleza dos versos do moço pernambucano, tão cedo morto. Uma pesquisa mais demorada no capítulo das influências recebidas por Sylvio de Oliveira, indicaria, quer-nos parecer, a origem de sua forma poética em escritores como Drummond de Andrade (veja-se o poema "O Branco no Branco" —

cujo título aliás pagou tributo ao de um poema de Bandeira), como o próprio Bandeira, sobretudo como Lêdo Ivo e outros da mesma geração (leia-se: "As Metrópoles", "Ocasos", "Poema Escrito de Memória", etc.).

Porque já afirmava Gide que é com bons sentimentos que se faz a pior das literaturas, um poema como "Ode às Minhas Filhas" não pode ser levado em consideração: é um documento de amor paterno, não uma peça poética. Também não são poesia, mas prosa —, peças como "Ronda da Vida e da Morte", "Retirada à Base de Lucidez", "Brasília", "O Homem Moderno"; prejudicados por tantas



exclamações e tantas indagações aparecem as peças: "As Palavras", "O Eterno Mundo", "Vontade" (essa, bombástica em demasia), "As Metrópoles", "As Mãos e a Bôca", "Poema das Cinco Horas da Tarde de um Certo Dia", "Esperarei", "Considerações Sobre os Domingos", etc.

Mas é para o poema "As Palavras", há pouco citado, que desejamos chamar a atenção do leitor. Não que êle seja um bom poema: mas porque sintetiza o impasse ante o qual permanece a poesia de Sylvio de Oliveira:

Eu sei supremo e eterno
o que me devassa o pensamento
mas como subjugar as palavras?!

Como subjugar as palavras. Tema antigo, mesmo em nossa literatura, tema que mereceu a atenção de Bilac e de Augusto dos Anjos, entre outros poetas do passado, e a de Drummond, no presente (3). Sylvio de Oliveira afirma ser "supremo e eterno o que lhe devassa o pensamento", e queixa-se de não poder, ou não saber, "subjugar as palavras";

por conseguinte, afirma ter as idéias, mas não saber como expressá-las. Ora, aqui vale a pena repetir o caso da conversa que, sobre um soneto, mantiveram um dia Mallarmé e o pintor Degas (4). Queixava-se Degas — um bom sonetista, diga-se de passagem (5) — das dificuldades que o gênero lhe oferecia, a um grupo de pessoas, entre as quais se encontrava o poeta de "Un Coup de Dés". Dizia: "No entanto, não são as idéias que me faltam... Estou repleto delas... Tenho-as até demais..." — Ao que retrucou com doçura Mallarmé: "Mas, Degas, não é com idéias que se fazem versos, é com palavras".

E Sylvio de Oliveira parece acreditar ainda no valor da inspiração, e não recua diante dos mais estereotipados lugares-comuns... Veja-se, nesses três versos, a falta de musicalidade, a ausência de força poética, o prosaísmo que contém:

"e vontade de viver feliz, sendo
[desgraçado!],
"arremessa tuas granadas de poesia",
[sia],
"que o pulso da civilização nos
[legou]."

No entanto, não são versos escolhidos a dedo, porém tirados a êsmo, sem qualquer preocupação. Três versos apoéticos, antipoéticos.

De modo que nada se salva em "Eterno Mundo", já que a capa, de Ivan Serpa, é má e está ainda prejudicada por uma péssima impressão, já que as ilustrações de Farnese são apenas exóticas mas não belas.

Não: salva-se o poema "Divagações em Torno da Corporalidade", em que se encontram alguns bons achados; salvam-se certas ousadias formais que se insinuam no poema "O Minuto e o Mar"; salva-se, enfim, a dedicação do autor à Poesia — dedicação que praza aos céus um dia lhe aponte o caminho exato a seguir, longe das ênfases e das debilidades de agora.

1) "Eterno Mundo", por Sylvio de Oliveira. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1958. Capa de Ivan Serpa. Ilustrações de Farnese. 77 páginas.

2) Nesse equívoco, aliás, debatem-se as duas tórcas partes de nossos chamados "poetas modernos".

3) Bilac lhe dedicou um poema em linguagem pomposa, "Innania Verba"; Augusto dos Anjos dêle tratou em "A Idéia"; Drummond já lhe dedicou ao menos dois poemas: "Poesia" ("Alguma Poesia", 1930), e "Fragilidade" ("A Rosa do Povo", 1945).

4) O caso vai narrado em "Degas, Danse, Dessin", de Paul Valéry (Gallimard, 37.ª edição, 1949, páginas 96-100).

5) "Degas en a laiss  une vingtaine de remarquables", afirma Valéry no livro citado, referindo-se a sonetos.



CIGARRINHOS DE MOSCOU

Abril, 58.

Luís.

Se você pretende receber o sr. Luís Carlos Prestes em sua casa, tome 250 gramas de farinha de trigo, uma pitada de sal e só acrescentando, aos poucos, seis ovos e quatro xícaras de leite. Numa frigideira, ponha manteiga clarificada (pouca quantidade); quando estiver quente, vá fritando, aos poucos e dos dois lados. As folhas devem ficar finas. Corte do tamanho de papel de cigarro, recheie com um pouquinho de caviar, enrole como um pito. Sirva, morno.

Esta receita, Luís, é chamada de "cigarrinhos de Moscou". Acompanhe servindo rum e Coca-Cola, o que será interessante.

Se o coquetel for para mais pessoas, faça outros salgadinhos:

Brochettes d'huitre — Abra três dúzias de ostras frescas e pequenas, retirando os moluscos. Tempere com gotas de limão e guarde na geladeira. Na hora, enfie em espetos cubos de 1 ½ centímetros de bacon, de queijo e de pão, intercalados com uma ostra no centro. Passe-os em manteiga derretida, em pó de pão e frite, em manteiga clarificada.

Canapés aux anchois roulés — Corte rodela em fatias finas de pão de forma. Passe por cima uma camada de mistura de queijo amassado (250 gramas) com duas colheres de manteiga. Arrume em tabuleiros. Pegue enchovas enroladas e em conserva, escorra, ponha uma sobre cada rodela. Meia hora antes de servir, leve ao forno, só para esquentar.

Prunes au bacon — 300 gramas de ameixas macias. Corte ao meio, sem destacar. Retire os caroços, pondo no lugar um pouco de mostarda. Use bacon enlatado e cortado em fatias. Pegue tiras de 1 ½ centímetros de largura, enrole o toucinho nas ameixas e prenda as pontas com um palito. Na hora de servir, frite, em pouca manteiga e sirva bem quente, sem tirar os palitos. Há quem enrole o bacon dentro das ameixas, mas, ao fritar, as ameixas ficam comprometidas.

Pomme au bacon — Faça como as ameixas acima, substituindo-as por pedaços de maçã.

Celeri au fromage rosé — 36 folhas de alpo. Aproveite só a parte branca, cortando-a em partes iguais. Apare, raspe um pouco e guarde mergulhado em água fresca. Amasse 250 gramas de queijo com 150 gramas de manteiga; tempere com savora e um pouco de sal; faça um colorido com suco de beterraba. Com uma seringa grossa, esprema a massa na parte côncava do alpo. Guarde na geladeira. Sirva gelado.

Do seu

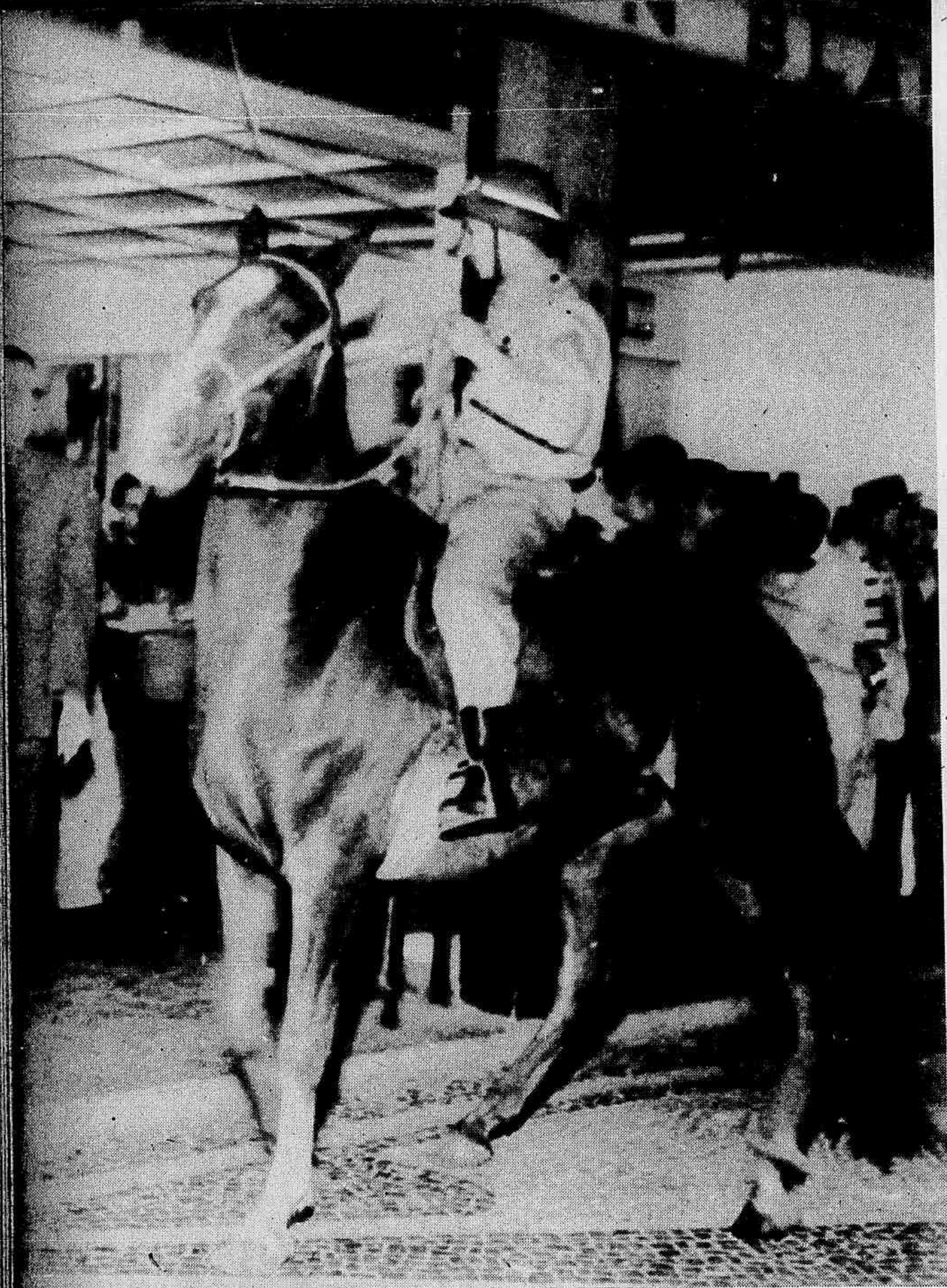
PIERRE NARCEJAC

PS — Manteiga clarificada prepara-se assim: misture bem açúcar com água; deixe ferver; junte duas claras; bata bem e leve ao fogo. Quando estiver fervendo, retire, deixe repousar e tire a espuma grossa com uma espumadeira. Passe a calda num guardanapo úmido e leve novamente ao fogo. Junte depois a manteiga. Para 500 gramas de açúcar, duas xícaras de água e 100 gramas de manteiga.

P. N.

Brandas
58.

EM CURITIBA DE MÃE-PEGA



A ordem era evacuar a Avenida, "com todo rigor". Resultado: pancadaria.



Cavalos e espadas contra vaia e corre

NAO SATISFEITA com a Portaria da COFAP que congelou os preços das anuidades escolares, a direção do Colégio Iguaçu (conhecido popularmente por Colégio PP — Pagou Passou), de Curitiba, Paraná, impetrou mandato de segurança contra ela, conseguindo despacho favorável da Justiça.

A essa altura dos acontecimentos, já estavam iniciadas as aulas, há quase trinta dias, e os alunos foram obrigados a depositar a diferença do preço das anuidades.

Inconformados, na noite de 24-3, depredaram o colégio quebrando tôdas as carteiras e não deixando um vidro intacto.

Naquela noite, 10 viaturas da Polícia Civil e um Pelotão da Polícia Militar guarneceram o colégio PP.

Sem líderes, agindo como melhor conviesse, na manhã seguinte estudantes dos mais diversos colégios de Curitiba se aglomeraram em frente ao Colégio Estadual do Paraná.

Atacados pela Polícia, que procurava desfazer a manifestação, os estudantes (em maior número) apedrejaram os milicianos e iniciaram uma série de quebra-quebra, tendo, inclusive, quase incendiado um ônibus.

Deixaram o local e, incorporados, alcançaram as principais ruas centrais, provocando estragos por onde passavam. Depois de atentarem contra a Universidade do Paraná (que nada tinha a ver com a luta), entraram na principal rua

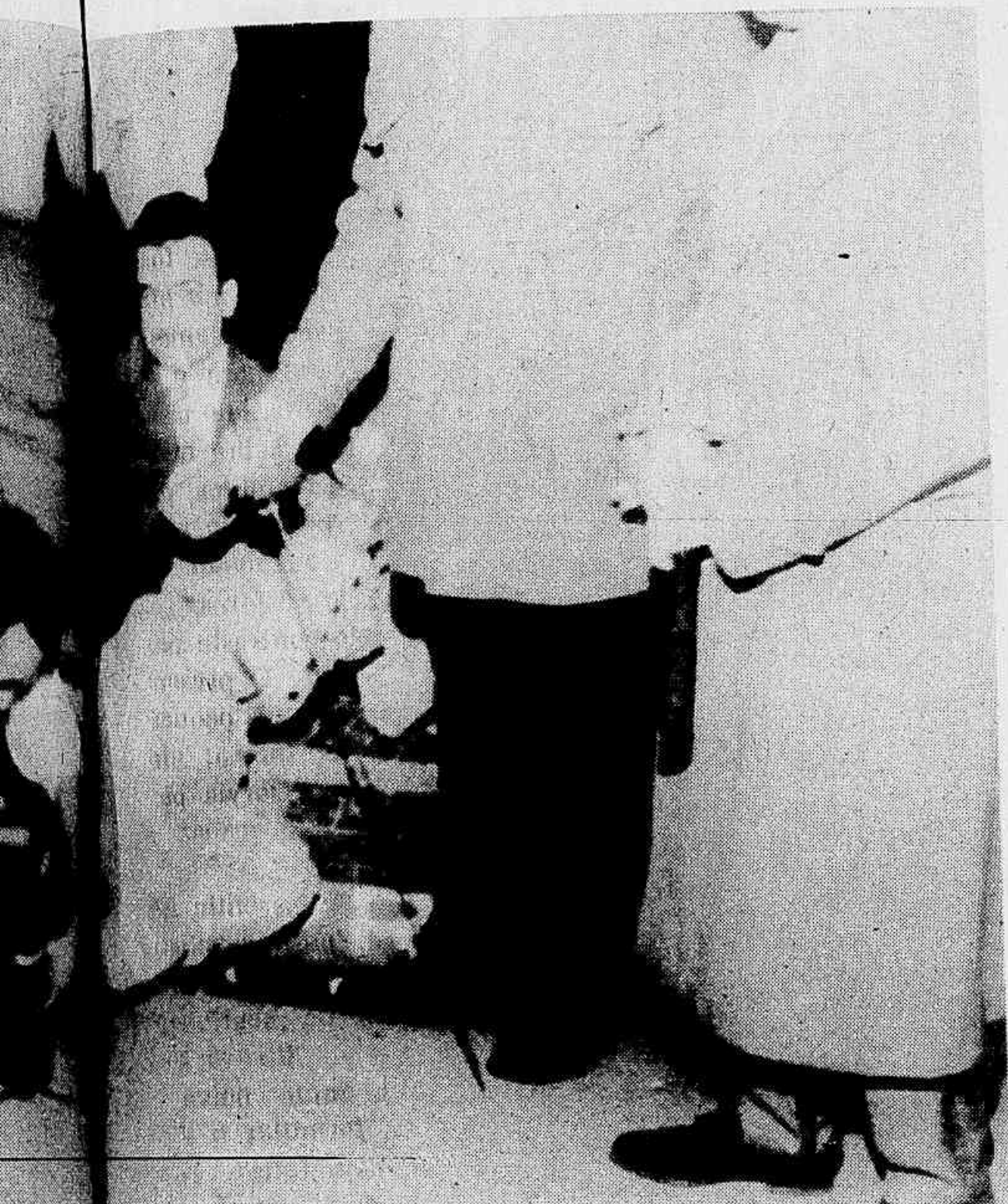
da cidade, a XV de Novembro, quebraram duas vitrinas e foram ao Colégio Iguaçu, onde novo apedrejamento foi feito.

À noite, prosseguiram as manifestações estudantis diante dos colégios. Naquela noite — dia 25-3 — os demais colégios secundários da Capital interromperam suas aulas até a segunda-feira seguinte. Os estudantes, que deixaram os colégios ao mesmo tempo, foram unir-se aos manifestantes.

No dia seguinte — 26-3 — a Polícia deu ares de sua graça, através dos matutinos: afirmou que "as manifestações pacíficas dos estudantes, haviam se transformado em atos de vandalismo e que, daí em diante, a Polícia agiria com todo o rigor que fôsse necessário".

Não intimidados com as palavras da Polícia, voltaram os estudantes a se reunirem naquela mesma noite de 26-3, na Avenida João Pessoa. Não estavam, porém, realizando qualquer manifestação. Apenas reunidos. Às 21,30 a massa estudantil foi engrossada pela massa popular que, naquele momento, deixava os cinemas. Perto de 10 000 pessoas se acotovelavam na Avenida João Pessoa quando, dispostos a terminar com toda e qualquer manifestação, "a custo de todo rigor", conforme determinou a chefia de Polícia, a P.M. invadiu a Avenida, distribuindo cacetadas nos que encontravam pela frente. Vaiados por mais de dez mil pessoas,

CURITIBA A POLÍCIA BRINCOU PEGA-TUDO COM O POVO



ria. Os bombeiros é que resolveram.

os ânimos dos milicianos provocaram novas ondas de violências. Impotentes diante de tanta gente, os soldados recorreram à Cavalaria, que entrou acintosamente no meio do povo distribuindo golpes de espada.

Não acostumado a tais manifestações (a última manifestação popular se deu em 1952, por ocasião do aumento do preço da carne. Na época, açougues foram fechados e a carne foi arrastada pelas principais ruas), o povo ali reunido começou a se dispersar, formando, porém, muitos grupos.

A Polícia, que até ali avançara contra o povo todo reunido, foi constantemente vaiada pelos estudantes. E enquanto um grupo viajava e corria imediatamente (com os cavalários atrás), outro grupo provocava manifestações trazendo de volta a Polícia. Esta avançava e o povo corria. Outro grupo viajava e quando a Cavalaria se preparava para atacar não havia mais gente reunida.

Vaiando e correndo, evitando assim que os milicianos pudessem agir contra um só objetivo, o povo de Curitiba naquela noite fez com a Polícia uma verdadeira brincadeira de "Mãe Pega Tudo", tão conhecida dos "piás" paranaenses.

Já, então, a baderna estava generalizada e a Polícia levava a pior tendo sido, inclusive, apedrejada por diversas vezes. Inúmeras foram as quedas de cavalo.

Quando o milico caiu os "tiras" cercaram, cassetete na mão.

Fotos de Roni, do "Diário do Paraná"

Não conseguindo a violência dispersar o povo foi chamado o Corpo de Bombeiros que, com fortíssimos jatos d'água, trouxe uma nota diferente à "brincadeira". As risadas aumentaram quando os pesados carros vermelhos molharam os primeiros andares de todos os edifícios da Avenida João Pessoa, dando banho em todos aqueles que assistiam lá de cima.

Pela primeira vez Curitiba teve suas ruas lavadas.

A confusão aumentara tanto que todos levavam banho: "tiras", povo, polícia e cavalaria.

Agindo de comum acôrdo, enquanto os bombeiros davam banho, a cavalaria evacuava a avenida, fechando violentamente as portas das casas comerciais, e enchotando os populares a custa de pancada.

O espetáculo, que começara às 21 horas, acabou somente às 23,30 horas quando conseguiu, finalmente, a Polícia, dispersar para as ruas laterais toda a população que por horas se concentrou na Avenida.

O saldo do espetáculo diferente foi a queda de dois cavalários que, com isso, tiveram a perna fraturada, um deles com fratura exposta. Fora isso, mais de uma dezena de estudantes foi presa e, conseqüentemente, devidamente espancada. Não se contam aí os espancamentos avulsos.

LAPIN E LAPINOVA

2ª PARTE

Virginia Woolf


Por vezes também se distraíam; distribuindo às pessoas amigas este ou aquele papel dentro daquele reino que só a eles pertencia. Por exemplo, mrs. Reginald Thorburn ficava muito bem dirigindo uma caçada. Entretanto, tudo isto se mantinha em segredo — e isso é que é importante; ninguém no mundo, a não ser eles, sabia que tal universo existia.

Sem esse mundo todo seu como lhe teria sido possível viver, nesse inverno, pensava Rosalind. Por exemplo, quando se realizou o jantar de celebração das bodas de ouro dos Thorburn, em que toda a família se reuniu para festejar os 50 anos da união de tal modo abençoada — não tinha nascido dela Ernest Thorburn? — e de tal modo fecunda — além dele existiam nove filhos mais, rapazes e moças, muitos deles já casados

e com numerosa família. Rosalind tinha pavor destas festas. Eram, porém, inevitáveis. Enquanto subia as escadas sentia amargamente o fato de ser filha única e, ainda por cima, órfã — um grão de areia no meio de todos aqueles Thorburns reunidos no meio da enorme sala farrada a papel acetinado, fulgurante, decorada com retratos da família ainda mais refulgentes se possível. Os Thorburns vivos pareciam-se imenso com os defuntos retratados; a única diferença é que onde uns tinham lábios pintados outros tinham lábios verdadeiros, dos quais não tardou que comessem a sair espirituosas narrativas acerca de partidas feitas pelos mais novos. Contaram como tinham retirado a cadeira à preceptora quando esta ia sentar, falaram dos muitos sapos que tinham escondido entre os lençóis virginais de alguma sol-

teirona idosa, etc. Rosalind pensava consigo que nunca soubera que coisa fosse pregar peças. Com seu presente na mão avançara para a sogra, suntuosamente vestida de setim amarelo, e para o sogro, decorado com um enormíssimo crav amarelo também. Em volta, sobre mesas e cadeiras, encontravam-se muitos presentes de ouro, alguns repousando sobre ninhos de algodão. Tudo resplandecia. Havia castiçais, caixas de fósforos, correntes, tudo marcado pelo contraste para provar bem a autenticidade. O presente que Rosalind trazia era uma pequena caixa com buracinhos na tampa, uma relíquia do Século XVII que servia para deitar areia sobre a tinta, ao acabar de escrever.

Um objeto sem significação, sentiu Rosalind naquele instante, porque existia já papel mata-borrão; e viu, diante de si, apesar da secretária da sogra, em frente da qual ainda se encontrava sentada quando Rosalind ainda noiva e viera visitar, ouvindo-a formular o voto de que "o filho a fizesse feliz". Não, não era feliz. Não era de forma alguma feliz. E olhou de frente para Ernest, cujo nariz, parecido com todos os narizes da família, dava naquele instante a impressão de jamais se haver contraído mesmo levemente.

Foram jantar. Rosalind ficou meio escondida por detrás dos crisântemos enormes cujas pétalas amarelas e vermelhas se encaracolavam formando bolas espessas. Tudo sobre a mesa era dourado. Um cartão de imagens douradas com iniciais a ouro também mostrava aos convivas os pratos que lhes iam ser servidos. Rosalind mergulhou a colher num líquido amarelo. O nevoeiro embranquiçado do exterior ali dentro transformado pelos candieiros acesos numa radiação opalina, esbatia o rebordo dos pratos e fazia com que os ananases que se encontravam sobre a mesa parecessem de ouro. E no meio de tanto brilho apenas ela, embrulhada no seu vestido



branco de noivado, fitava tudo com seus olhos um nada proeminentes, parecendo um pedacinho de gelo impossível de aquecer.

A medida que o jantar decorria, sentia-se calor e pequeninas camarinhas de transpiração surgiam na fronte dos homens. Rosalind teve então a sensação de que o bloco de gelo que ela era se estava transformando em água. Sentia-se derreter, dispersar, dissolver, e estava prestes a desmaiar. E então, através da névoa que lhe envolvia o cérebro, e dos zumbidos que lhe ressoavam nos ouvidos, pareceu-lhe que uma voz de mulher exclamava, "multiplicam-se de tal maneira!"

"Quem, os Thorburns? Sim... multiplicam-se imenso", pensou, olhando em roda para todos os rostos avermelhados que, no meio da tontura que a tomara, lhe parecia ainda desdobrarem-se na atmosfera dourada que os envolvia.

"Multiplicam-se de tal maneira". Ao ouvir isto John exclamou:

"São uns vivos demônios! E preciso atirar-lhes! Saltar sobre eles com um botifarras ferradas, dar cabo deles! É o único processo de exterminar os coelhos.

Ao ouvir a palavra mágica Rosalind sentiu-se reviver. Espreitando por entre os crisântemos avistou o rosto de Ernest e o seu nariz enrugando-se e então deu-se uma misteriosa catástrofe entre os Thorburns, a mesa dourada tornou-se em brejo coberto de giesta florida e o vozear das pessoas no chilreio alegre das cotovias que cortavam o céu azul, enquanto nuvens brancas o percorriam lentamente. Quanto aos Thorburns tinham-se todos transformado. Olhou para o sogro, um homenzinho pequeno de grandes bigodes pendentes cuja obrigação principal era colecionar vários objetos — selos, miniaturas, caixas, toda espécie de pequeninas coisas do século dezoito, que depois escondia cuidadosamente da espôsa pelas gavetas do escritório. Olhou

para ele e viu tal como era na verdade, um caçador furtivo, esgueirando-se com a sacola abarrotada de faisões e perdizes caçadas às escondidas e que iria preparar uma pequenina casa escondida que lhe pertencia. Sim, o sogro era na verdade um caçador furtivo. Para isso nascera. E Célia, a filha solteira, que tinha a mania de querer saber o segredo dos outros e se esforçava por penetrar nas pequenas coisas que cada um de nós prefere não dizer, era um furão branco, albino, com o focinho cheio de terra, da terra que lhe ficava agarrada depois de terríveis caçadas. Passara a vida dentro de um saco de rede, às costas dos caçadores, e ser encafuada numa toca — era isso a vida de Célia. Que vida miserável. Entretanto era sua a culpa, de mais ninguém. Foi assim que Célia lhe apareceu nessa tarde. Rosalind olhou em seguida para a sogra — que costumava classificar de "O Fidalgo" — e avistou-a, vermelha, altiva, muito senhora de si... sim, lá estava ela agradecendo para a direita e para a esquerda a homenagem que lhe prestavam. Entretanto não foi assim que Rosalind — melhor, Lapinova — a viu, pelo contrário; o que Lapinova viu nesse momento foi a decadência da casa familiar, o estuque a esboroar-se por toda parte ao mesmo tempo que entreouviu como que um soluço por trás da voz com que a sogra agradecia aos filhos (aos filhos que a detestavam) ou manterem em volta dela a aparência de um universo que já ruiu. Subitamente fez-se silêncio. Todos se levantaram empunhando os copos; depois beberam e a festa acabou.

"Oh, oh, Rei Lapine!" — exclamou Rosalind quando regressavam a casa, perdidos no nevoeiro, "se o teu nariz não se tem contraído naquele momento, Lapinova tinha sido apanhada numa ratoeira!"

"Mas ei-la aqui, a meu lado, sã e salva", replicou o Rei Lapine, apertando entre as suas mãos a patinha dela.

"Sim, sã e salva", concordou Rosalind. E assim o rei e a Rainha atravessaram de carro o parque, percorrendo o seu reino que era um brejo bravio, nevoento e perfumado.

Passou o tempo; um ano, depois outro. Numa noite de inverno que, por acaso, aconteceu ser aniversário das bodas de ouro dos sogros — aniversário, porém, deixara de ser festejado pois mrs. Reginald Thorburn morrera e a casa fôra alugada — Ernest voltou para casa, depois de fechado o escritório; — possuíam uma linda casinha para os lados de Kensington. A noite estava fria e veio encontrar Rosalind junto do fogo cosendo.

"Sabes o que hoje me aconteceu?" — disse ela, mal ele se instalou, de pernas cruzadas, junto ao fogo. "Ao atravessar o ribeirão..."

"Que ribeirão", perguntou ele.

"O ribeirão ao fundo da floresta, onde os nossos domínios acabam" — explicou Rosalind.

Ernest pareceu completamente desnor-teado.

"De que diabo estás falando", perguntou.

"Meu querido Ernest!" — exclamou ela, pasmada.

"Rei Lapine" — acrescentou, aquecendo as patinhas ao lume. Todavia o nariz dele não se moveu e as patinhas

(Continua na pág. 31)



Uma esperança no teatro de revista

A EVOLUÇÃO do nosso teatro se processou de forma um tanto irregular, mas seus efeitos são constatados atualmente nos vários palcos da cidade. As companhias preocupam-se com repertório, elenco, direção e montagem; os espetáculos à base de uma só atração, como foram em tempos idos, os de Procópio, Dulcina, Eva, Roulien, Jaime Costa, Alda Garrido, etc., não são mais aceitos pelo público, que exige mais.

Entretanto, se essa evolução se processou no teatro de comédia, o de revista não acompanhou a proporção. Ainda observamos no teatro musicado a mesma fórmula (salvo raríssimas exceções) com os mesmos célebres números de "vedettes", os mesmos "sketches", os mesmos cenários, os mesmos assuntos, com os mesmos trabalhos inexpressivos das pobres "girls", tudo isso temperado com muita obscenidade e grosseria.

Zilco Ribeiro, um empresário que produziu algumas encenações de qualidade, ficou desprovido de local para se exhibir. A vitoriosa incursão de Silveira Sampaio nesse gênero, foi de curta duração. Renata Fronzi, que também estava imbuída de nova mentalidade, dedicou-se à comédia. O produtor Walter Pinto tem o mérito de não temer a montagem de espetáculos grandiosos, mas na parte do "script" não evoluiu, continuando a explorar piadas de mau gosto em textos pobres. Outro produtor que poderia dedicar-se ao gênero musicado popular é Carlos Machado, mas, receoso, limita-se a produzir "shows" de "boltes", cobrando preços extorsivos a um seletíssimo grupo de espectadores.

Há uma esperança de melhoria quanto à nova companhia que deverá estreiar ainda este mês no Teatro República, pondo em "show" a história de alguns personagens das músicas do excelente compositor Dorival Caymmi; nos Estados Unidos, em Paris, em Londres, etc., o teatro musicado é feito com desvelo e atrai um público numerosíssimo. Por que, aqui, no Brasil, os empresários não se preocupam com o problema, preferindo montar espetáculos de qualidade inferior, valendo-se de bilhetes pseudo-gratuitos ("valipetas") para atrair público aos espetáculos? Esperamos que o exemplo dessa nova companhia des-

perte os outros produtores de musicais, elevando o gênero que entre nós é tão ruimzinho.

PUBLICAÇÕES DE TEATRO

O último caderno da Cia. Madeleine Renaud-Jean-Louis Barrault, publicada na ocasião das representações de "Madame Sans Gêne", foi consagrado ao teatro histórico. Raoul Girardet, Jacques Scherer, René Lalou, Jacques Lafaye, Roland Barthes e Barrault escreveram artigos sobre diferentes aspectos do tema selecionado.

O nosso fascículo do "Théâtre dans le Monde", revista trimestral publicada pelo Instituto Internacional de Teatro, é em sua grande parte, dedicado à tragédia grega e a sua "mise-en-scène", com estudos curiosos expostos por Michel Saint Denys e Barrault. Também um outro artigo interessante é de Thierry Maulnier, sobre "os mitos gregos nos autores contemporâneos", além de um texto de Vittorio Gassman sobre a "mise-en-scène" de "Oreste" de Alfieri.



INTERNACIONAIS

Depois de "Paulo-Paoli" de Arthur Adamov no Vieux Colombier, Georges Neveux apresentará sua última peça "Plainte contre inconnu" com a "mise-en-scène" de José Quaglio.

O Teatro de Arte de Moscou participará do Festival das Nações em Paris, com três peças de Tchecov.

A Comédie de Saint Etienne instalou-se por apenas 15 dias no Théâtre Champs Elysées de Paris, para apresentar a célebre peça de Bertolt Brecht, "Círculo de Giz Caucasiano", em tradução francesa. A peça de difícilíssima montagem, contém mais de 80 personagens e foi vista pela primeira e única vez em Paris, no Festival Internacional de 1955 pelo "Berliner Ensemble", quando o autor alemão ainda vivia.

Abril mudará completamente o panorama teatral parisiense, pois muitas peças serão trocadas. Jacques Dagmine prepara "Le Bossu"; Peter Brook ultima os ensaios de "Vu d'un pont" de Miller; Diego Fabbri veio da Itália especialmente para supervisionar a sua peça "Procès a Jésus"; no Théâtre des Arts, anuncia-se "La perverse Mme. Ruse", enquanto que outras salas programam: "Charme Slave", "Le Loup", "Plainte contre inconnu", "Visite à une planète", "Nous entrerons dans la carrière", "Oscar", "Pardon, chérie", "Candida", "L'Epouvantail" e "Par le feu e pour le sang", do inglês John Osborne.

A vida da rainha do "strip-tease", Gipsy Rose Lee, será encenada na Broadway, tendo a veterana Ethel Merman no papel da famosa artista.

O problema da intervenção de menores em espetáculos considerados impróprios para menores não é só nosso (Por várias vezes o TBC teve de contornar o obstáculo em suas programações, inclusive a desistência de encenar "Liola", de Pirandello). Há pouco Raymond Rouleau, que foi a Roma exclusivamente para montar "Gata em teto quente", de Williams, foi obrigado a contratar anões para os papéis das crianças, por imposição da Censura. Aqui no Brasil, as nossas autoridades não foram tão severas, por ocasião da mesma peça, aceitando a condição imposta de as crianças-artistas ficarem alheias a todo o espetáculo, (prêas no camarim), menos, é claro, nas ligeiras cenas em que intervêm.

alou-
amps
a cé-
ulo de
ncesa.
ntém
pela
Festi-
Berli-
emão

pano-
as pe-
qmíne
ulti-
t" de
a es-
a sua
re des
Rus-
rogra-
Loup",
à une
a car-
"Can-
feu e
orne.

tease",
Broad-
man no

meno-
mpró-
o (Por
rnar o
inclu-
Liola",
ymond
amen-
ente",
tratar
as, por
Brasil,
m tão
peça,
de as
a todo
, me-
em que

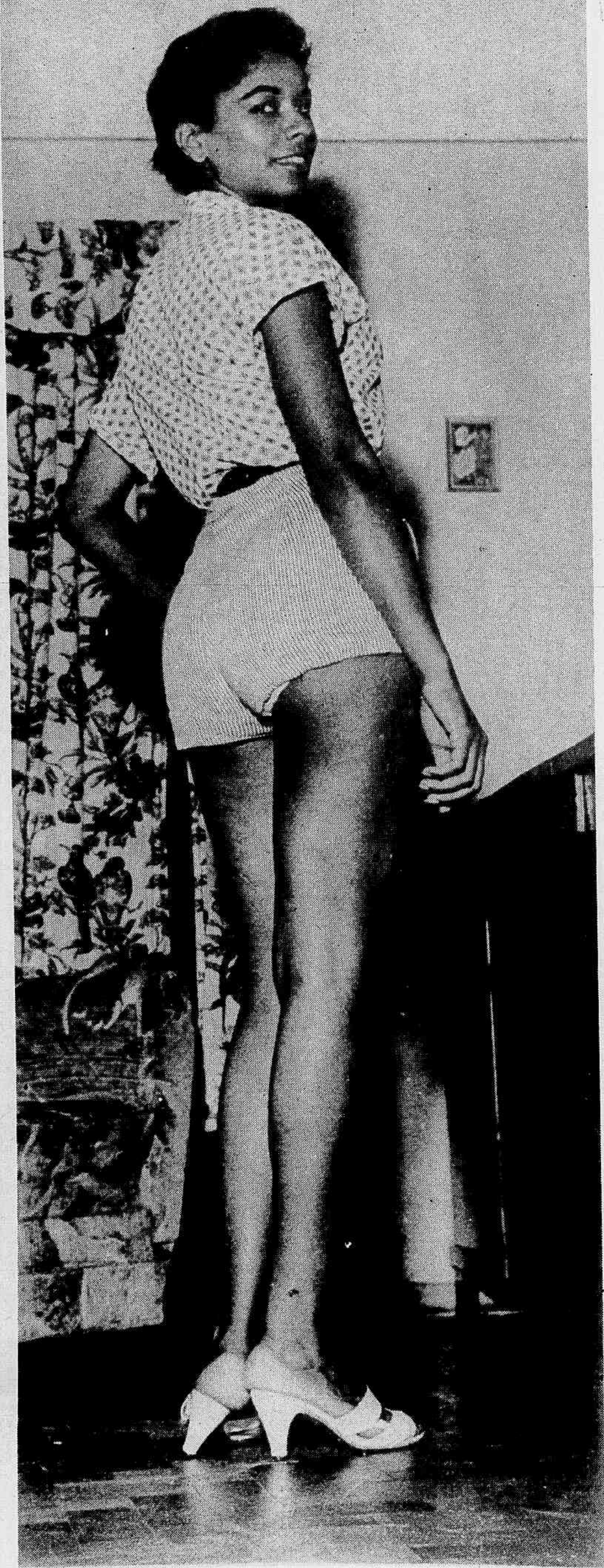


Ela sabe (e muito bem) as seguintes coisas: lavar, cozinhar, varrer, espanar, etc., etc., etc. (muito bem).

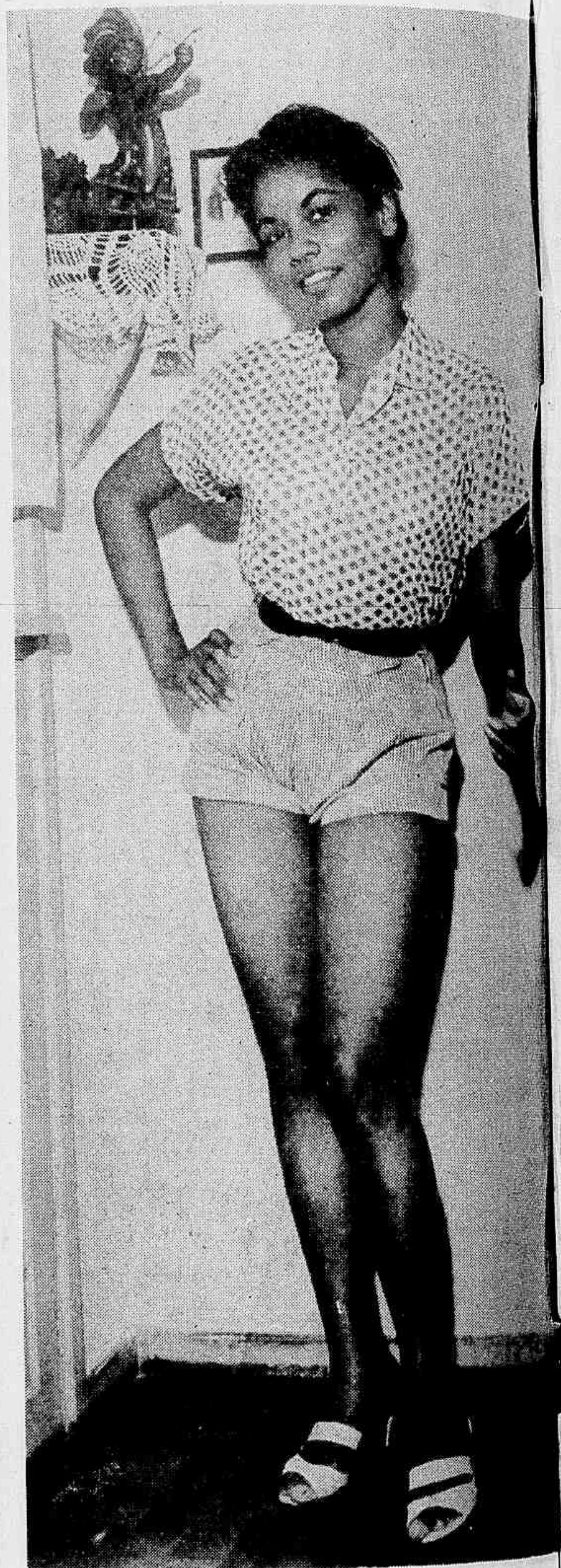
A EMPREGADA QUE MAMÃE NÃO QUIS

GENTE





Madames não pre



A mulata ainda não sabe nada de palco: botou um short pela primeira vez para os leitores da RS. E ficou encabuladinha.

"PR
faça
ainda
Na
e foi
que
porqu
não
Aí
baria
fazia
Mu
um
prop
nhec
ralm
grafi
Sr.
Qu
as p
man
Na
as m
cozin
apre
não
a n
feio
O
mad
O v
artí
F
Nac
Pre
que
hor

ãõ precisam se preocupar: ela quer ser vedette

"PRECISA-SE DE UMA boa cozinheira, jovem, simpática, morena, que faça o trivial fino e não incomode os rapazes da casa. Apresentar-se ainda hoje das 9 às 16 horas no enderêço acima".

Nadyr leu o anúncio publicado na "Fôlha da Tarde", de Pôrto Alegre, e foi falar com a madame que precisava de cozinheira. Chegou, disse que tinha tôdas as qualidades exigidas mas a madame disse que não, porque afinal ela tinha filhos rapazes e a morena tinha certas qualidades não exigidas no anúncio.

Ai Nadyr insistiu, foi insistindo, disse que os rapazes não se perturbariam com ela, acabou ganhando o emprêgo. E foi uma ótima cozinheira, fazia pratos deliciosos.

Muito bem, muito bem. Um dia um repórter gaúcho conversando com um amigo disse que êle precisava conhecer uma cozinheira muito bem proporcionada de corpo. O outro disse que êle sim, é que precisava conhecer uma cozinheira de um seu amigo, uma mulata. O repórter naturalmente interessou-se e foi. Aproveitou a oportunidade e fez umas fotografias de Nadyr, botou tôdas elas num envelope e escreveu o enderêço: Sr. Carlos Machado. Boite Sachas. Rio.

Quando abriu o envelope Machado deu uma tragada no cigarro, bateu as pestanas e disse ao seu secretário: "Traga-me essa mulata de qualquer maneira. Preciso dela para o meu show".

Nadyr Tolentino recebeu a passagem e veio voando para o Rio. Mas as madames cariocas não precisam se preocupar: ela não quer mais ser cozinheira. Só sabe (por enquanto) fazer aquelas comidas mas já está aprendendo a andar no palco e a cantar e a dançar. Das madames (e não madames) ela só quer uma coisa: escolham um nome artístico para a nova mulata da noite carioca. Porque Nadyr Tolentino ela acha muito feio.

O prazo para que qualquer madame (e não madame) possa se tornar madrinha (ou padrinho) de Nadyr é de trinta dias a contar desta data. O vencedor não ganhará nada, apenas o título de padrinho ou madrinha artística de Nadyr.

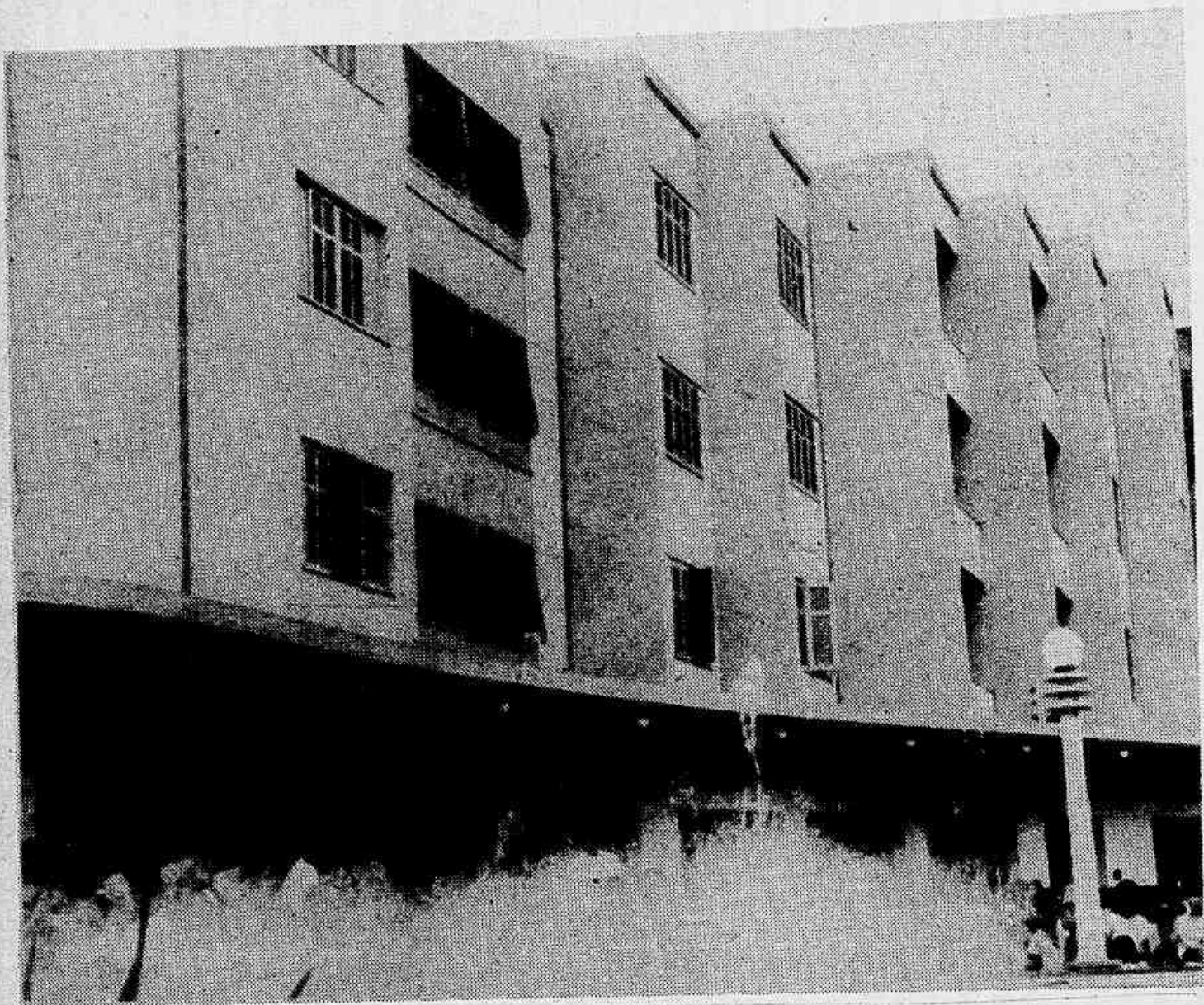
Findo o prazo e não aparecendo nenhum nome que seja interessante, Nadyr será forçada pelas circunstâncias a botar um anúncio nos jornais: Precisa-se de um nome artístico para uma mulata bonita do Rio Grande que foi cozinheira e hoje é artista do palco. Apresentar-se das 9 às 16 horas no enderêço acima".



Nadyr faz aspic de langue à l'écarlate, langue de mouton en papepelottes e bouchés mignones. E faz muito bem.



palco:
para
adinda.



NÚCLEO RESIDENCIAL DR. MIGUEL COUTO FILHO

Realização da construtora José Gomes Cruz, Filhos & Cia. Ltda.

O CONJUNTO RESIDENCIAL Dr. Miguel Couto Filho foi construído em Niterói pela firma José Gomes Cruz, Filhos & Cia. Ltda. (Av. Amaral Peixoto, 71, conjunto 702 a 704) e inaugurado a 28 de outubro de 1957. O conjunto pertence ao Instituto de Previdência Social, sendo que a parte inaugurada tem 28 magníficos apartamentos e 6 amplas lojas. O Instituto de Previdência vem cumprindo seu programa de assistência social e a firma José Gomes Cruz, Filhos & Cia. Ltda. realiza obras urbanísticas que a recomendam como uma das mais idôneas organizações construtoras do Brasil.

LAPIN E...

(Continuação da pág. 25)

dela transformaram-se rapidamente em mãos crispadas no tecido que estivera cosendo enquanto os olhos se lhes esbugalhavam. Ernest levou pelo menos cinco minutos para se transformar em Rei Lapine e enquanto esperava Rosalind sentia na nuca uma impressão como se alguém lhe apertasse o pescoço. Por fim o nariz dêle enrugou-se transformara-se em Rei Lapine e puderam passar o serão andando pela floresta na forma do costume.

Entretanto, Rosalind dormiu mal nessa noite e pela madrugada acordou com a sensação de que lhe acontecera qualquer coisa de desagradável. Sentia-se entorpecida e gelada. No fim de algum tempo abriu a luz e olhou para Ernest adormecido a seu lado. Todavia, embora ressonasse o seu nariz se encontrava perfeitamente imóvel como se nunca se tivesse contraído na vida. Era impossível que fôsse aquele o verdadeiro Ernest e que ela se tivesse casado com êle. Uma visão da sala-de-jantar da sogra desenrolou-se na sua frente e nessa sala encontravam-se ambos, ela e Ernest, já velhos à sombra da madeira trabalhada do aparador... Era o dia das suas bodas de ouro. Não pôde mais.

"Lapine, Rei Lapine!", murmurou, e por um segundo o nariz dêle pareceu enrugar-se. Continuou, entretanto, a dormir.

"Acorda Rei Lapine!" — disse ela.

Ernest acordou e perguntou a ela que estava sentada: "Que aconteceu?"

"Tive a impressão de que o meu Rei tinha morrido", disse ela. Ernest zangou-se.

"Não digas tolices, Rosalind" — disse. "Deita-te e dorme".

Voltou-se para o outro lado. Daqui a pouco já estava dormindo. Rosalind não voltou a dormir. Enroscada no seu lado da cama, parecia uma pequena lebre assustada. Apagara a luz mas os candieiros da rua iluminavam um pouco os tetos e as árvores lá fora. Refletiam-se nêles como uma renda, dando-lhe a impressão de se encontrar no meio de um bosque por onde andou horas a fio caçando e sendo perseguida pelos caçadores, ouvindo as trompas de caça e os latidos dos cães, fugindo, esgueirando-se e conseguindo escapar até que a criada veio abrir as cortinas e trouxe o chá matinal.

No dia seguinte não conseguiu sossegar. Tinha a impressão de ter perdido

qualquer coisa. Parecia-lhe que seu corpo mirrara, tornando-se negro e duro, as articulações também estavam dormentes e quando olhava para o espelho tinha a impressão de que os olhos lhe saltavam. Os móveis da casa pareciam-lhe enormes e como que colocados nos lugares mais singulares, quase esbarrava com eles quando passava. A própria casa parecia ter diminuído. Finalmente colocou o chapéu e saiu. Caminhou muito tempo ao longo de Cronwell Road e todas as casas por onde passava lhe pareciam conter uma sala-de-jantar onde as pessoas se recortavam sobre a talha pesada dos aparadores de mogno e as janelas enfeitadas com cortinas de renda amarela. Por fim entrou no Museu de História Natural onde ia muito quando criança. A primeira coisa que avistou foi uma lebre empalhada colocada sobre um pedaço de neve fingida e com olhos de vidro côr-de-rosa. Diante da visão ela recuou. Voltou para casa, sentou-se junto ao fogo, às escuras, esperanças de que, com o anoitecer iria se sentir melhor, e imaginou que vagueava sozinho pelo bosque que existia um ribeirão correndo e para além do ribeirão uma densa floresta. Não pôde ultrapassar o regato. Finalmente, enroscou-se sobre um relvedo úmido e ali ficou recostada na cadeira, de mãos vazias e olhos fixos como se fôsem de vidro, fitando o lume. Nisto ouviu uma detonação... estremeceu como se tivesse sido atingida. Era apenas Ernest que abria a porta da rua. Tremendo, esperou que ele entrasse no aposento. Ernest chegou e acendeu a luz.

"No escuro?", perguntou.

"Oh, oh, Ernest!" — exclamou, dando um pulo na cadeira.

"O que temos?", perguntou ele alegremente aquecendo as mãos.

"Foi Lapinova..." — disse ela, fitando-o com seus olhos um pouco arregalados. "Morreu, Ernest. Acabo de perdê-la".

Ernest franziu a testa e cerrou os lábios com força. "Oh, na verdade?", comentou, por fim, sorrindo para a mulher. Durante uns segundos manteve-se de pé, em frente de Rosalind, silencioso enquanto ela esperava com a sensação de que alguém lhe apertava o pescoço.

"Pobre Lapinova", disse Ernest e endireitando a gravata olhou-se no espelho que havia sobre a chaminé.

"Com que então foi apanhada numa armadilha?", acrescentou. "Morreu", e dizendo isto sentou-se e começou a ler o jornal.

Foi assim que aquele casamento acabou.

O despertador do Oeste paranaense



O dr. Ottolmy Stranch trabalhando no Ministério da Viação.

O OESTE PARANAENSE é mais uma região que se desbrava para a civilização e onde se apresentam mais profundos e complexos os problemas de transportes e comunicações. Mas o Ministério da Viação, dirigido pelo batalhador infatigável que é o comte. Lúcio Meira, está acompanhando o assunto com interesse patriótico, praticando medidas que redundem em benefício das populações daquela extensa região.

Por isso, o ministro da Viação confiou recentemente ao seu digno auxiliar imediato, dr. Ottolmy Stranch, a missão de inspecionar o Serviço Nacional de Navegação da Bacia do Prata, autarquia criada pelo governo em 1943 para substituir o antigo serviço de navegação do Lóide Brasileiro no Rio Paraguai. O dr. Ottolmy Stranch, que é um dos mais experimentados e capazes homens públicos da nova geração, e que possui cursos de especialização na América do Norte e na Europa, tendo representado o Brasil durante alguns anos nas Assembléias gerais da ONU, se desincumbiu da missão com destacada eficiência e elevado espírito público, transmitindo ao Ministério as suas observações e sugerindo medidas tendentes a resolver os mais agudos problemas da região neste momento.

Falando à nossa reportagem sobre a visita que fez ultimamente à Bacia do Prata disse o dr. Ottolmy Stranch:

"A função pioneira do Serviço Nacional da Bacia do Prata foi, e ainda será por muito tempo, da maior importância. Houve época em que o Serviço da Bacia do Prata administrava até cidades como Guaíra e Pôrto Mendes, agora incorporados ao Estado do Paraná".

Disse o sr. Ottolmy Stranch:

"Ainda hoje o Serviço da Navegação da Bacia do Prata tem a seu cargo a construção de estradas de rodagem e de ferro, realizando igualmente inúmeros outros serviços de interesse para as populações locais — mas que nada têm a ver com a sua finalidade específica, que é o transporte fluvial".

E prosseguindo: "A zona servida pelo Serviço Nacional da Bacia do Prata apresenta o maior interesse para a economia, a expansão demográfica e a posição política do Brasil no continente e somente agora se está abrindo à colonização, tanto estrangeira quanto nacional, esta representada, principalmente, por gaúchos e aquela por alemães, italianos e japoneses. O ministro Lúcio Meira, absorvido com a execução e a coordenação do seu programa de reforma do sistema geral de transportes do país, não pode estar presente em todos os pontos por onde se reparte a ação multiforme do seu Ministério. Por isso envia seus auxiliares diretos até onde não pode ir imediatamente. Com isto, acompanha a marcha dos trabalhos, fiscaliza e leva estímulo e confiança a quantos se dedicam pelo vasto interior do Brasil às obscuras tarefas de manter e atender a expansão das necessidades de viação, obras públicas, comunicações postais e telegráficas.

"No caso presente", prosseguiu o sr. Ottolmy Stranch, "o alvo era o Serviço de Navegação da Bacia do Prata, autarquia cujas operações merecem o maior cuidado, pois atendem não só a uma necessidade econômica, mas correspondem, também, a uma necessidade política. O Brasil não pode perder de vista aquela imensa área, dotada de privilegiadas condições, inclusive clima favorável e terra fertilíssima, onde o café, o arroz e o algodão crescem nas margens do rio. O mercado ainda está desorganizado, como todo mercado de fronteira. Em Guaíra, o arroz para o consumo tem de vir muitas vezes de avião, de S. Paulo, porque a produção local foi toda exportada. Madeiras, erva-mate e outras mercadorias descem o rio; sobem o trigo e sal, da Argentina, bem como implementos industriais diversos. Ao longo de todo o rio existe intenso movimento, chamado de carga geral mas compreende desde gêneros alimentícios até móveis em mudança, já que muitas embarcações são verdadeiros caminhões fluviais".

Cristo volta ao calvário pela mão de Jules Dassin

BASEANDO-SE NO romance "Cristo Recrucificado", de Nikos Kazantzaki, o diretor Jules Dassin ("Rififi") realizou com quase quatro horas de projeção, ao que se diz, o filme mais ambicioso de sua carreira: "Aquê que Deve Morrer". Para conseguir exibi-lo foi obrigado a cortes bárbaros. A versão comercial francesa (esperemos que a nossa também) estreou com 126 minutos. Tanto no Festival de Cannes, onde sua não-premiação foi recebida entre aplausos e assobios, como no "parto" parisiense, as dores foram grandes e não faltou (o exaltado François Truffaut, em "Arts") quem quisesse matar criança, pais e parteira. Procuraremos dar ao leitor uma idéia sobre o conteúdo e a recepção crítica dessa próxima estréia da França Filmes do Brasil, sem esconder que o espaço é insuficiente para algo mais que um "trailer" dessa importante experiência, dêse filme complexo, adaptação de um livro recebido com admiração pela crítica internacional.

O ROMANCISTA Kazantzaki (Creta, 1885), cristão, discípulo de Bergson, presidente do Conselho superior do Partido Socialista e (efêmeramente) ministro em seu país em 1946, foi recentemente proposto oficialmente para o Prêmio Nobel. "Cristo Recrucificado" é um de seus escritos mais famosos. "Desde a infância, Cristo me inquietava. Esta união tão misteriosa e tão real do homem e de Deus; esta inspiração tão humana, tão sobre-humana de uma conciliação e de uma fusão de Deus e do homem. Quis libertar-me dessa inquietação com uma obra de arte (A Odisséia, a Última Tentação). (...) Em "Cristo Recrucificado", o fantasma divino gira em torno de meus personagens e se infiltra na alma do herói".

A HISTÓRIA se passa em povoações gregas da Ásia Menor, território turco, em 1921. Os habitantes de um povoado assolado pelos turcos procuram refúgio em Lycrovissi, onde se prepara a representação anual da Paixão, com os papéis distribuídos entre os fiéis. Manolios (Pierre Vaneck), um pobre pastor gago, será Cristo. Maria Madalena, uma viúva pouco virtuosa (Melina Mercouri). O sacerdote (grego ortodoxo) Gregoris (Fernand Ledoux), que mantém a tranquilidade local colaborando com os turcos, expulsa os refugiados. Os participantes da Paixão, inspirados por seus

papéis, levam socorro e conforto espiritual aos banidos. Michelis (Maurice Ronet), cujo pai morreu, distribui seus bens entre os infelizes. Quando estes vão tomar posse do que lhes pertence, são recebidos a tiros inspirados por Gregoris. Um homem morre. Gregoris recua, mas vai pedir ao governante turco a cabeça de Manolios. O intérprete de Cristo é assassinado. "Manolios não morreu", diz a viúva. "Ele representa o que há de melhor em nós". Os refugiados, sob a bênção de seu sacerdote (Jean Servais), preparam-se para resistir à mão armada.

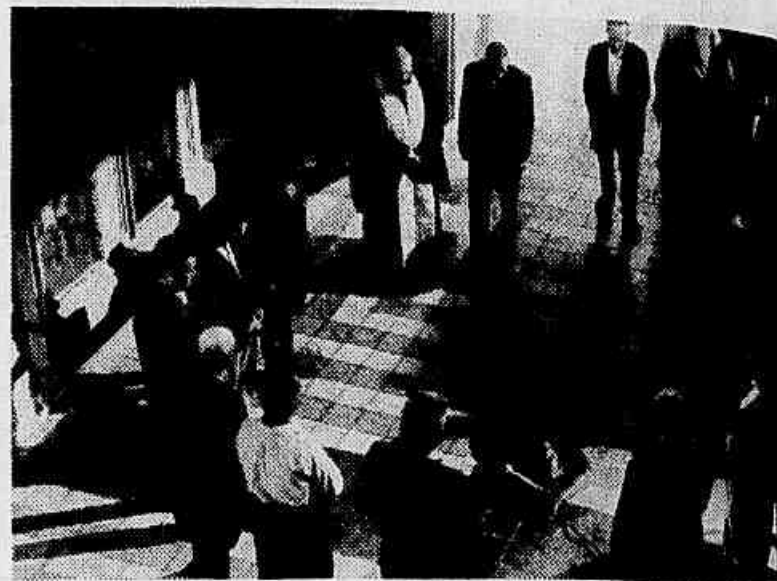
A REALIZAÇÃO ganhou a tela em "Cinemascope" preto-e-branco por sua concepção épica e formal (inspirada no a-fresco). Dassin procurou criar uma obra de autêntica inspiração popular, certamente inspirado nos clássicos da fase positiva da Revolução Russa ("Potemkin", "Alexandre Nevsky"), e tentando identificação imediata do espectador com os personagens populares em comunhão com o espírito da Paixão. Fêz a adaptação com Ben Barzman, confiou os diálogos a André Obey, a música a Georges Auric, a fotografia a Jacques Natteau, os cenários a Max Douy. No elenco, além da revelação de Pierre Vaneck, os melhores devem ser Ledoux, Servais e Melina Mercouri, a grande atriz grega de "Stella". Nicole Berger, Carl Mohner, atores e grande número de figurantes gregos estão no quadro humano. A filmagem foi em Creta.

OPINIÕES — Kazantzaki: "Achei impressionante o filme de Dassin e sei de sua preocupação em conservar uma relativa fidelidade ao meu livro. Ao dizer relativa, não faço nenhuma restrição diminutiva, porque sei muito bem que há uma diferença fundamental entre a arte de escrever e a arte cinematográfica. O que mais afetou minha sensibilidade foi a luminosa "simpatia" — no sentido etimológico da palavra — que se irradia deste filme, a cuja realização parece haver precedido um estado de graça".

"Dassin utilizou com mão de mestre o "Cinemascope" preto-e-branco. Do princípio ao fim a fita está dirigida com um vigor — um fervor — a que não se pode ficar indiferente" (Baroncelli). "... a marca de uma arte indiscutível" (Chauvet). "... ambição e nobreza excepcio-



Melina Mercouri & Pierre Vaneck.



Vaneck na Via Crucis.



Maurice Ronet & Nicole Berger.

nais" (Charensol). "... um grande filme" (Salachas). "... evidente a sinceridade de Dassin, (mas) cai freqüentemente no esteticismo. Um fracasso e uma decepção" (Doniol-Volcroze, que, apesar dos ataques, dá duas de suas quatro estrélas como cotação).

SELEÇÃO

Os melhores de 1958, até as estréias de 24 de março no Rio — Filme: "Em Busca de um Homem" ("Will Success Spoil Rock Hunter?"), produção, direção e "script" de Frank Tashlin (Fox). ♦ Nacional: "Absolutamente Certo!", direção e "script" de Anselmo Duarte (Prod. Oswaldo Massaini). ♦ Atores: Laurence Olivier (Ricardo III) e Joanne Woodward (A Mulher do Próximo / As Três Máscaras de Eva). ♦ Coadjuvantes: John Williams (Em Busca de um Homem) e Madeleine Robinson (Alma Satânica). ♦ Musicista: William Walton (Ricardo III). ♦ Fotógrafo em cores: Otto Heller (Ricardo III). ♦ Fotógrafo em preto-e-branco: Claude Renoir (As Virgens de Salem).

DU
e do
Cher
e St
com
de 3
Jo
vêze
dura
prot
gran
"E
e c
grito
apre
voca
Joh
as
sua
A
até
"V
bor
filh
C
"V
no
I
Sto
mi
de
gu
qu
ve
dr
ju
pa
So
in
fi
co
fil
se
r



A filha de Lana Turner matou João Mauzinho

DUAS SEMANAS após a morte do produtor Mike Todd e do argumentista Art Cohn em um desastre de avião, Cheryl Christine Crane, de 14 anos, filha de Lana Turner e Stephen Crane (um de seus quatro ex-maridos), matou com uma faca de cozinha o amante da mãe, John Stompanato, de 32 anos.

John, tipo do bonitão latino por quem Lana Turner tantas vezes se apaixonou nos filmes, foi esfaqueado na barriga, durante violenta discussão com a estrêla. "Matei-o para proteger minha mãe" — declarou Cheryl Christine, com grande calma, na delegacia de polícia de Beverly Hills.

"Eu estava em meu quarto com mamãe quando êle entrou e começou a gritar. Mamãe reagiu: 'Eu não quero que grites diante da menina'. Entraram no quarto dela e eu me aproximei da porta para ouvir. 'Resolverei êsse caso com você nem que tome um dia, uma semana, um ano', gritava John. 'Se um homem ganha a vida com as mãos, eu destruo as mãos dêle. Você ganha a vida com o rosto. Destruirei sua cara'".

A discussão estava no auge quando Cheryl levou a mãe até o banheiro.

"Perguntei a mamãe por que ela não mandava John embora. Ela respondeu: 'Você não pode compreender, minha filha. Tenho um medo terrível dêsse homem'".

Continuou Cheryl: "Então eu entrei no quarto e disse: 'Você não tem que suportar isso, mamãe; e cravei a faca no estômago dêle com tôdas as minhas forças'".

Lana tinha boas razões para acreditar nas ameaças. John Stompanato, apesar de sua figura simpática de galã (um misto de Jacques Bergerac e Ricardo Montalban), era amigo de elementos destacados do "gangsterismo" americano. Segundo alguns, foi guarda-costa do famoso Mickey Cohen, que agora reclamou o codáver para o entêrro. Ambos estiveram envolvidos com a polícia em 1950, mas conseguiram driblar a justiça. Em setembro do ano passado, quando foi juntar-se a Lana Turner, que filmava na Inglaterra, Stompanato foi "convidado" a voltar aos Estados Unidos pela Scotland Yard. Segundo informações recebidas pela polícia inglesa, já naquela época êle constituía ameaça à vida da atriz.

Stompanato serviu durante a guerra no "front" do Pacífico. Depois, instalou-se na China, com um cabaré, e casou com uma jovem turca, Sarah Umish, com quem teve um filho. Voltando aos Estados Unidos, obteve divórcio. Casou-se e divorciou-se mais duas vezes. Lana (37 anos) conseguiu seu quarto divórcio (do ator Lex Barker, ex-Tarzan),

em julho último. O proprietário do hotel predileto da estrêla em Acapulco, México, revelou que ela pretendia casar-se com Stompanato quarta-feira, estando tudo preparado para "uma cerimônia simples". Há um mês, o casamento estava programado para Tijuana, também no México, mas Lana foi espancada e fugiu.

Cheryl Christine Crane, que estava passando as férias da Páscoa com a mãe, tem uma "ficha" movimentada. Há uns dois anos, deu enorme trabalho à polícia, que investigava o seu "raptô", enquanto ela atravessava o país, em fuga, num trem de carga. Voltou ao noticiário policial no ano passado, fugindo do táxi que a conduzia de volta ao colégio interno. Cheryl revelou uma calma surpreendente em todo o "affair". Enquanto a mãe, desesperada, procurava estancar o sangue do amante com um pano, ela se dirigiu para o telefone e chamou o pai, Stephen Crane.

Terminado seu contrato com o Metro, Lana Turner iniciara com otimismo uma nova fase de sua carreira, em 1957. Por sua interpretação no filme "Peyton Place" (A Caldeira do Diabo), foi candidata ao "Oscar", que perdeu para Joanne Woodward ("As Três Máscaras de Eva"). Em "Peyton Place", faz o papel de uma viúva preocupada com o comportamento da filha (Diane Varsi). E, em uma cena, ouve horrorizada a confissão de outra jovem (Hope Lange) que matou o padrasto porque a desejava como mulher.

Seguindo a nova tendência hollywoodiana, Lana Turner fundou companhia própria. Em "The Lady Takes a Flyer", por exemplo, filmado na Universal, metade dos lucros lhe pertencem. Stompanato foi seu único romance sério após o divórcio de Lex Barker. No corpo de John foi encontrada uma pulseira com a inscrição: "Baddy John (John Mauzinho) — Meu amor. Isto representa uma parte do meu coração que estará sempre com você". Assinada, Laninha.

"Na justiça brasileira a filha de Lana Turner não seria culpada de nenhum crime. Nos Estados Unidos, porém, será apurado se ela agiu ou não dentro de um discernimento; se estava integrada no espaço e no tempo; se é normal. A justiça americana tem levado à cadeira elétrica inúmeros jovens menores de 18 anos. No caso da filha de Lana Turner, ainda é difícil formar uma opinião exata, muito embora ela afirme ter agido em defesa da mãe, e, portanto, em legítima defesa (que é a tese do advogado). No Brasil, ela seria detida e imediatamente solta. Agora esperemos o desfecho do caso, realmente curioso", disse à RS o ministro Nelson Hungria, do Supremo Tribunal Federal.

EU SOU ALÉRGICO A CADILLACS RABO DE PEIXE

EU ESTAVA ALMOÇANDO e fiquei engasgado. Dá água ao menino; come miolo de pão; levanta o nariz para o teto; dá-lhe um tapa nas costas; invoca São Brás (com fé, menino) três vezes. Passou o engasgo.

Ficou uma dorzinha na garganta, um negócio arranhando.

É impressão; tem de acabar de comer; menino niquento; quando comer passa.

Só se fôr, porque agora não quer passar.

Abre a goela, deixa ver, onde é?

Está espetando.

Espinha?

Espinha.

Mamãe não podia deixar de acrescentar: Pudera, come sem cuidado.

Pai respondeu que filé de peixe a gente come mesmo é sem cuidado; limpar o peixe é que precisa atenção.

Mamãe limpou o canto dos olhos com o avental e ficou olhando as mãos queimadas, as unhas quebradiças, os sabugos levantados. (Engraçado; parecia que tudo aquilo estava repetido, já tinha acontecido antes).

A espinha não saía. Chama o farmacêutico; "leva pro Pronto Socorro, minha senhora".

A espinha saiu mas continua espetando até hoje. Dizem que sou alérgico. É comer peixe — desde então — e me dá dor de garganta. Qualquer peixe.

Mas eu fui aos Estados Unidos e fiz um tratamento anti-alérgico.

Agora eu estou pior. Muito pior. Basta dizer que fui parar num hospital, coberto de urticária, por tomar banho na mesma água que os peixes, isto é, no mar.

E cada dia minha alergia se agrava. Quase morri, coberto de placas vermelhas e de tanto espirrar, no dia 20 de fevereiro. Fiquei entre a vida e a morte 28 dias, até que a 21 de março passei a viver sob o signo de Aries, livrando-me do terrível, fatídico, mal agourado e alérgico Peixes.

Escrevo tudo isto para explicar o meu problema. Não sou um homem rico. Ganhei um Cadillac numa rifa de Cr\$ 50. E não vendo o meu carro por coisa nenhuma dêsse mundo. Para que o dinheiro? Eu quero é o meu Cadillac.

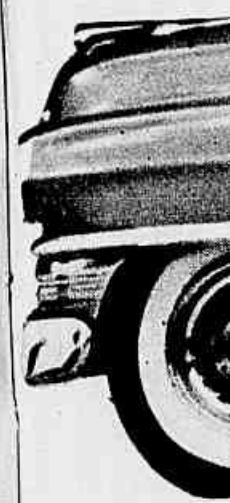
Mas a minha alergia, os senhores sabem: entro no carro e a cada quilômetro estoura uma pipoca no meu corpo. Meu Cadillac é rabo-de-peixe.

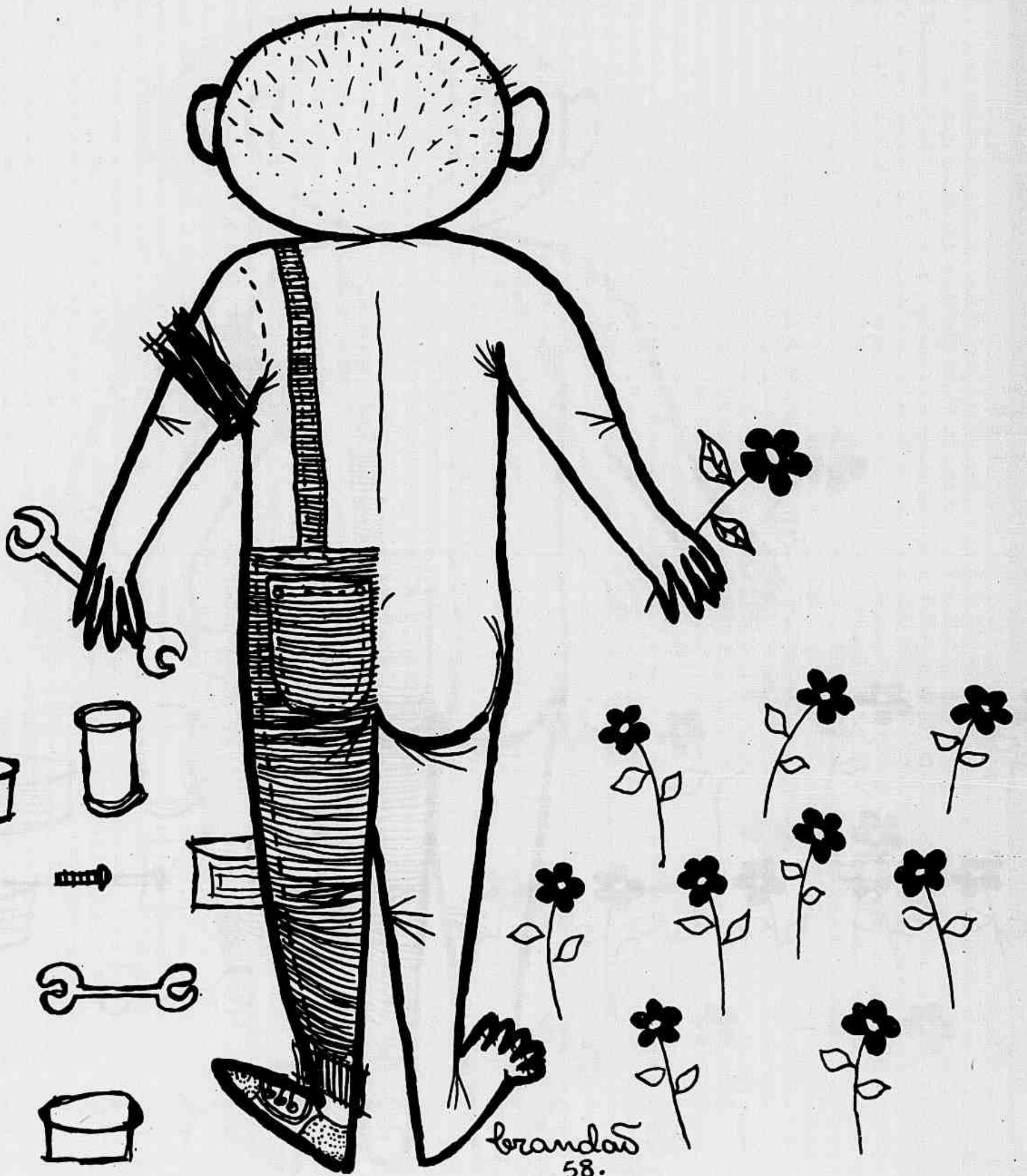
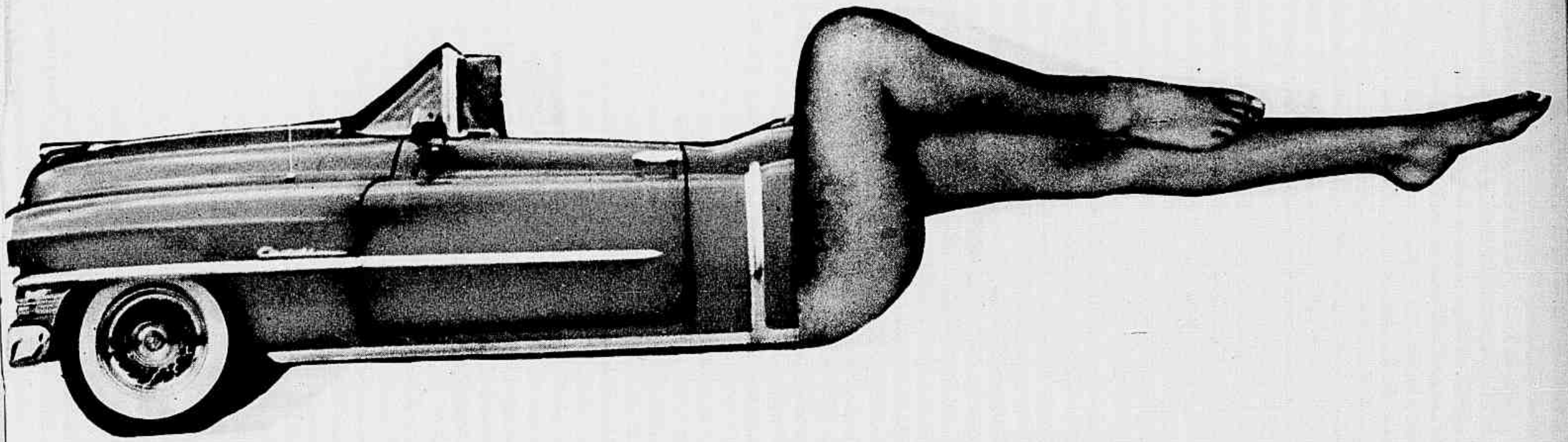
Agora, depois de pensar muito, resolvi mudar a parte de trás do meu carro. E a minha descoberta teria o maior sucesso no mundo inteiro. Consegui o material na França, num parque de diversões. A moça que me vendeu o material fazia um número interessantíssimo, com o corpo enfiado numa caixa que era cortada ao meio por uma guilhotina.

Chego aqui, depois das maiores dificuldades no transporte e na conservação do material e me apreendem tudo na Alfândega.

Deve ser perseguição de alguma rica empresa fabricante de automóveis. Só pode ser, embora as autoridades digam o contrário. Querem me fazer crer que a moça está arrependida da venda que me fez (em ótimas condições) e que o material está fazendo uma falta terrível a ela.

L.A.





i parar
ho na

coberto
e feve-
te a 21
ndo-me
S.

Não sou
Cr\$ 50.
mundo.

carro e
o. Meu

arte de
maior
França,
material
o numa

nsporte
do na

abricante
digam
á arre-
e que

L.A.



*Um Banco
que a todos atende...*

Do lavrador ao homem de negócios... do pequeno empregado do comércio ao industrial... brasileiros de todas as regiões e de todas as condições sociais, indistintamente, têm merecido a melhor das atenções do Banco Nacional de Minas Gerais, cujas portas têm estado abertas aos homens de iniciativa. Prova disso está nos diversos bilhões de cruzeiros destinados ao incremento de nossa produção, à melhor circulação das nossas riquezas e à solução de milhares de problemas de ordem pessoal. Direta ou indiretamente V. foi beneficiado. O Banco Nacional de Minas Gerais não mede esforços para que V. na sua cidade, no seu setor de trabalho, encontre os recursos necessários a uma vida melhor e mais tranquila.

Sede: BELO HORIZONTE • Filiais: RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO • Departamentos: ALAGOAS Maceió • BAHIA Salvador • DISTRITO FEDERAL Abolição - Acre - Aeroporto - Bandeira - Barata Ribeiro - Botafogo - Castelo - Catete - Engenho de Dentro - Ipanema - Irajá - Leblon - Lido - Madureira - Marechal Hermes - Meier - Penha - Pósto Cinco - Ramos - Rocha Miranda - Santa Cruz - Santana - Tijuca - Tiradentes • ESPÍRITO SANTO Vitória • GOIÁS Brasília - Goiânia • MINAS GERAIS Além Paraíba - Alfenas - Araguari - Barbacena - Betim - Bom Sucesso - Brazópolis - Botelhos - Bueno Brandão - Cachoeira de Minas - Caldas - Campestre - Campos Gerais - Caratinga - Carlos Prates (B. Hte.) - Carmo da Cachoeira - Comércio (B. Hte.) - Coqueiral - Diamantina - Divinópolis - Guarani - Guaxupé - Ibitiara - Itajubá - Juiz de Fora - Lajinha - Lavras - Lima Duarte - Luminárias - Manhuaçu - Mutum - Muzambinho - Natércia - Nepomuceno - Ouro Fino - Pouso Alegre - Pça Raul Soares (B. Hte.) - Renascença (B. Hte.) - Rua da Bahia (B. Hte.) - Santa Rita do Sapucaí - Santo Antônio do Amparo - Santo Antônio do Monte - São Gonçalo do Sapucaí - São Lourenço - São Tiago - Sêrro - Três Pontas - Tupinambás (B. Hte.) - Ubá - Varginha • PARANÁ Cornélio Procopio - Curitiba (Av. 15 de Nov.) - Jussara - Londrina - Mandaguacu - Maringá - Marumbi - São Jorge • PERNAMBUCO Recife • RIO DE JANEIRO Barra do Piraí - Duque de Caxias - Niterói - São João de Meriti • RIO GRANDE DO SUL Porto Alegre • SÃO PAULO São Paulo-S.P. - Ipiranga - Avenida - Mercado - Santos - São Roque - Socorro.

*Um capítulo notável no
desenvolvimento da economia brasileira...*

A história do seu Banco

É uma história breve. Mais números do que palavras. Desenvolve-se através de gráficos e de cifras. É, no entanto, digna de ser relatada, pois registra considerável soma de realizações em prol da economia brasileira. É a história do Banco Nacional de Minas Gerais, do seu crescimento, da sua perfeita identificação com os problemas de nossa terra e de nossa gente. Uma história, enfim, da qual V. é ativo participante.

Um Banco nasce do espírito empreendedor de alguns, mas vive e se desenvolve através de sua conduta e da confiança do público. Assim aconteceu com o Banco Nacional de Minas Gerais, cujo volume de depósitos centuplicou em menos de 15 anos, graças ao apoio irrestrito de milhares de brasileiros de todas as profissões e condições sociais.

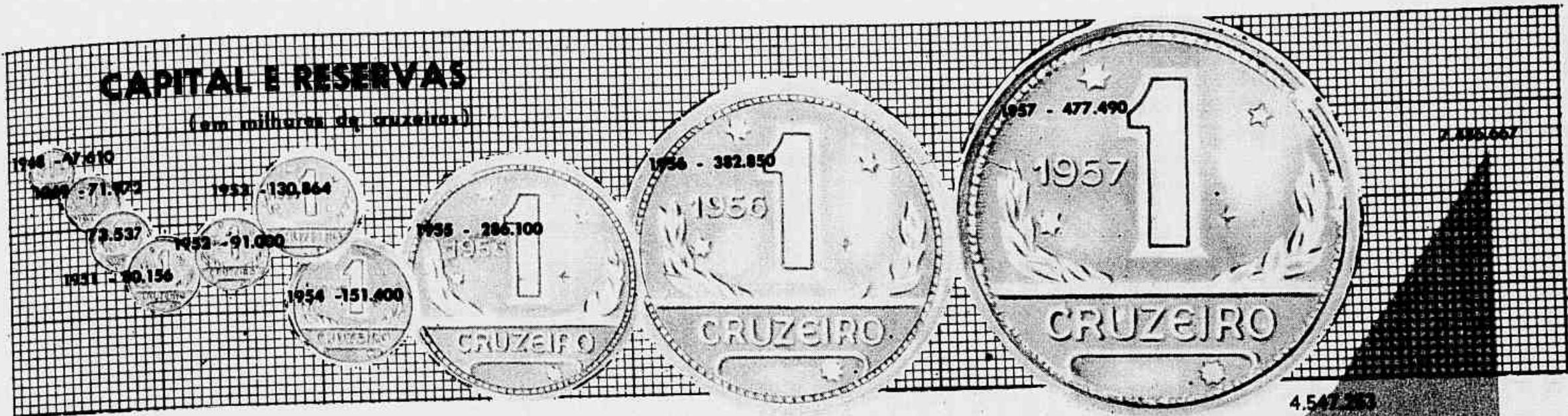
Voltado para todas as questões que tocam de perto aos interesses econômicos do Brasil, e de cada um, individualmente, o Banco Nacional de Minas Gerais é o seu Banco.



BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

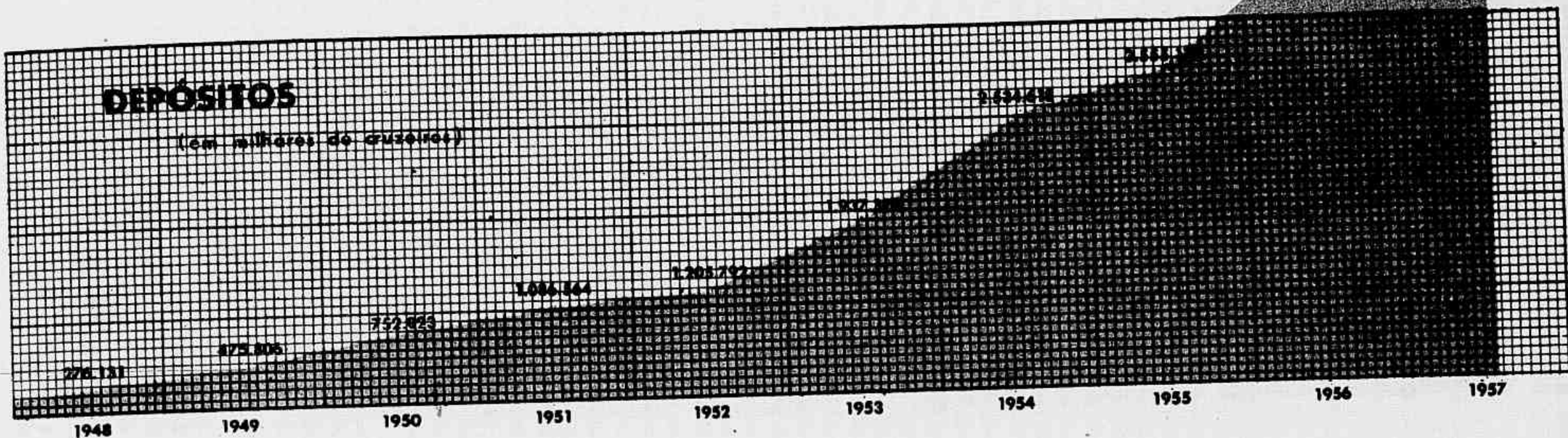
CAPITAL E RESERVAS

(em milhares de cruzeiros)

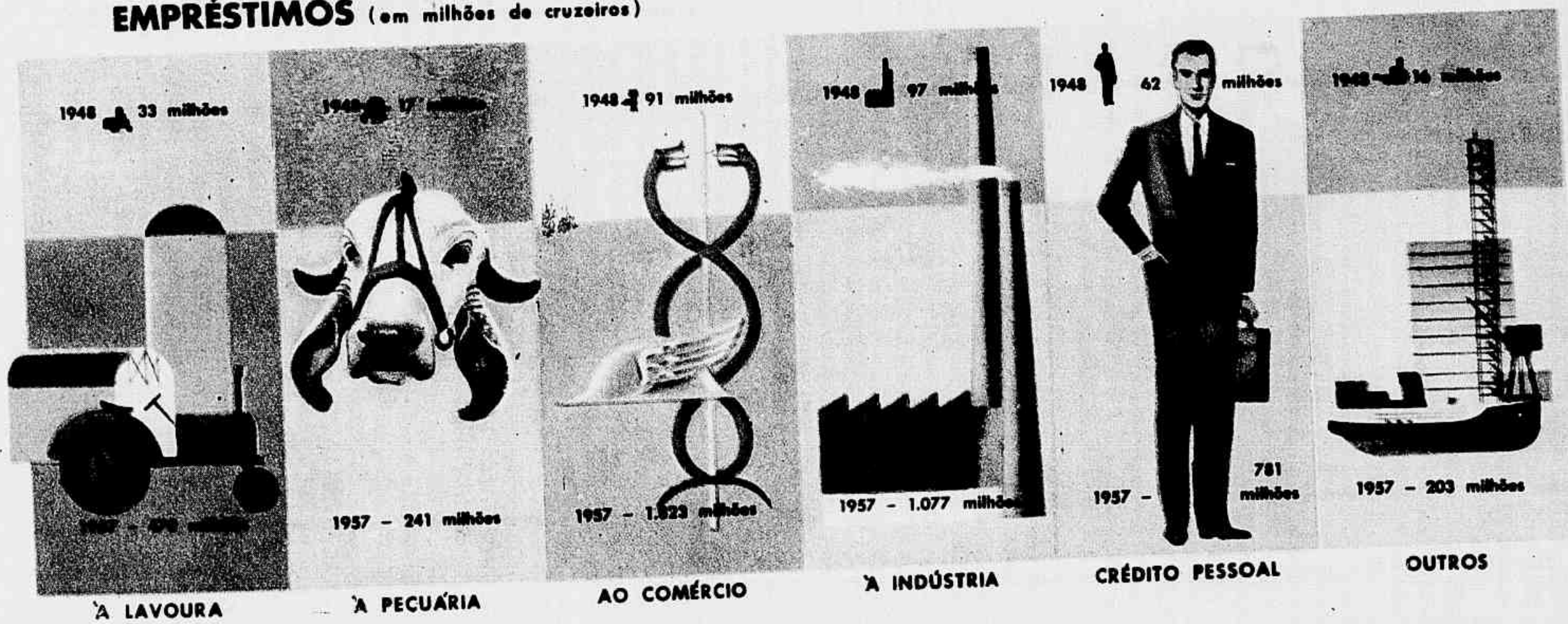


DEPÓSITOS

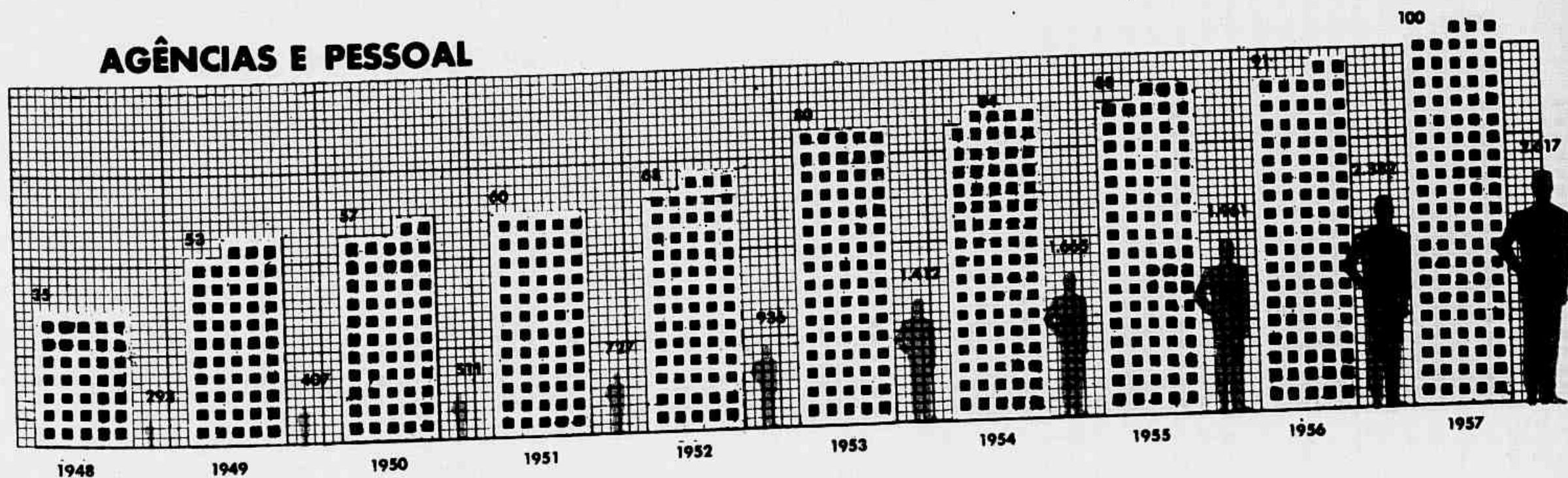
(em milhares de cruzeiros)



EMPRÉSTIMOS (em milhões de cruzeiros)



AGÊNCIAS E PESSOAL



REVISTA
Feminina
"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Um maravilhoso
presente que o
"Diário de Notícias"
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

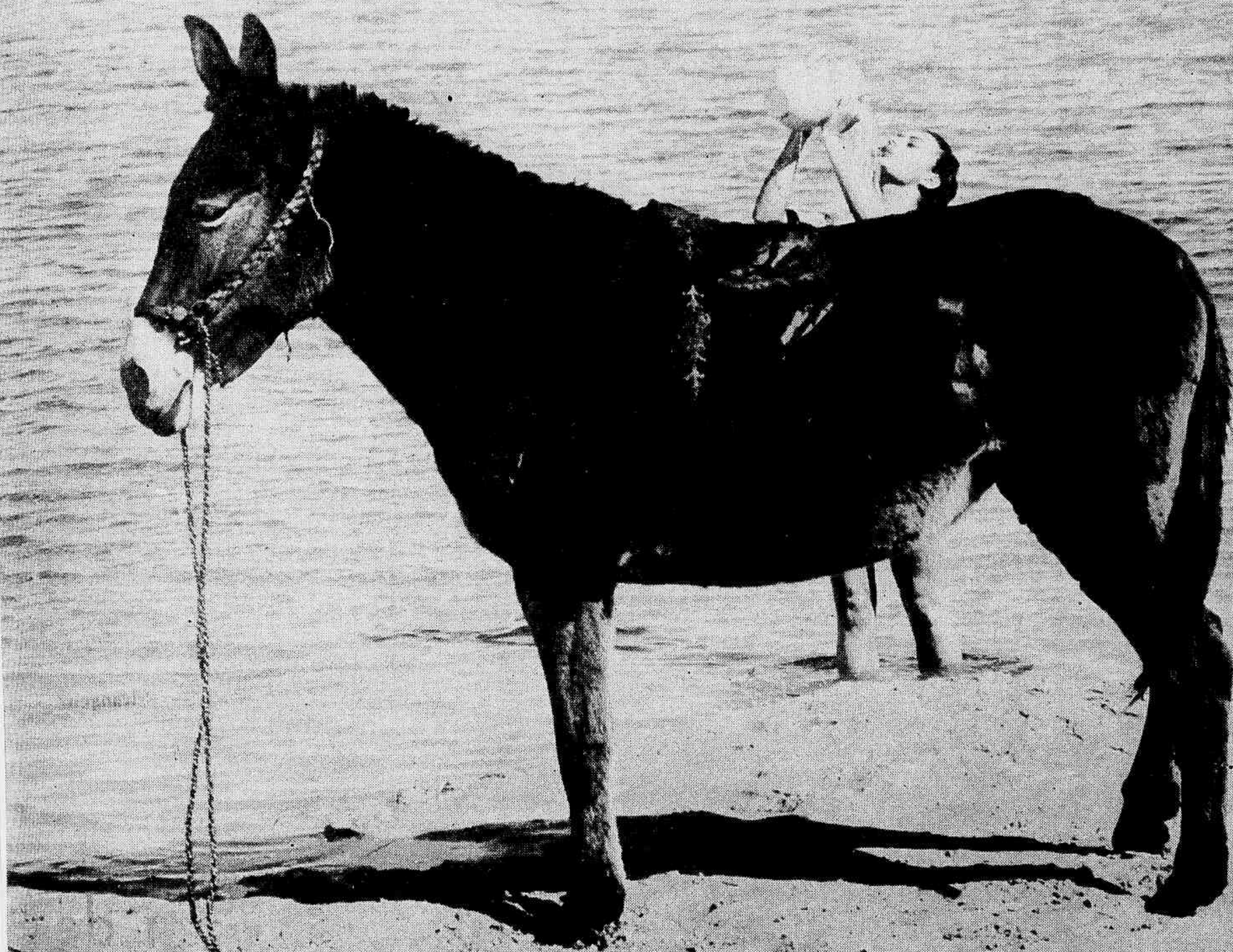
A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

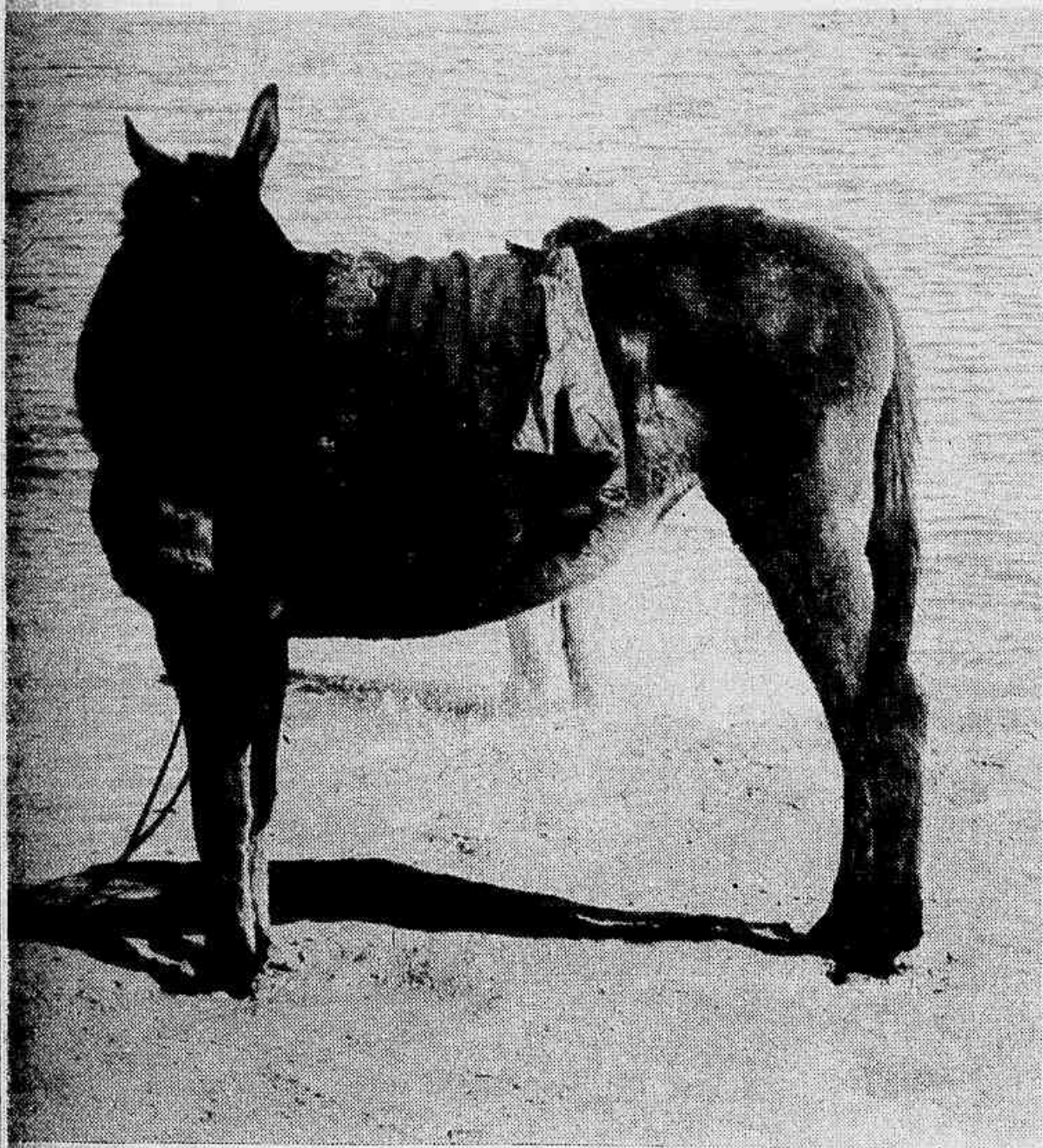




O jumento, por definição, é um animal que empaca, mesmo quando a gente grita com ele...

DA VANTAGEM DE SER JUMENTO

A CAPA



E, além do mais, é um animal egoísta.



Querendo Sophia Loren só pra êlezinho.



Quase houve um levante na Legião Estrangeira.

E da desvantagem de

UM AVENTUREIRO de poucos escrúpulos (John Wayne), um homem profundamente religioso (Rossano Brazzi) e — para usar a expressão grata aos americanos — uma mulher das ruas (Sophia Loren) formam o triângulo de “A Lenda dos Desaparecidos”, que consumiu no deserto do Sahara os investimentos de três companhias: Batjac (capital: John Wayne), Panama e Dear Film.

Rossano consome tôdas as suas forças (espirituais) com Sophia, procurando salvá-la do pecado. Porque não é apenas uma mulher das ruas. É mulher das ruas de Timbuctoo, lugar onde o Demo perdeu as botas e, por isso mesmo, nem figura no mapa. Rossano enfrenta o Sahara à procura de Ophir, uma cidade que o mundo considera desaparecida há dois mil anos, onde seu pai descobriu um tesouro em ouro e jóias. Sophia deixa os “ninhos de amor” de Timbuctoo e o acompanha. Wayne aceita a missão de guia. Junto ao tesouro, Rossano descobre também que o pai foi assassino. E, em seu desespero, procura converter novamente Sophia; desta vez ao pecado. Wayne também está interessado e, como não tem paciência para esperar na fila, o sangue começa a correr em “Technirama” (novo processo “cinemascópico”, da “Technicolor”).

Tudo isso, porém, nos momentos de filmagem. Entre uma e outra cena tórrida, Wayne e Loren se divertiam... jogando





Quando chegou a notícia de que Sophia estava filmando no deserto.

e existirem os maiôs da côr da pele

pinguepongue. O extenso período de trabalho no deserto da Líbia não permitia outras diversões: tôdas as listas de compras enviadas a Tripoli incluíam mais bolas de pinguepongue. As mexeriqueiras profissionais devem ter aproveitado para informar, "confidencialmente", que "durante a produção de "Legend of the Lost", sob o excitante calor africano, a Loren passou os dias dando bola a mr. Wayne e vice-versa".

Um jornalista americano diz que durante a filmagem de um banho de Sophia, havia nas proximidades 200 soldados franceses, equipados com binóculos.

Saíram parcialmente decepcionados, porque a estrêla usou um maiô justo, côr da pele. Para que não restassem dúvidas sobre êsse momento histórico, nosso Departamento Especializado obteve, além do detalhe acima, um depoimento da própria Sophia.

"EM UMA DAS CENAS do filme, o produtor-diretor Henry Hathaway (que fez "Horas Intermináveis" e "A Casa da Rua 92") me fez tomar um banho discretamente oculta atrás de um jumento. Segundo a história, nós estávamos viajando há dias pelo deserto e quase morrendo de sede. Finalmente

encontramos um lago e, após matar a sede, eu fiz o que qualquer mulher faria durante uma longa jornada com dois homens maravilhosos como Wayne e Brazzi. Decidi lavar-me um pouquinho (em obediência ao "script").

"Pensei que gostaria da cena de banho. Estávamos trabalhando sob condições muito difíceis, em um oásis cêrca de 400 milhas ao sul de Tripoli e, para os banhos normais, tínhamos de usar chuveiros improvisados em barracas. Esperava essa bem-vinda interrupção na rotina de rastejar sobre a areia. Mas foi o pior banho que eu já tomei".

"Para começar, se a água fôsse um pouquinho mais densa eu poderia caminhar sobre a superfície. Os árabes disseram que era água carregada de minerais e John Wayne observou que ela lembrava o famoso Salt Lake, em Utah. Também foi um dos banhos mais frios de minha vida. Se alguém pensa que o deserto é sempre assado pelo sol é porque nunca viveu lá. O vento estava gelado e com areia fina que aderiu à pele molhada".

"Tive que passar a maior parte do dia na água. Mr. Hathaway disse que encomendaria uma medalha para mim. Se mandar, terá de ser uma medalha arrepiada para ser autêntica".



NASCIMENTO,
vida, paixão
e morte
de N. S. J. Cristo!

HOJE

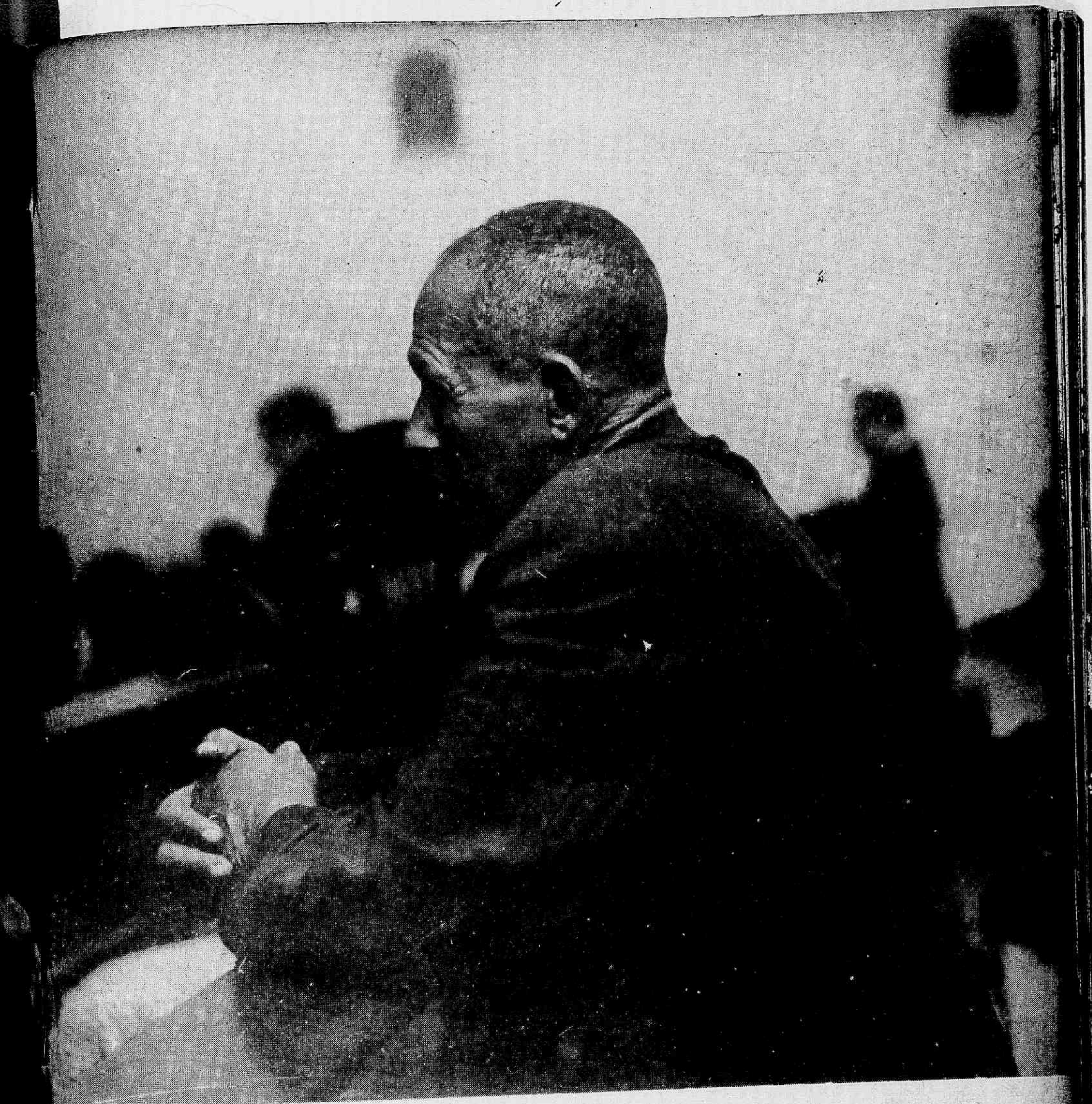


Geraldo Batista admira a vida de Jesus. "Ele era pobre".

GENTE

EU FUI JESUS CRISTO

No



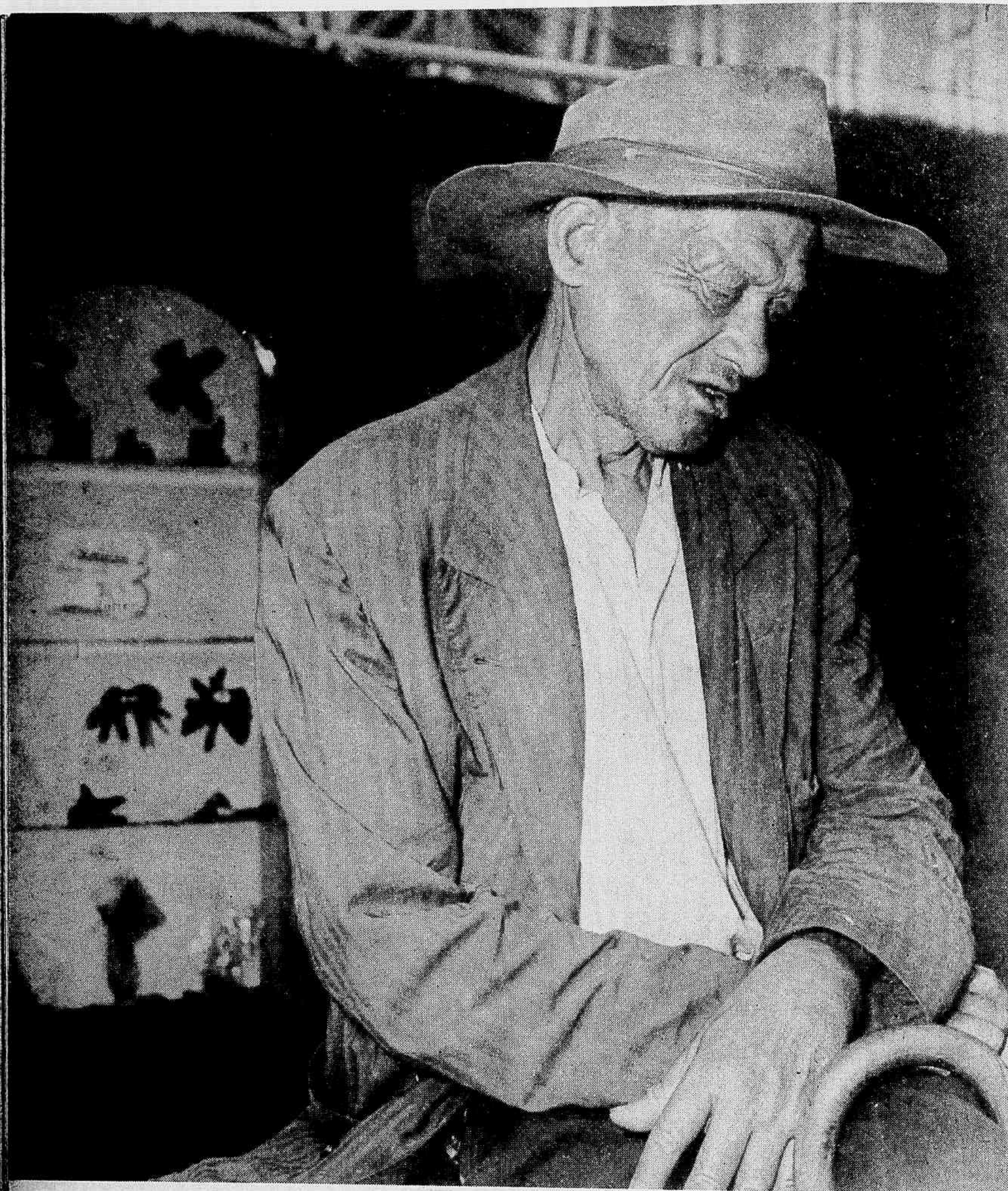
No Convento de Santo Antônio, Geraldo diante de Jesus.

O UM DIA

GERALDO BATISTA, o mendigo que foi Jesus Cristo na "Tarde Sagrada" do domingo de Ramos no Estádio do Maracanã (Rio), tem 67 anos, é carioca, baixo, mulato, tem um defeito no lado direito do lábio inferior, está sempre de mau-humor, é Flamengo e depois que representou Jesus tem recebido muitos pedidos de emprego.

O terno de tropical marrom (rasgado) que vestiu para ser Jesus é o mesmo que veste há dez anos, assim como as alpargatas cor de Havana (e rötas) que calça. Geraldo Batista anda sempre de chapéu e bengala, que movimenta quase sempre quando se zanga.

Na Semana Santa, Geraldo disse à REVISTA DA SEMANA que confessara e comungara para fazer a Páscoa e que D. Hélder Câmara, Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, lhe prometera um quatinho para morar.



O mendigo conta sua história à REVISTA DA SEMANA.

"Foi a única coisa que pedi a D. Hélder depois de ter sido Jesus Cristo: um quartinho".

Depois da "Tarde Sagrada" o mendigo recebeu 1000 cruzeiros de D. Hélder Câmara. Gastou 750 cruzeiros para comprar óculos novos (êle tem vista cansada) e, com o resto, foi a um bar na Praça Tiradentes (onde faz ponto) para beber uma garrafa de vinho e comer filé com fritas.

"Há vinte anos que não sabia o que era isto", disse Geraldo Batista, que agora ganha alguns trocados como ajudante de jornaleiro na Praça Tiradentes.

"Durmo em qualquer lugar, como de vez em quando, mas gosto de fumar e de beber".

Êle já foi funcionário da Polícia e do Exército. Seus pais morreram há trinta anos. Seu pai era músico do 1.º Batalhão de Infantaria e sua mãe trabalhava em casa.

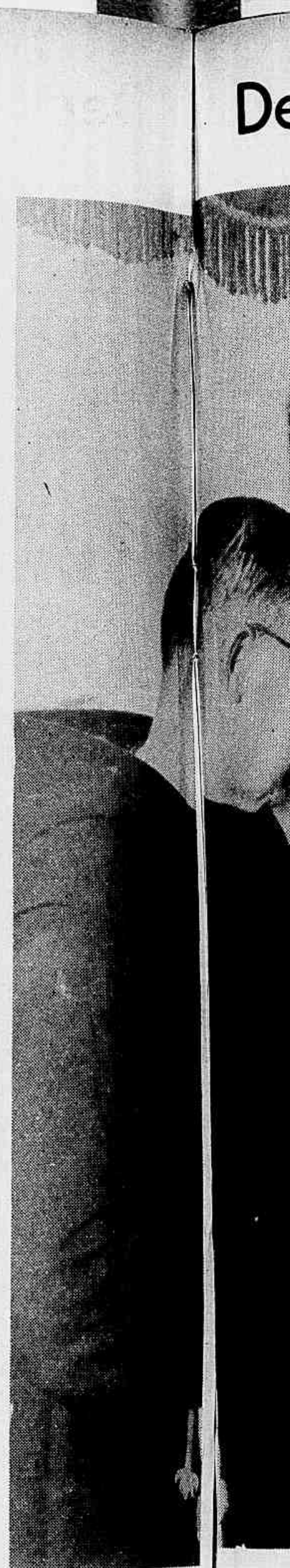
Com uma lágrima sempre escorrendo do seu olho direito, recorda com certo amargor o porquê de sua condição de mendigo: "Foi um amor desfeito, que quase me matou, e um concurso público. Estudara muito mas fui vítima de injustiça".

Êle sabe ler e escrever e alguns de seus amigos, jornaleiros na Praça Tiradentes, disseram à RS que "Geraldo é muito inteligente, mas não teve sorte na vida".

Geraldo Batista, que passou a Semana Santa ainda pedindo esmolas, disse que ficou satisfeito por ter sido Jesus Cristo, mas que não sentiu muita emoção "porque um pobre como eu, na minha idade, já não se emociona com mais nada".

Disse que alguns amigos lhe pediram para que arranjasse emprego; outros queriam roupas; e houve até os que nada pediram.

Se Jesus Cristo perguntasse hoje a Geraldo Batista o que



Depois de 20 anos um filé com fritas



Frei Donato prepara Geraldo para fazer a Páscoa.

êle queria ser, responderia: "Eu mesmo", como disse à REVISTA DA SEMANA.

Ele disse que, apesar de católico e de ter trabalhado no Convento Santo Antônio durante seis anos, não acreditava muito em Jesus Cristo.

"Mas quando entrei no Maracanã e vi aquela multidão passei a acreditar muito porque pelo menos metade do povo devia acreditar em Jesus", disse Geraldo, que passou na Igreja do Convento Santo Antônio a Sexta-Feira da Paixão.

Um dos seus maiores amigos é Frei Donato, do Convento Santo Antônio, onde o mendigo conhece todos os frades e os pobres que ficam nas escadarias pedindo esmolas ou vendendo prendas.

"Do que eu mais gostei na "Tarde Sagrada" foi de ficar ao lado do Cardeal. Entrei no Maracanã sem estar nervoso porque a vida para mim tem sido muito dura", disse o



"Não fiquei nervoso quando entrei no Maracanã".



Geraldo gostou quando o Cardeal o abraçou.

pobre, cujo roteiro pela cidade é do Convento Santo Antônio à Praça Tiradentes, onde fica sentado num caixote de madeira, na esquina da Rua Sete de Setembro.

"Fico sentado no meu cantinho vendo o povo caminhar apressado com muitos problemas na cabeça. Quando posso, leio Nelson Rodrigues. Assisti à Copa do Mundo de 1950. O maior jogador para mim foi Leônidas da Silva. Gosto muito do Convento Santo Antônio e de D. Hélder Câmara".

Geraldo Batista não diz "Deus lhe pague" a quem lhe dá esmolas porque "quem dá, dá porque quer".

Ele é encontrado todas as noites, às 22 horas, em seu caixote na Praça Tiradentes. E quando, na Semana Santa, passou por um cinema e viu cartazes da "Vida de Cristo", disse:

"A vida Dêle eu conheço muito. E admiro. Porque Ele também era pobre".

A PETROBRÁS VAI PRA CABEÇA



Visão noturna da Refinaria Presidente Bernardes (Cubatão) a maior do Brasil.



1. Economia de divisas:
106 milhões de dólares

2. Produção de petróleo:
10 106 270 barris

3. Sondas em operação:
quase o dôbro de 1956

4. Refinação:
118 mil barris por dia

5 Frota de Petroleiros:
232 mil toneladas

CUMPRINDO E (ALGUMAS VÊZES) ultrapassando as metas do governo no setor do petróleo, a Petrobrás realizou, com êxito, seu programa de 1957 e comprovou o acerto da solução estatal para o problema petrolífero brasileiro.

Eis os fatos:

1. A produção, refinação e transporte de óleo economizaram 106 milhões de dólares em divisas, contra 85 milhões em 1956 e 33 milhões em 1955.

2. A produção de petróleo bruto alcançou 10 106 270 barris, contra 4 058 704 (mais 150%) em 1956. Isso representa 22% do consumo nacional. Somente nos campos do Recôncavo Baiano a produção passou de 7 mil barris em 31 de janeiro de 1956 para 40 mil (diários) em dezembro de 1957.

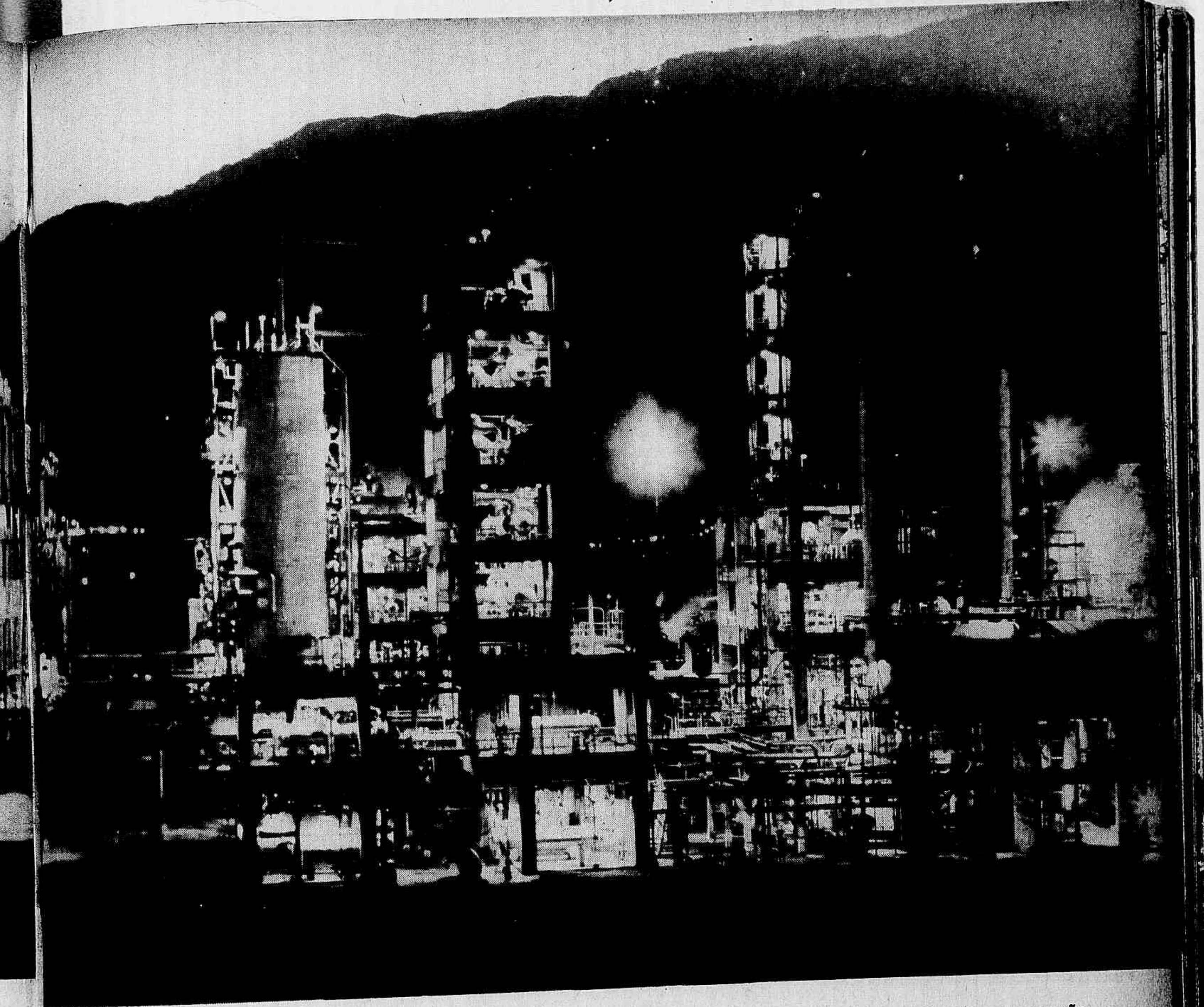
3. A produção de gás natural passou de 83 877 536 metros cúbicos em 1956 para 158 480 700 metros cúbicos em 1957.

4. Cresceram as reservas recuperáveis de petróleo do Recôncavo Baiano, que passaram de 255 milhões de barris em 1955 para 418 milhões de barris em 1957: aumento de 163 milhões de barris.

5. Iniciaram-se pesquisas em Alagoas, com pleno êxito, tendo sido encontrado petróleo em Jequiá da Praia.

6. Na Bahia foram descobertas novas reservas, inclusive na plataforma submarina de Dom João.

7. Quanto às atividades de pesquisa, foram grandes os



Sonda em atividade, na região de Nova Olinda, Amazonas. Uma das 50 em operação.

progressos alcançados. Em 31 de janeiro de 1956 achavam-se em operação, nas várias bacias sedimentares do país, 16 equipes de geologia e geofísica. No fim de 1957 já havia 34 equipes. No momento estão operando em vários pontos do território nacional 50 sondas, contra 37 em 1956. De janeiro a dezembro de 1957 foram perfurados, entre poços pioneiros, estratigráficos e para desenvolvimento de campos produtores, 124 738 metros. Em 1956 esse total foi de apenas 71 497 metros. Em 1957 foram concluídos 89 poços contra 47 em 1956.

8. No setor da refinação prosseguiram os trabalhos da Refinaria de Mataripe — ampliação de 7 mil para 37 mil barris diários, incluindo a produção de 3 mil barris diários de óleos lubrificantes. Iniciaram-se os serviços de terraplanagem para construção da Refinaria do Rio de Janeiro, que vai operar 90 mil barris diários de óleo bruto e realizam-se estudos para ampliação da Refinaria Presidente Bernardes, de Cubatão, e construção da Refinaria de Minas Gerais.

9. No início de 1956 a capacidade de processamento das refinarias nacionais era de 118 mil barris por dia de operação. Hoje essa capacidade aumentou para 131 mil barris devendo alcançar, em 1960, a meta prevista — 300 mil barris.

10. No setor da industrialização deve-se mencionar a conclusão da Fábrica de Fertilizantes e da Fábrica de Etanol,

ambas em Cubatão. No momento ambas estão em teste de operação.

11. No setor do transporte marítimo de óleo bruto e derivados, encomendou a Petrobrás a construção de 7 super-petroleiros, no total de 233 mil toneladas, que deverão estar em serviço até 1960. Foi ainda contratada a compra de um navio de 6 mil toneladas para transporte de óleo lubrificante e estuda-se a possibilidade de construção de 10 navios de 10 mil toneladas cada um para transporte de óleo. As unidades da Frota Nacional de Petroleiros somam atualmente 232 mil toneladas. Será atingida plenamente a meta fixada para 1960 — 468 mil toneladas.

12. A construção de novos oleodutos e terminais marítimos mereceu também especial atenção. Em 1956 foi inaugurado o oleoduto Catu-Mata-Candeias, no Recôncavo Baiano, com 52 quilômetros de extensão e capacidade para transportar 18 mil barris diários de petróleo. Ainda em 1956 começou a funcionar o terminal marítimo de Madre de Deus, na Baía de Todos os Santos. Em 1957 a Petrobrás construiu outro oleoduto de 65 quilômetros e 12 polegadas de diâmetro, destinado a transportar a produção dos campos de Catu, Pojuca-Central, Mata de São João, Candeias, Paramirim e Dom João até o terminal de Madre de Deus, para exportação. Sua capacidade de vazão é de 60 mil barris por dia.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 27

Para Veteranos

HORIZONTAIS: ré — la — asa — mal — dai — pada — pund — abastamento — erse — arae — isate — Dedt — ante — argueiro — niró — saiu — tao — cal — Rug — só — cá.

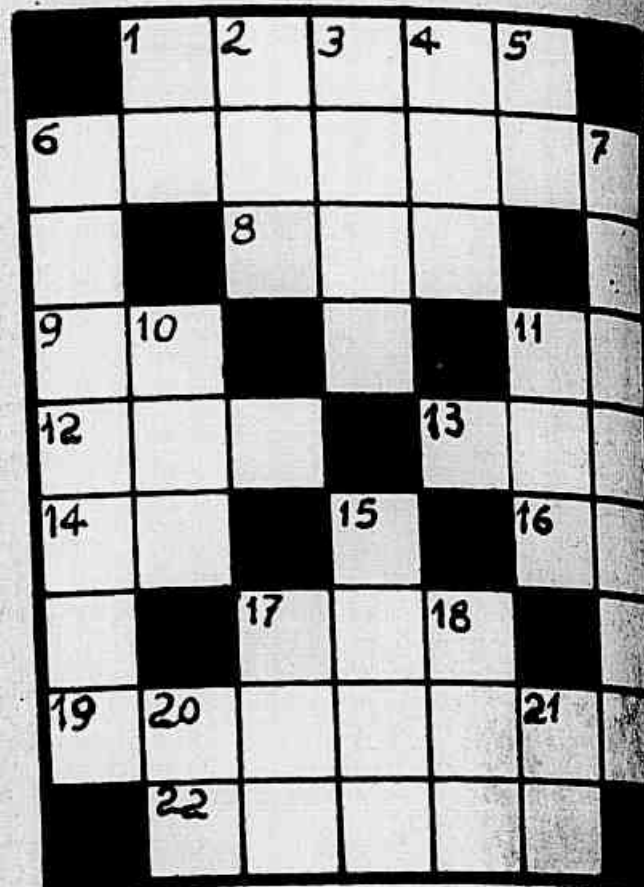
VERTICAIS: capa — radar — aduna — fido — sabedoria — ata — antefriu — assíduo —

perenes — teste — matar — egros — tiara — anta — ita — ougã.

Para Novatos

HORIZONTAIS: rá — Pr — una — ala — adregar — só — rato — rs — ro — tias — na — angelim — chá — oca — oa — or.

VERTICAIS: ruas — andorinha — platônico — raro — ar — Agar — Er — saga — taco — Sé — amar — ló.



PROBLEMA Nº 28

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Amarga — 2. Mundo — 3. Lírio — 4. Sufixo — 5. agente — 6. Símbolo químico — 7. Aqui está — 8. Oceano — 9. Ali — 10. Porém, contudo — 11. de raiva — 12. Dera miados.

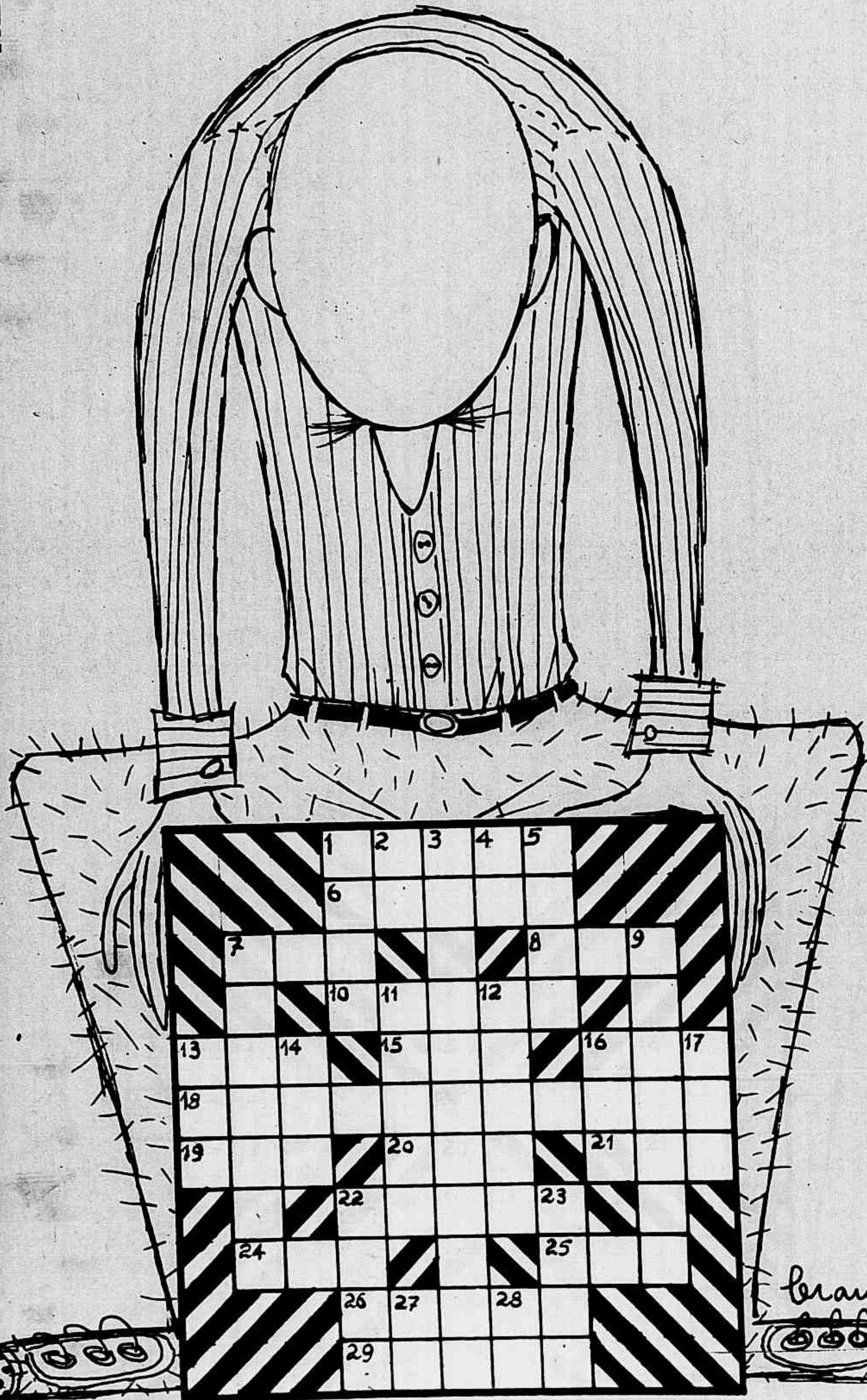
VERTICAIS: — 1. Sigla — 2. Um das — 3. Cantiga — 4. Seta — 5. de Cristo — 6. Ficar doente — 7. Esteio de rio — 8. Mil e dois em — 9. Concedia — 10. Mil e dois em — 11. Prefixo que denota posição em — 12. Símbolo químico do samário.

PROBLEMA Nº 29

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Variedade de — 2. rio africano — 3. Martirizar — 4. Com dificuldade — 5. Mulher de — 6. Com dificuldade — 7. Labareda — 8. A você — 9. da França, dep. de Vaucluse — 10. Regi- tuada entre rios — 11. Gênero de — 12. Herdade delimitada por marcos — 13. mento grego que significa examinar — 14. sera em prática — 15. Rumor — 16. Divide em dois — 17. Subtrair — 18. mente.

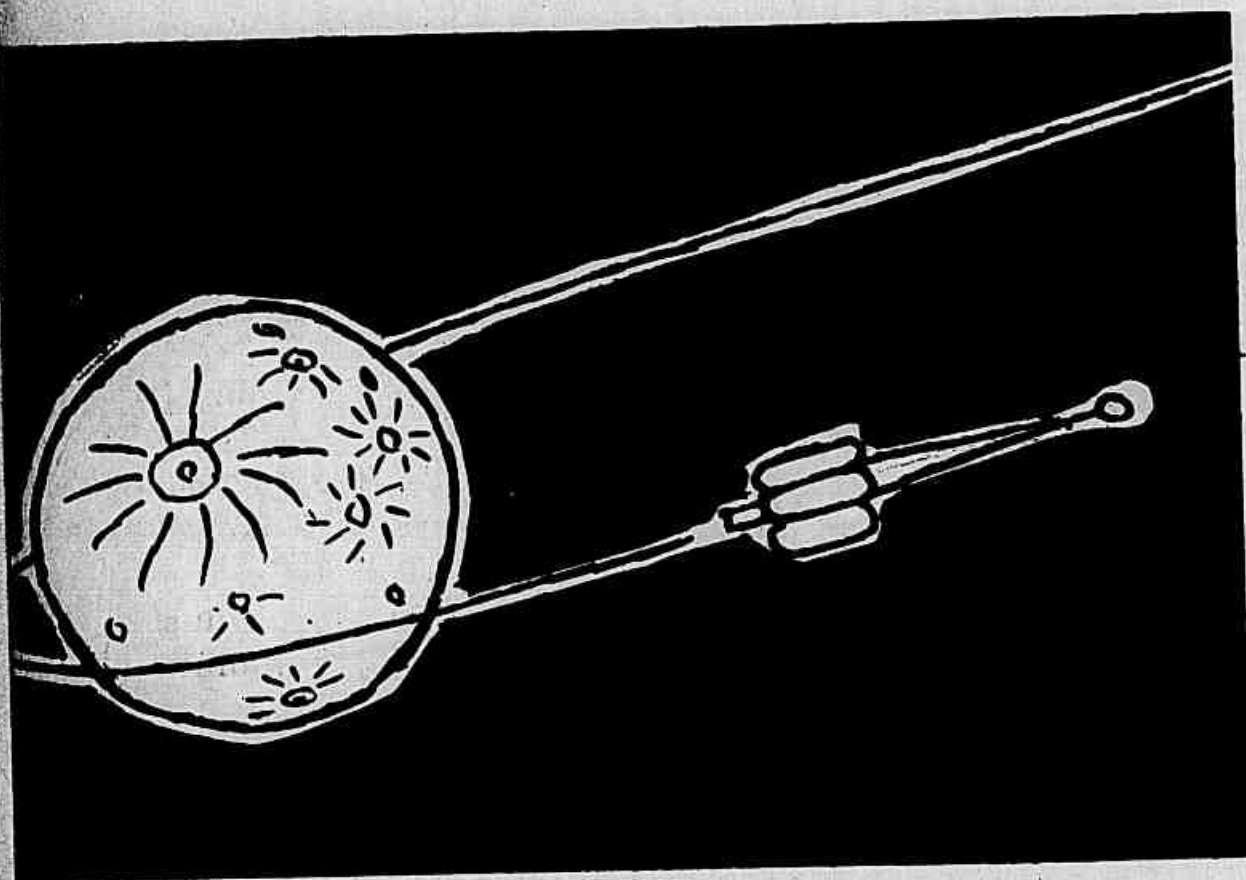
VERTICAIS: — 1. Arvore frutífera — 2. do N. do Brasil — 3. Mi-bemol — 4. Empenhados — 5. Décima — 6. tra do alfabeto turco — 7. Freira — 8. de realejo (pl.) — 9. Aperfeiçoar — 10. ou serra — 11. Parte de um recinto — 12. posto sob o comando de um oficial — 13. lajadeira — 14. Uma das partes da — 15. Dono da casa — 16. Antiga moeda — 17. Algumas — 18. Apreciar muito — 19. trumento de música da China antiga — 20. bolo de metal de peso atômico — 21.



NO ESPAÇO



Se o homem voar à velocidade da luz alcançaria



PERGUNTA

Tem-se dito que o homem, viajando com velocidade próxima à da luz, envelhecerá tão lentamente que se manterá jovem por centenas de anos. Como pode ser isso?

RESPOSTA

A maior velocidade conhecida é a da luz: 300 mil kms por segundo. Essa velocidade é sempre constante, a ponto de a ter tomado Einstein como ponto de partida para a sua Teoria da Relatividade, na qual afirma que o tempo e a distância são relativos, isto é, dependem do movimento. O tempo é, assim, função da velocidade; está sujeito, como "medida do movimento", que é, à influência da velocidade. De modo que foi formulado o princípio: "Quanto mais veloz se desloca um corpo, tanto mais o tempo se dilata para ele, em relação com o tempo medido por um corpo imóvel".

No ultra-rápido foguete fotônico, que se deslocará com velocidade próxima à da luz, como que o tempo "não tem tempo" de passar. Daí porque se escoará lentamente, tendo sido calculado que cada ano, no foguete, equivalha a de 7 a 10 defluidos na Terra (desde que a velocidade não exceda em mais de 2/3 a da luz). A longevidade que alcançará o homem fotônico variará, nesse caso, de 700 a 1000 anos terrestres (na base de 100 no foguete). Caso a velocidade atinja maior valor e chegue, por exemplo, a 290 mil kms por segundo, 1 ano, no foguete, corresponderá a 100 na Terra. O certo é que, envelhecendo muito menos do que se estivesse na Terra, prolongará o homem fotônico a sua juventude, transformada a velocidade em verdadeira Fonte de Juventude, que o aguarda na rota das estrelas...

PERGUNTA

E se conseguisse o homem deslocar-se com a própria velocidade da luz, que aconteceria?

RESPOSTA

Ficaria imobilizado no tempo, o qual estacionaria. Daqui o conceito de "eternidade": duração imóvel, sem fim. Movendo-se tal qual a luz não envelheceria o homem — seria

eterno. Mas "eterno", cem por cento, só Deus. Afirmou S. João que "Deus é luz" (I Jo 1,5). Não estaria entendendo, já, a eternidade divina como efeito da "imobilidade do tempo", a qual decorre, sabe-se hoje, da relatividade dessa medida do movimento, referente à luz?

Voltando ao que acima dissemos, repetimos: o homem ficaria imóvel, porque, de fato, não ficará. É que, pela própria natureza física do cosmos, só a luz tem a velocidade máxima. Coisa alguma concreta, criatura alguma física, poderá mover-se, exatamente, com a velocidade da luz, por um lado inatingível e, por outro, inultrapassável. É ela o limite do universo. E não só com relação ao tempo e ao espaço, senão também quanto à massa dos corpos. Se um corpo atingisse a velocidade da luz, já que a massa também é função da velocidade, aumentando com esta, teria esse corpo massa infinita, o que se opõe à própria definição de corpo: porção limitada de matéria. Eis a razão por que falamos em deslocamentos com velocidade próxima à da luz e não com velocidade igual à da luz.

PERGUNTA

Poderá ser experimentalmente comprovado esse "efeito relativístico da dilatação do tempo"?

RESPOSTA

Antes de respondermos, queremos dizer que o efeito dilatador do tempo é conhecido, também, por "Paradoxo dos gêmeos", pois, em que pese à simetria fundamental dos gêmeos, envelheceriam estes desigualmente, se um fôsse levado às estrelas, enquanto o outro permanecesse na Terra. É ainda conhecido por "Problemas de Langevin", por haver sido esse sábio francês o primeiro a propô-lo, baseado na Relatividade de Einstein. "Viajante de Langevin" é, finalmente, a terceira designação dada ao efeito em causa.

Quanto à sua comprovação experimental, os próximos satélites artificiais russos vão submetê-lo à prova decisiva. Será o "Paradoxo do Relógio". Conforme já anunciado pelo prof. Chterbakov será pôsto, num dos próximos satélites soviéticos, relógio atômico com sensibilidade de um milionésimo de segundo. Afetada pela velocidade orbital, de 28 800 kms por hora, será a "Hora Sputnik" comparada com a "Hora terrestre". Verdadeiro o efeito verificar-se-á, findo um ano, o recuo de um centésimo de segundo na "Hora Satélite", o que bastará para comprovar a veracidade do efeito einsteineano, aliás já... comprovado!

PERGUNTA

Como assim? Por que meios?

RESPOSTA

Primeiro, pelos mesons π . Vamos ao caso. Quando os raios cósmicos primários entram em contato com a atmosfera bombardeiam os núcleos de oxigênio e nitrogênio, produzindo mesons π e μ . Formam-se estes últimos a cerca de 16 kms de altura. Sua duração é insignificante: pouco mais de 2 milionésimos de segundo! Conhecida a velocidade com que se deslocam deveriam percorrer, no diminutíssimo período de sua duração, apenas 600 metros. Pois bem: percorrem 10 mil! Como explicar o fato, que aberra da dinâmica de

Newton?
Como a v
dilata-lhes
trajeto na
vida.

A mesm
implicar
massa":
as veloci
aproxima
sincrocicl
com esta
zados po
o aparelh

PER

Suport

RES

É de
cidade
pelas a
cuidado

Laika
sificado
poucos,
certos
diminui
fotônico
sônica
certas
por se
velocid
e, para
o mesm
na vel
tereste
blema,
porém,
será p
mada
gética
precis
a met
mento
mesm
do fo
extern
resolv
ao qu
nético
em t
imun
e ant
ziriar
mant
um

PI

E
viaja

alcançará (teòricamente) à eternidade

Newton? Só há uma explicação, a da dinâmica relativista. Como a velocidade de que se acham animados é quase ótica, **dilata-lhes esta o tempo**, permitindo-lhes cobrir todo aquele trajeto na insignificante fração de tempo de que consta sua vida.

A mesma razão, e só ela, explica outro fato dêste afim, por implicar no chamado "efeito relativístico da dilatação da massa": o de que os ciclotons deixam de funcionar quando as velocidades das partículas subatômicas nêles produzidas aproxima-se da velocidade da luz. Recorre-se, então, aos sincrociclotons. É que a massa, como função da velocidade, com esta aumenta. E só em ciclotons devidamente sincronizados podem tais partículas ser liberadas sem desregular o aparelho.

PERGUNTA

Suportará o organismo humano a velocidade fotônica?

RESPOSTA

É de crer que sim. Em si mesma, em nada afeta a velocidade as funções biológicas. São estas afetadas, e muito, pelas acelerações e desacelerações, se feitas sem o devido cuidado.

Laika, a cadelinha sideral, teve, durante a ascensão, intensificado de muito seu ritmo respiratório e circulatório. Aos poucos, porém, tudo voltou ao normal. Conclui-se que, sob certos cuidados (que a Laika não faltaram), o aumento ou diminuição de velocidade é suportável. Ora, no foguete fotônico a velocidade não passará, de repente, de supersônica a infra-ótica. Tudo se fará aos poucos e dentro de certas condições. Com uma aceleração de apenas 10 metros por segundo poder-se-á atingir, em 4 meses, um têrço da velocidade da luz. Essa aceleração é perfeitamente tolerável e, para maiores índices, haverá meios de resistir, valendo o mesmo para as desacelerações. O perigo não reside, pois, na velocidade, mesmo fotônica; está, isto sim, nos gases interestelares. Até 100 mil kms por segundo não criam problema, dado seu extremo grau de rarefação. A partir daí, porém, tal calor começará a desenvolver-se, pelo atrito, que será preciso encontrar meios e modos para conjurar a chamada "barreira termo-galática". Outra barreira, essa "energética", do foguete fotônico será nêle desencadear a reação precisa para produzir acelerações que o levem a ultrapassar a metade da velocidade da luz, sem o que não será o rendimento deveras compensador. Talvez resulte isso impossível, mesmo quando soubermos transformar a massa em luz (base do foguete radiante). Só quando pudermos criar um campo externo de força todos os problemas estarão definitivamente resolvidos, sem mais quaisquer óbices. Não é o que fazem, ao que tudo indica, os discos voadores? O campo eletromagnético por êles criado confere-lhes passaporte sideral, válido em tôdas as rotas do espaço. Percorrem todos os astros, imunes, inclusive, de impactos com partículas antiprotônicas e antieletrônicas, desintegradoras da matéria, as quais reduziriam literalmente a zero a sideronave, se esta as não mantivesse à distância; o que só é possível pela atuação de um campo de força externo.

PERGUNTA

E a chamada "explosão do tempo"? Não fará com que o viajante fotônico, ao regressar, perca o tempo ganho que o

conservou jovem e readquirira, num instante, os anos transcorridos na Terra, envelhecendo?

RESPOSTA

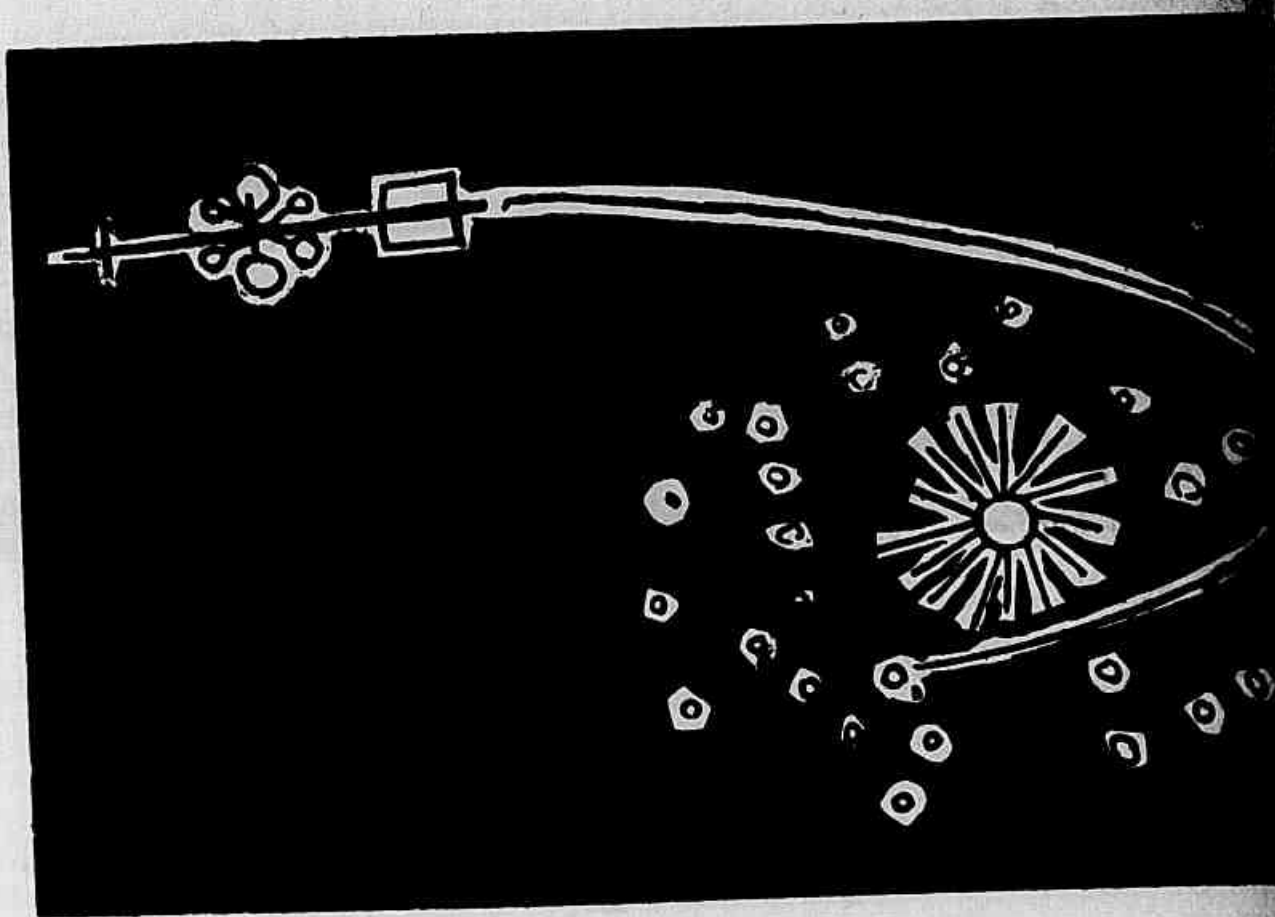
A pergunta faz lembrar o filme "Horizonte perdido", há anos exibido nesta capital. Forçado a descer, um avião sem rumo pousou em estranha terra (Shangri-lá), onde, quem ali chegava, não mais envelhecia. Um dos pilotos, apaixonado por bela jovem que ali residia, quis levá-la consigo e, ao ser por êles franqueada a fronteira do estranho país, viu-se, de repente, de braços com encarquilhada e trôpega mulher: a jovem, num momento, readquirira os anos parados, mas vividos, de sua existência...

Tornar-se-á essa ficção em realidade, quando o homem fotônico regressar à Terra? Cremos que não. Se a desaceleração se verificasse num relance não há dúvida de que o "tempo fotônico" explodiria, acarretando, por subsequente "explosão biológica", a imediata destruição do viajante sídereo, esmagado sob o peso de centenas de anos caídos, de chôfre, sobre êle. Desde, porém, que se processa lentamente a passagem de um tempo a outro, não se vê motivo para a explosão. Pelo menos, em teoria. Só com a primeira viagem galática se saberá, de fato.

Crê-se, todavia, que, mesmo na ausência de qualquer explosão, tenha o espaçonauta, no regresso, de ficar em repouso e observação (na estação espacial), até completa reintegração no tempo terrestre. Algo de semelhante já se passa com o escafandrista, ao emergir do meio aquático em que longamente permaneceu: fica em câmara de descompressão, até readaptar-se ao meio normal. E como o mergulhador que, após algum tempo de trabalho, dá por encerrada a carreira submarina, assim terá o futuro estelonauta de abandonar as viagens siderais, após algumas readaptações.

A perspectiva, porém, é de que muitos jamais voltarão, adaptados a outros mundos, porquanto se julga, com fundadas razões, que em inúmeros planêtas extra-solares, haja condições propícias ao nosso gênero de vida.

A Terra terá, então, enviado emigrantes ao espaço. E a raça humana sobrevivido além do imaginável...





AS DUAS VOZES

(OS PERSONAGENS)

ERAM VELHOS, e isto basta para defini-los. Eram velhos mesmo. Um casal de velhos. Velhos sem idade, pois a idade cansa. Eram velhos mesmos. Um casal de velhos. Como velhos, restava-

lhes o suicídio. O círculo de amizades de velhos é pequeno: é um velho, outro velho e mais outros objetos velhos. São todos velhos. Velhos sem idade e sem sexo: são massas humanas inanimadas — são velhos. Cabelo branco, andar vagaroso, assentado o dia inteiro comendo

môscas e bebendo ventos. Velho é triste. Dois velhos mais triste. Três velhos mais triste ainda. Dois velhos e uma casa velha é desesperador. Dois velhos, uma casa velha e uma cidade velha é suicídio.

(O DIÁLOGO)

— Velho, não me chateia — dizia a velha.

— Velha, por que você vive comigo?

— Velho, não me chateia.

— Velha, por que você não morre?

— Velho, não me chateia.

— Velha, eu te enforco.

— Velho, não me chateia.

— Velha, você diz que é suicídio.

— Velho, não me chateia.

(pausa)

— Velha, vamos dar uma volta?

— Velho, andar nestas ruas tristes de cidade velha, ver árvores ainda verdes vistas quando criança. Não, velho, vamos ficar aqui mesmo e ver o céu que muda todo dia e parece velho.

— Velha, se eu sou velho, se você é velha, se a casa é velha, se a cidade é velha, por que não brincamos de criança?

— Velho, você está ficando bôbo.

— Não. A gente brinca de roda, fica cansado, depois a gente se assenta no chão e descansa.

— Velho, você está ficando bôbo.

— Velha, me deixa falar: a gente pode viver como criança e você não quer. Basta a gente querer, falamos um para o outro que somos crianças e pronto. Se você quiser, não pensamos mais em amor, sexo, vida ou morte — pensamos como criança.

— Velho, criança não pensa — brinca. Mas, deixe de bobagem e de me chatear.

— Velha, me dá a mão.

— Velho, não me chateia.

— Velha, me dá a mão.

— Velho, não me chateia.

— Velha, eu esmigalho a sua cabeça, parto a sua cara ao meio, torço o seu nariz para a esquerda.

— Velho, fique calmo.

(pausa)

— Velha, vamos ser crianças: você se lembra, a goiabeira era alta, a laranjeira

não dava laranjas nesta época — por que será? Velha, por favor, seja criança!

— Velho, não adianta pensarmos como criança se o corpo está cansado, se a pele está velha e se o coração está roído.

Conto de Silviano Santiago

— Velha, sinto pelo menos. A lua está clara. A noite está clara. Sua pele é clara. Tudo está claro. Só você é que está negra, como a noite que não conheci até hoje.

— Velho, não me chateia.

— Velha, levante-se e venha aqui para o meu lado.

— Velho; não me chateia.

— Velha, vamos brincar de roda. Esta cadeira fica sendo o centro. Eu te dou um braço e depois outro. Você também me dá seus braços. Ficamos rodando, rodando, rodando... ciranda, cirândinha...

— Velho, está bem; mas venha cá.

— Velha desgraçada. Você sabe que eu não agüento me levantar desta cama. Só para me fazer ficar zangado é que você disse isso. Minha perna está bamba. Meu corpo está bambo. Não está bamba apenas a minha vontade de ser criança: viver outra vez, correr de novo, seria tão bom. Você se lembra do escorregador que tínhamos lá em casa. De seu vestido que levantou com o vento, de como você ficou corada e eu também. Naquele momento eu te amei. Hoje, não te amo mais: o dia matou a sua virgindade e graça, e a relva quebrou o seu encanto.

— Velho, não me faça lembrar disso e não me chateia. Eu bem que gostava de você. Talvez nem gostasse de você. Gostava — isso sim — de sua gentileza, de sua educação. Eu era tão boboca. Você conhecia a Capital do país e eu não. Você se recorda de quando me mostrou pela primeira vez um caju. Achei-o tão gozado. E o gosto: amargo como minha vida antes de conhecer-lhe.

— Velha! Velha! Velha! cale a bôca. Você me mata. Hoje eu me suicido. Não quero sentir que já vivi: quero é viver. O sal queima minha língua. Velha, me dá água.

Velho idiota, acabei de crer que você está louco. Olhe que já tem louco em sua família.

— Velha, feche a bôca. Deixe-me pensar que sou novamente criança. Bem que poderíamos dar uma volta de carro. Aquela carruagem que comprei, quando éramos rapazes, nunca me sai da cabeça. Poderíamos, poderíamos mesmo, imitar aquele dia. Poderia até te dar um beijo e um abraço. Não, não, quebraria todo o encanto... ficarei sonhando.

— Velho.

— Poderíamos alugar um carro por uma hora. Dar uma volta no parque. Passarmos naquele bairro que tem casas novas e modernas. Poderíamos até parar num edifício e subir no elevador. Mandaríamos o motorista correr bastante com o carro. Sentiríamos o vento batendo em nossos cabelos. Sentiríamos que estávamos jovens.

— Velho, pára com isso.

— Não, não, não paro. Mandaríamos que o carro corresse bastante e quem estivesse na rua diria: "Lá vai um casal de nomorados jovem e cheio de vida". Poderíamos esquecer até que somos velhos. Mas não, esta perna paralisada não me deixa fazer nada. A sua tristeza entristece-me. É a mesma coisa que não poder ver.

— Velho, fique mais calmo, um dia isto passará.

— Eu não quero que passe, pois o dia que passar será o dia de minha morte. Eu não quero morrer. Tenho medo da morte. Tenho medo de você.

— Velho (a velha levanta-se e vai até o leito do velho), me deixa abraçá-lo, assim você ficará mais confiante no futuro. Velho, se você quiser, agora podemos brincar de roda.

— Velha, agora não quero mais nada. Cansei-me. A vida me cansou. Os dias são muito longos e as noites, quando descanso, são pequenas. Os dias são longos e as noites são pequenas. Os dias são longos e as noites pequenas...

— Velho, abrace-me.

— Velha, vou passar a mão no seu rosto e irei até o pescoço. Começarei daqui e irei descendo, descendo, descendo.

(O EPILOGO)

As mãos do velho se agigantaram, ficaram tensas, a velha gemeu e um barulho de queda ecoou pelo quarto.



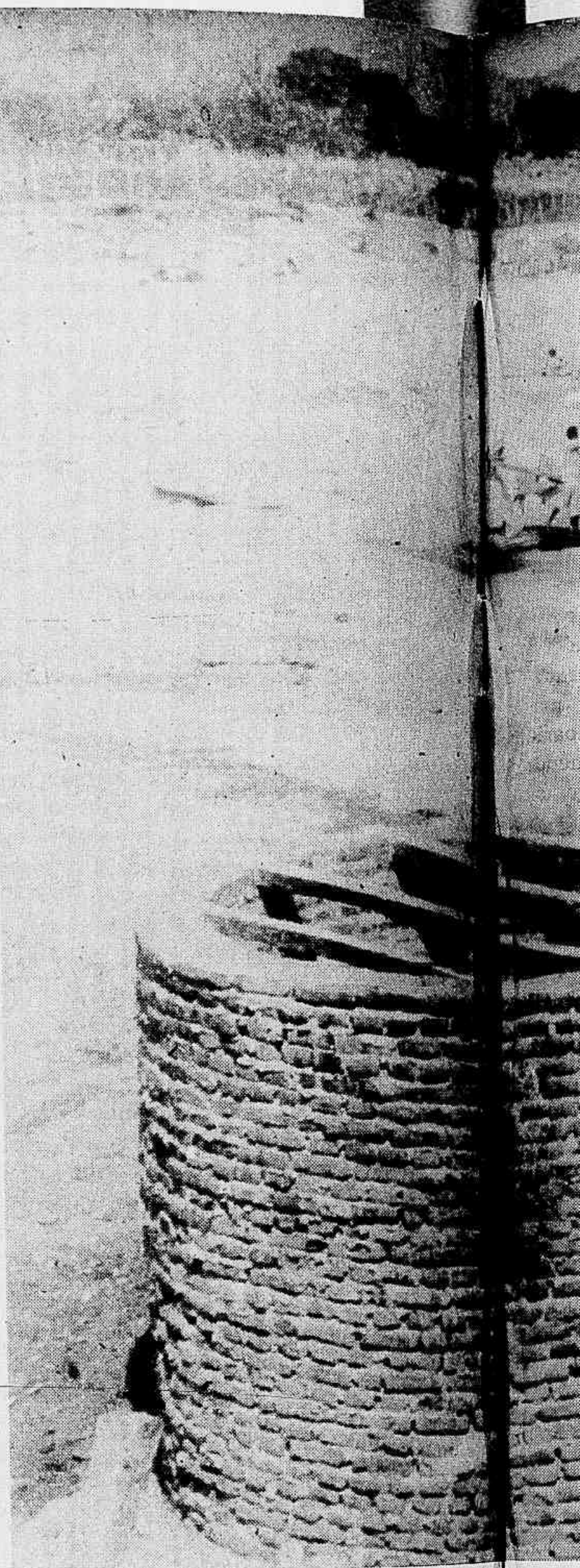
A SÊCA DO NORDESTE VEIO DA ÁFRICA

fotos de João pedrosa

Quando o sol se torna companheiro constante do nordestino
êle olha para o céu e pede chuva (que não vem).



Os açudes no nordeste são mais palmeiras



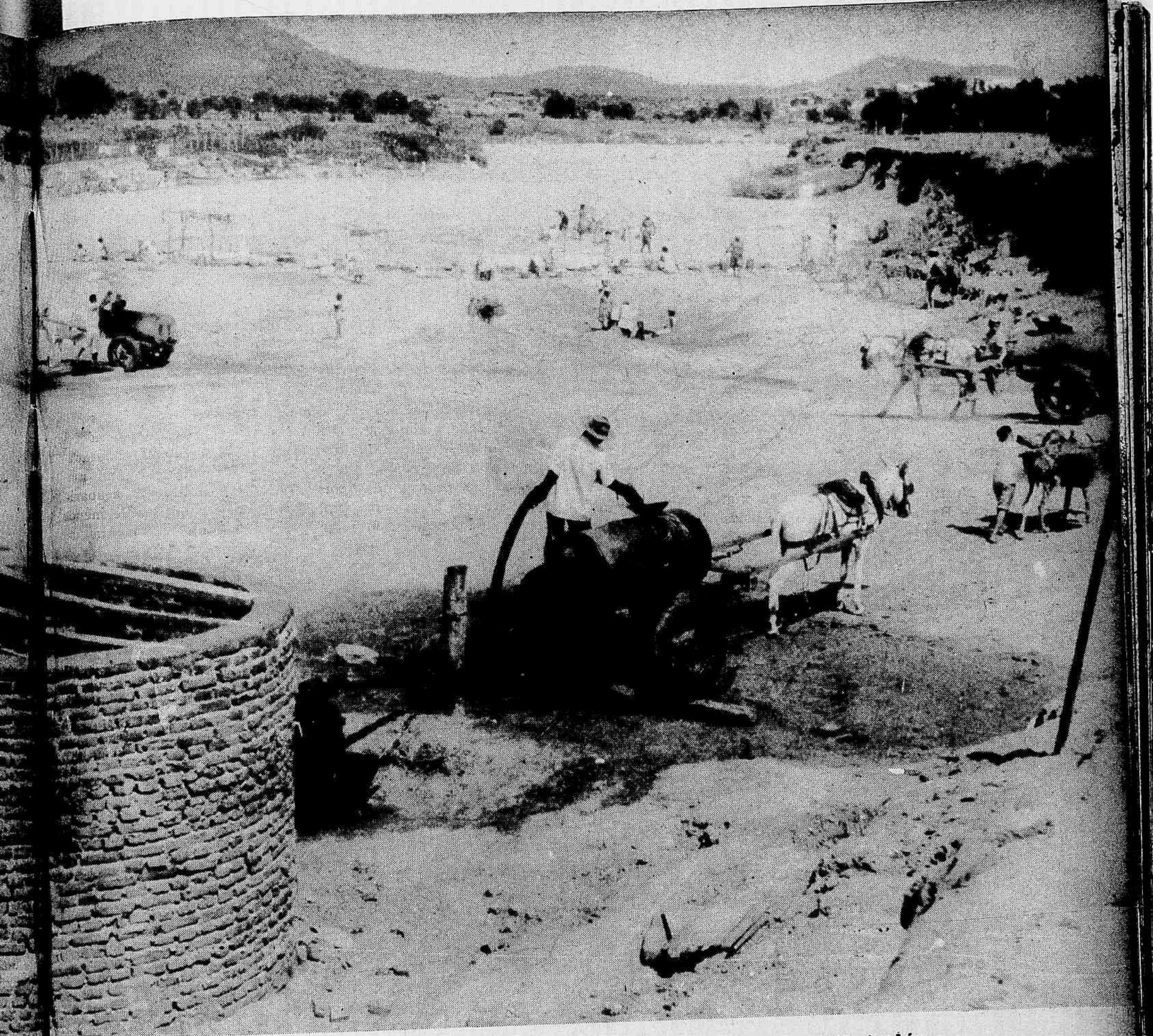
do qu

F
per
ao
esc
leir

já

gu
ca
fo
no

no
ún
on
ch
ár
do



do que valor. Porque se prestam para as propriedades particulares e deixam o nordestino com sede também.

EM OUTUBRO, VENTOS quentes da África Equatorial perturbaram o regime dos anticiclones da região que fica ao norte da ilha dos Açores. Um meteorologista português escreveu no seu relatório: "Não choverá no nordeste brasileiro até meados de junho, a não ser esporadicamente".

Muitos dias antes da notícia chegar ao Brasil os nordestinos já sabiam que a perspectiva era de seca.

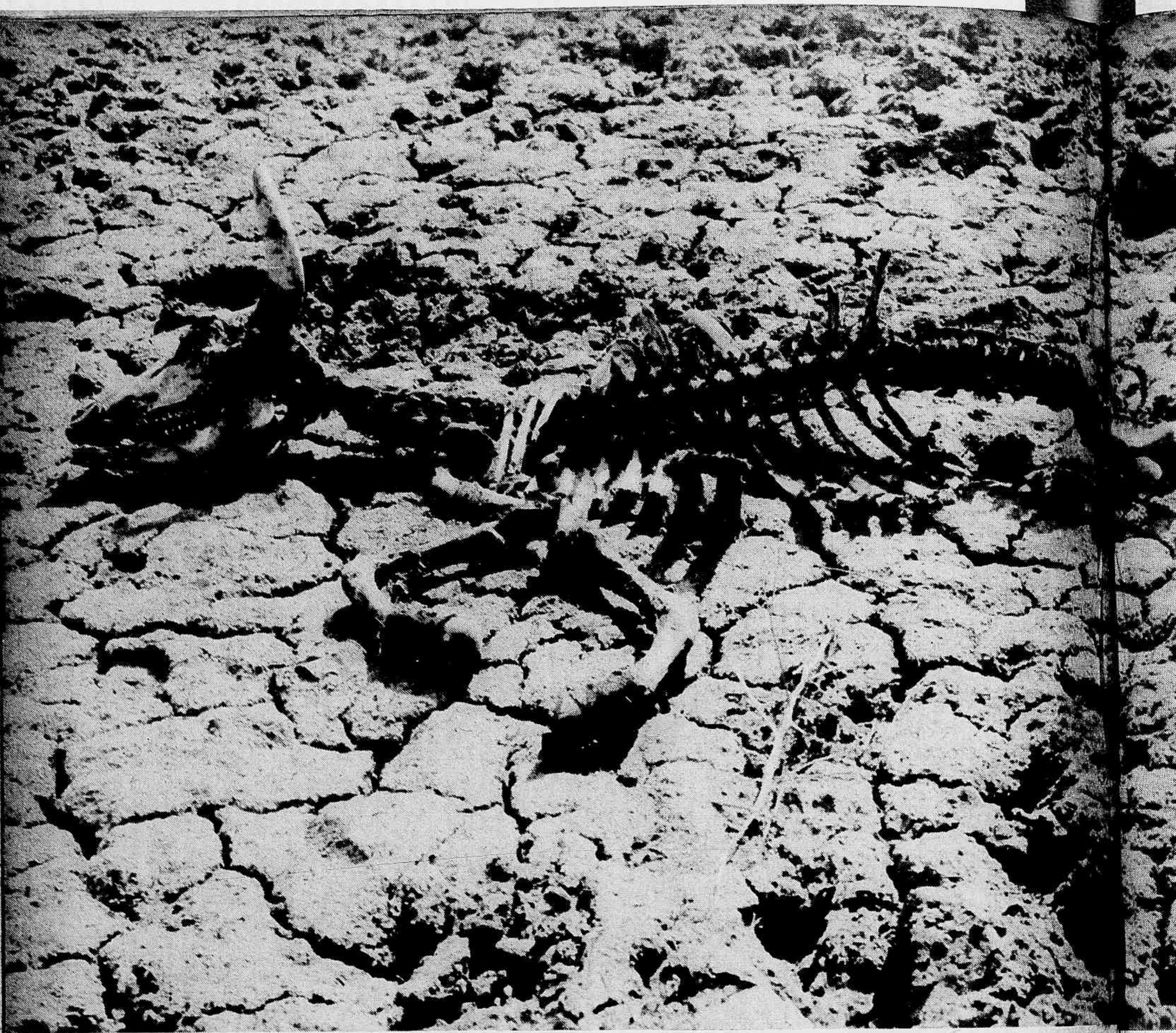
No dia 19 de março essa perspectiva virou certeza. Segundo a tradição, se até o Dia de São José a chuva não cai nos roçados do milho e feijão, o ano será seco e de fome. O plantio do nordeste é feito em São José para colher no São João ou no São Pedro.

A exceção de pequenas chuvas ocasionais, não tem chovido no nordeste. Não choveu sequer, regularmente, na zona úmida do Estado, nesta estreita faixa litorânea de Massapé, onde se planta quase exclusivamente cana de açúcar. Não choveu no sertão, não choveu no agreste. E o agreste é a área das culturas de subsistência, das pequenas propriedades, dos poreiros de meio a meio.

Os jornais têm noticiado chuvas, e cada chuva noticiada vem com adjetivos que querem fazer crer estar terminada a seca na região. Mas essas chuvas esparsas, irregulares, que reverdescem eventualmente as pastagens, não as conservam. São chuvas que não enganam o vaqueiro e o trabalhador da terra.

Nesses começos de 58 a situação no nordeste é dramática. O homem, o gado e a terra estão na mesma angústia. O homem emigra, o gado morre e a terra ressequida endurece e racha.

Há os açudes mas são em número pequeno e na sua grande maioria encravados em propriedades particulares e sem serventia pública. Quase sempre servem apenas para enfeitar a paisagem e para fotografias. São açudes às vezes grandes mas de água salobra. Mesmo que fossem de água doce, sem a salga que o terreno provoca, faltam, em muitos deles (na sua quase totalidade), os canais de rigação. A água não pode ser levada a maiores distâncias e as várzeas vizinhas ficam inaproveitadas para o cultivo porque o açude as absorve.



Para minorar a seca o nordestino recorre aos homens. Depois lê os jornais. Finalmente, ataca até propriedades particulares.

Silos, não há. Na área sertaneja são figuras de retórica. Além disso, não haveria o que guardar porque as últimas colheitas foram reduzidas. Alguns poucos que existem no agreste servem apenas para que seus donos provoquem alta artificial de preços, pela retenção dos estoques. Ainda por cima, não há dinheiro para comprar mercadoria porque não há trabalho.

E não há árvore. Por imprevidência, e por falta de fiscalização, o sertanejo transformou a sombra em carvão. Reflorestamento também não há. O número de árvores plantadas não cobre um décimo do que é cortado para lenha.

Empurrado pela seca, e principalmente pela fome, o homem emigra. Ele não tem mais emprego nas fazendas; sem emprego não tem dinheiro; sem dinheiro não tem comida. Com a família, enche as estradas caminhando em direção ao sul.

Quando uma cidade fica cheia de retirantes miseráveis,

ela corre perigo. Sem dinheiro para continuar viagem ou para comer, eles se organizam em bandos e passam a atacar armazéns, depósitos e até casas particulares. O saque é a última esperança.

Em Triunfo, Pernambuco (uma cidade entre cinco serras que eram verdes e férteis), retirantes que desciam da Paraíba fizeram quase uma revolução. No interior da Paraíba e do Ceará aconteceu a mesma coisa. E o cangaço ainda não reapareceu mas faltaria pouco.

Em lugar do cangaço de outras secas, apareceu o pau-de-arara, caminhão terrível que leva os retirantes para o sul ou para Brasília.

As cidades que estão no roteiro dos retirantes se previnem, organizando brigadas civis armadas.

Nas igrejas, como última esperança, o povo reza. Ninguém mais lê jornal, de raiva.

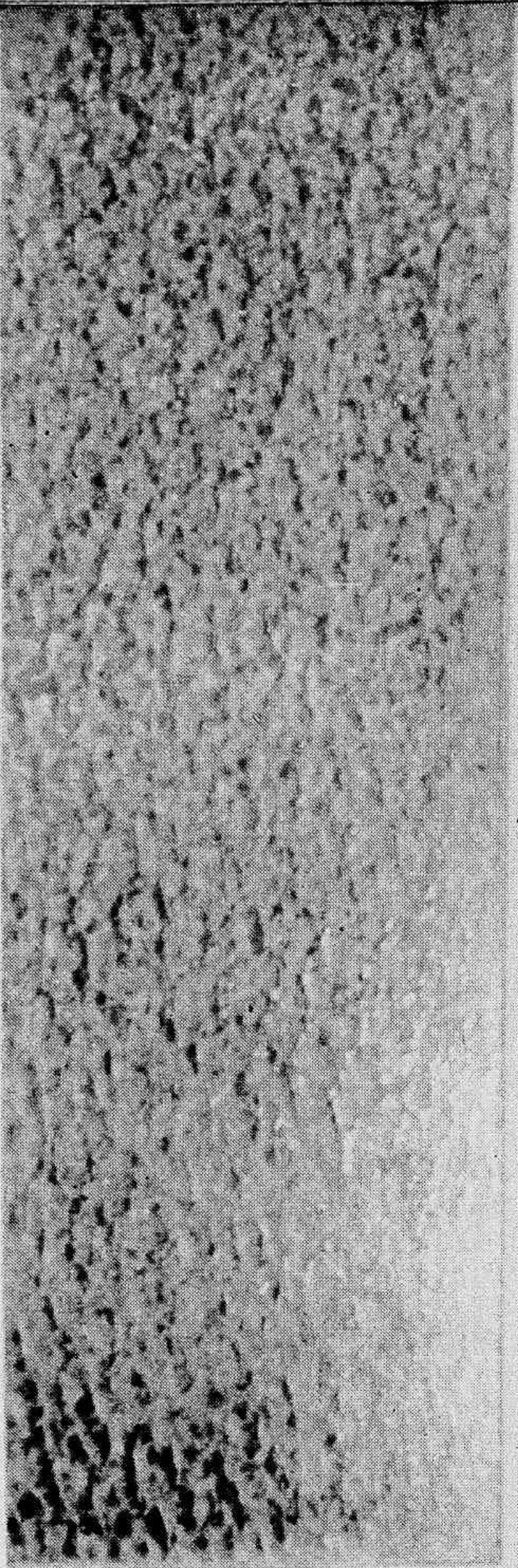
A RETIRADA DO NORDESTINO TERMINA NAS IGREJAS



Polícia no nordeste exerce função social: dá comida para os retirantes e fica do lado deles

Retirantes buscam nas feiras a comida que a terra seca lhes nega.





EXCLUSIVO

FRONDIZI QUASE MORREU: COBRA



— NESTE MOMENTO me lembro dos meus pais. Como teriam se alegrado os velhos!

Estas palavras Arturo Frondizi as pronunciou em 23 de fevereiro, quando em uma pequena casa de Vicente López, em companhia da esposa, filha e mais uns poucos amigos, soube dos primeiros resultados que lhe garantiam a vitória.

Os pais de Frondizi, falecidos anos atrás, chegaram à Argentina por volta de 1890. Procedentes de Gubbio (Itália), Julio Frondizi e Isabel Ercoli, traziam consigo algum dinheiro para tentar vida nova, em um país de futuro. Julio dedicou-se de logo a empreitar obras públicas, construindo, para o governo, pontes, estradas, e linhas férreas. Se bem que isto lhe dava um certo rendimento compensador, a família cresceu bastante (14 filhos — 9 homens e 5 mulheres) e toda verba era consumida na sua educação. Morreu pobre.

De Buenos Aires, pela Varig



"Somos a favor da estabilidade da família e, portanto, o Poder Executivo não vai defender a lei do divórcio", disse à RS

Os pais de Frondizi rezaram quando êle escapou de morrer de cobra. Frondizi reza hoje pela família.



o p

Ent
exp
gra
Rei
adv
C
ger
tin
mã
mo
qu
cor
Ou
ger
Civ
inc
Pa
sa
Pa
en
gu
en
ve
us
N
le
re
p
se
a
a
q



Anistia para Perón depende do congresso



Fronidzi agradece a Aramburu: "Seu governo cumpriu a

o presidente Frondizi.

Entre os filhos, dois se destacaram ainda jovens. Risieri (que experimentou o exílio, na ditadura peronista), como um grande professor, e estudioso de filosofia. É atualmente o Reitor da Universidade de Buenos Aires. E Arturo, na advocacia e política.

O candidato vitorioso da União Cívica Radical Intransigente (UCRI), escapou milagrosamente de morrer, quando tinha apenas um ano. Estava deitado em seu berço, e sua mãe descobriu uma jararaca dormindo ao seu lado. Foram momentos de suspense, porque ela e um outro filho temiam que, ao atacar a cobra, ela picasse a criança. Finalmente conseguiram afastar o perigo, matando-a de um só golpe. Outra vez em que a morte rondou o futuro presidente argentino, foi após uma convenção metropolitana da União Cívica Radical.

Por ter denunciado que vereadores radicais colaboravam indiretamente com o governo, contrariando as diretrizes do Partido, sofreu uma agressão a bala, tendo entretanto logrado sair ileso.

Arturo Frondizi nasceu em 28 de outubro de 1908, em Paso de los Libres, Corrientes. As primeiras letras aprendeu em uma pequena escola de Concepcion del Uruguay, prosseguindo os estudos em Buenos Aires, onde também se formou em Direito. Repudiando o maquiavelismo, escreveu certa vez na escola: "Não devemos aceitar que nos ensinem a usar a força e a astúcia, em vez da prudência e da lealdade. Não aceitamos que nos ensinem a ser raposas com garras de leão, a fingir sempre o contrário do que pensamos ou queremos, a usar a mentira como meio mais eficaz para triunfar".

Para custear os seus estudos, Frondizi trabalhou como empregado em uma drogaria, e como zelador de um colégio. O seu irmão Ricardo também o ajudava nas despesas e na aquisição de livros. Quando ainda estudante, participou de algumas manifestações contra o movimento revolucionário que derrubou Yrigoyen do governo. Foi preso várias vezes,

e taxado de "conspirador e inimigo da ordem pública". Formado em Direito, com distinção, negou-se a receber o diploma de honra das mãos de Uriburu (chefe da revolução contra Yrigoyen). E foi mais além. Publicou uma nota na imprensa, em que dizia: "Não posso receber o meu diploma de honra das mãos das atuais autoridades, quando fui encarcerado sob alegação de indesejável dentro dessa mesma Universidade, que hoje premia a minha dedicação e capacidade para os estudos. A hora não é de prêmios, e sim de rebeldias. Quando os cárceres estão cheios de camaradas, de intelectuais e operários; quando argentinos livres pisam a terra amarga do desterro; quando as portas da Universidade estão fechadas a mestres ilustres e alunos dignos, minha consciência não admite outra satisfação que não seja o restabelecimento das liberdades públicas e de uma Universidade em que o direito de pensar não seja um delito. Quando estas aspirações se hajam cumprido, receberei, orgulhoso, o diploma de honra legitimamente conquistado, que por imperativo de meu dever, hoje deixo em mãos de autoridades ilegítimas".

Praticamente a vida política de Frondizi começou em 6 de setembro de 1930 (ano em que também se formou). Alisou-se na UCR e, depois de intensa atividade dentro dos quadros partidários, promoveu uma nova base para a reorganização doutrinária do radicalismo, e a constituição do Movimento de Intransigência e Renovação, em 1945. Finalmente, teve o seu nome indicado ao mais alto posto do país, na convenção realizada em Tucuman, em novembro de 1956.

Arturo Frondizi casou-se em 5 de janeiro de 1933, depois de dois anos de noivado com d. Elena (os argentinos escrevem sem h) Faggionato, também descendente de emigrantes italianos da mesma cidade de Gubbio, vindos como os pais do futuro presidente argentino. Tiveram apenas uma filha, também chamada Elena, e que conta atualmente 21 anos de idade.

"Queremos relações com todos os países do mundo"

O candidato da UCRI mora em um apartamento que adquiriu em 1946, quando deputado nacional. Gosta de ler, principalmente sobre assuntos políticos e econômicos, apreciando também os autores americanos como Hemingway, Faulkner, Steinbeck e Dreisser. Adora a vida do campo, os animais e as plantas. Veste-se discretamente, quase sempre com ternos escuros. É também sóbrio na comida. Mas gosta muito de azeitonas, sendo capaz de consumir uma grande quantidade, de uma só vez.

No mais, Arturo Frondizi é um homem como outro qualquer. Mas há uma coisa que impressiona, mesmo aos que lhes falam pela primeira vez: a sua personalidade, a sua inteligência, a sua vontade de fazer alguma coisa pela Argentina.



O presidente Arturo Frondizi quando marcava com o repórter Hélio Polito a entrevista para a REVISTA DA SEMANA.

DOZE PERGUNTAS A FRONDIZI

1 — Como pensa pagar os votos dados pelos peronistas e comunistas?

— Ninguém que não seja o conjunto do povo argentino pode exigir parte nenhuma do triunfo eleitoral. Aqui quem triunfou foi o povo argentino.

2 — A anistia que seu governo se propõe a dar incluirá também o ex-ditador e facilitará ou permitirá o seu regresso ao país?

— Creio que esta é a décima vez que contesto esta pergunta. A partir de 1.º de maio existirá no país um estado de direito, e a anistia quem vai decidir é o Congresso. Por que a partir de 1.º de maio não haverá um presidente da República que mande, senão um presidente que governe, dentro de suas atribuições constitucionais. De modo que o presidente da República não poderá resolver quem vem ou quem não pode vir a este país.

3 — O "comando tático peronista" fez a comunicação de que continuará sua luta oposicionista, inclusive subversiva, apesar de o haver apoiado nas eleições: isso significa que o seu governo terá ameaçada a estabilidade?

— Não creio que o nosso governo perca a estabilidade. A estabilidade de nosso governo se baseará no cumprimento da palavra empenhada, no que se refere às normas de caráter institucional. Asseguraremos ao país a liberdade, a democracia e a ordem.

4 — Qual a sua opinião sobre o governo que vem fazendo o general Aramburu?

— Tenho declarado que as forças armadas e o governo provisório, cumpriram a palavra empenhada, de permitir a realização de comícios eleitorais e entregar o poder. Os comícios já foram realizados, agora esperamos que em 1.º de maio nos entregue o governo.

5 — Pensa estabelecer relações com a China?

— Não estudamos o problema em concreto, porém é nosso desejo ter relações com todos os povos do mundo.

6 — O sr. defenderá a Y.P.F. (entidade do governo que explora o petróleo, a exemplo da PETROBRAS, entre nós)?

— Naturalmente que vamos defender a Y.P.F. Disse em meu último discurso que o problema do petróleo em nosso país tem um nome, e este é Y.P.F.

7 — E quanto à nacionalização total do petróleo?

— O que nos interessa, nesta etapa, é extrair o petróleo, e estamos dispostos a extrai-lo, transportá-lo, refiná-lo e consumi-lo.

8 — E quais as medidas iniciais para isto?

— É levar adiante e com toda a rapidez, o plano de reativação, que consiste na construção de oleodutos e aquisição de equipamentos para aceleração geral dos trabalhos.

9 — O Poder Executivo tomará alguma providência ou atitude especial, com relação à suspensão lei do divórcio?

— Temos dito que somos a favor da estabilidade da família e portanto o Poder Executivo não vai defender a lei do divórcio.

10 — Qual será a política argentina com relação aos Estados Unidos?

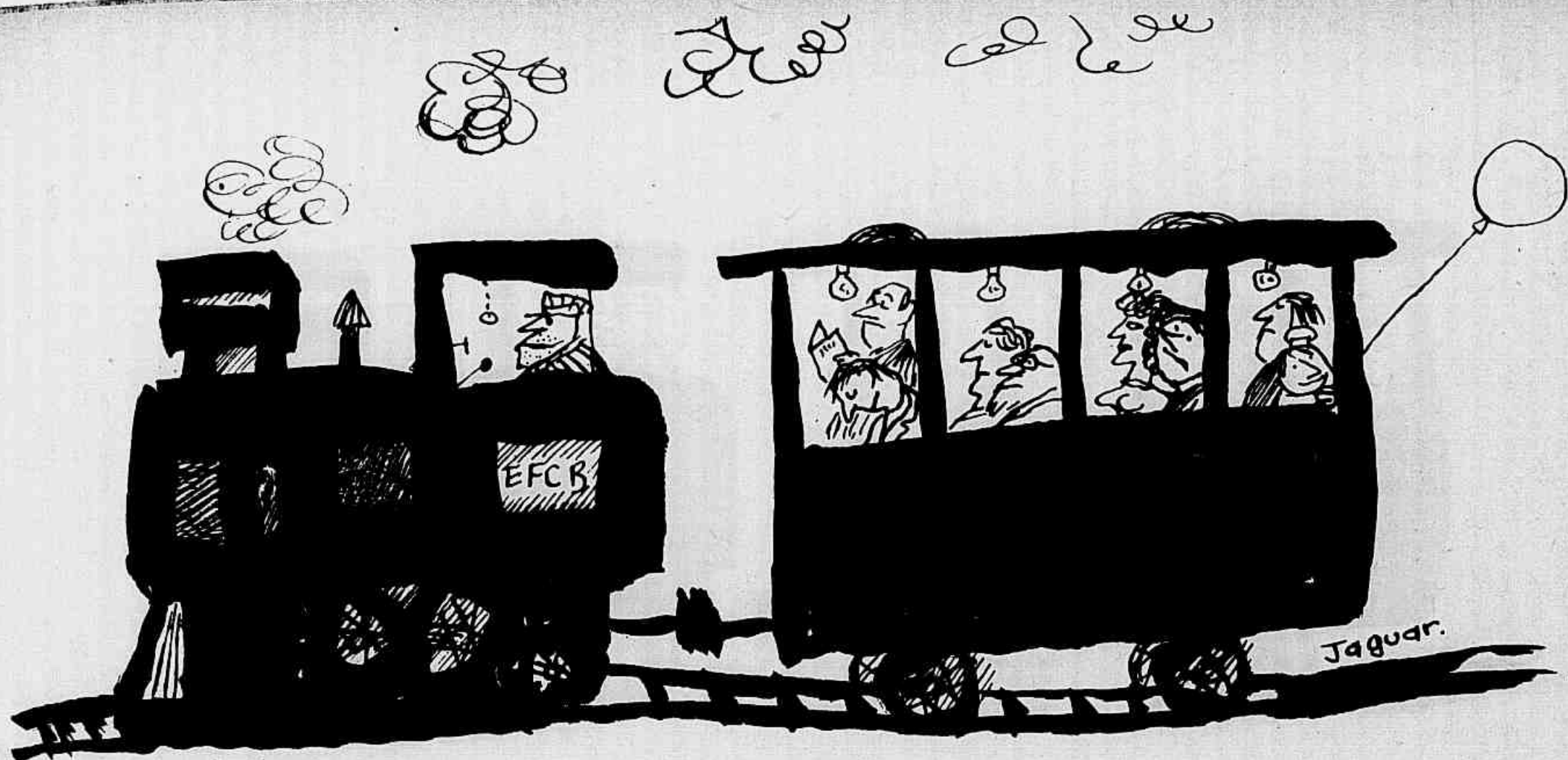
— Manteremos com os EE.UU. muito boas relações, tanto no campo político como no campo econômico. Já disse que manteremos relações com todos os países do mundo.

11 — Acredita que os ressentimentos entre os radicalistas (UCR e UCRI) são tão grandes que não possa mais uni-los? É verdade que existem manobras dos radicais para formar um só governo?

— Aqui não existem manobras de radicais. Aqui existem homens que têm militado no radicalismo por que acreditam que este é o curso do processo histórico dentro da República, e o apóiam. E outros homens que haviam militado junto a nós, e tomaram outro caminho. O povo nos deu razão, através destas eleições.

12 — Poderia expor, em linhas gerais, qual o plano de desenvolvimento econômico completo da Argentina?

— Defenderemos o preço de nossa exportações e realizaremos uma política de importações ajustadas às necessidades do país. O primeiro impõe a diversificação dos mercados e artigos exportáveis. A segunda suprimir importações de artigos de luxo ou similares a artigos de fabricação nacional. Haverá uma redução nos gastos do Estado, porém procedendo com cautela e estudando cada caso e suas possíveis repercussões econômicas e sociais. O problema petrolífero será resolvido mediante o integral apoio à empresa estatal, responsável pelas nossas imensas reservas, e que já as extrai e comercializa, porém contará em nosso governo com meios de transportes para levar as quantidades necessárias de petróleo aos lugares de refinação e consumo. A agricultura, a mineralogia e a indústria serão harmônicamente desenvolvidas. Impulsionaremos também a siderurgia. As organizações sindicais, patronais e operárias terão ativa participação na elaboração de planos de desenvolvimento integral do país. Assim, a intervenção sindical assegura os acordos e o entendimento entre as partes em todos os setores de trabalho, evitando conflitos que ponham em perigo a estabilidade econômica e a realização dos planos que fizemos.



TREM NA AVENIDA

AS COMEMORAÇÕES do Centenário da Estrada de Ferro Central do Brasil, fazendo voltar a correr em suas linhas a locomotiva número um, a famosa "Baronesa", nome dado em homenagem à mulher do Barão de Mauá, fizeram-me lembrar que esta máquina já trafegou pela Avenida Rio Branco por ocasião de uma Feira de Amostras. A idéia era fazer a máquina com um carro de passageiros passando sobre trilhos, vindo da praça Mauá fazendo todo o percurso da Avenida transportando passageiros do Obelisco ao recinto da Feira.

A Avenida encheu-se de gente para assistir à passagem do trem e todo mundo esperou em vão. O trabalho de colocação de trilhos foi tão demorado que o trajeto Praça Mauá-Obelisco gastou três dias.

MEDICINA: CHURCHILL, FLEMING, PRESTES.

A recente doença de Churchill lembrou-me que foi ele a primeira personalidade mundial a usar a penicilina, quando teve uma basite em plena guerra. Depois de Churchill o medicamento (um dos milagres da ciência) passou a ser usado largamente.

O seu descobridor, sir Alexander Fleming, ao desembarcar pela primeira vez no Brasil, na antiga estação de hidros da Panair (ainda era o tempo em que os passageiros vinham de lancha do Galeão para a estação de hidros), encontrou uma multidão que o aclamava e uma banda de música tocando.

A banda e o povo estavam esperando Luís Aranha, passageiro do mesmo avião, que voltava da Europa, onde conseguiu que o Campeonato Mundial de Futebol fosse realizado no Brasil. Esperavam Fleming apenas o professor Antônio Austregésilo e mais dois membros da Academia de Medicina. Fleming atravessou as alas dos atletas do time do Botafogo, que estava formado para dar boas-vindas aos três médicos.

Ainda um assunto médico: Luís Carlos Prestes, segundo me consta, tratava-se com homeopatia.

HISTÓRIA DO PÃO

Nesta Semana Santa, como em todas as outras Semanas Santas, voltou a ser levado à cena o drama sacro de Garrido, baseado na vida de Jesus. Este drama em versos não tinha o destino de ser levado na Semana Santa, pois foi criado apenas com a intenção de fazer um drama e nada mais. Existe nos meios teatrais a superstição de que o pão da Ceia dá sorte a quem o come, e por isso os artistas e figurantes que fazem os papéis de apóstolos são muito solici-

tados pelos amigos e conhecidos para apanharem os pães da mesa assim que cai o pano.

Todos arranjavam um pedaço de pão mas o artista que fazia o papel de Judas retirando-se antes do fim da cena da Ceia ficava sempre sem o pão, até que um dia um dos Judas, ao sair, levou escondido na manga da túnica o seu pãozinho. O caso foi percebido pela platéia que o considerou muito de acordo com o caráter do personagem. Disseram os espectadores, comentando baixinho uns para os outros: "Veja o Judas roubando pão". Foi tal o sucesso do pão escondido na manga feito com fins muito diferentes do que a platéia estava pensando que a cena passou a ser incluída na marcação da peça e agora todos os Judas escondem o pão de maneira bem visível para a platéia, que se delicia com mais esta prova de mau caráter do Judas. Aliás, em teatro é muito comum um acidente desses transformar-se em regra.

O mais conhecido no gênero aconteceu com o grande Leopoldo Fróis, que por não saber bem o seu papel na estréia de uma peça e para poder ouvir o ponto fez do seu personagem um gago. Fez tanto sucesso com a sua criação que o seu personagem ficou gago a vida inteira.

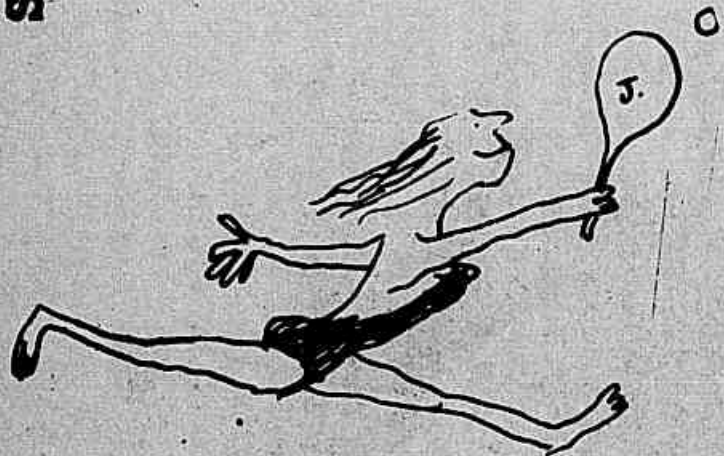
QUESTÃO DE FRASES

Tenho lido (inclusive em um tópico de uma matutino) esta citação de Machado de Assis: "Como dizia Machado de Assis...: **A confusão era geral**". Realmente, esta frase é de Machado de Assis mas ele ficaria admiradíssimo se alguém, algum dia, lhe tivesse dito que esta frase seria citada.

A sua origem é a seguinte: Brício de Abreu ia fundar o jornal literário "Dom Casmurro" e apareceu na casa de Alvaro Moreyra para convidá-lo para redator-chefe e estudar com ele plano do semanário. Decidiram logo que abaixo do título do jornal deveria aparecer uma frase do livro que lhe dava o nome, e começaram a procurar. Mas Machado de Assis não é um escritor de frases, sobretudo este seu livro escrito num tom amargo e irônico. Não escrevem grandes frases principalmente porque Alvaro, naquele tempo de censura rigorosa, queria alguma coisa que fizesse alusão aos tempos difíceis que estavam vivendo os intelectuais do Brasil.

Depois de muito procurarem a frase acharam esta: **A confusão era geral**...

Para que vejam as razões que Machado de Assis teria para se espantar ao ver sua frase citada, transcrevemos o trecho de D. Casmurro de que ela foi extraída: "Só Capitu amparando a viúva, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela Capitu olhou instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas, poucas e caldas..." (DOM CASMURRO, Edição W. M. Jackson, 1937, página 363).



Lady Maxwell informa

OS "BELOS DENTES" do sr. Luís Carlos Prestes são mesmo do dissidente do PC e cirurgião-dentista Antônio Leme Júnior.

BOLAS PRETAS no Country contra o marquês Pierre de Segur. Explicação: os conselheiros reagiram contra suas brincadeiras classificadas como "de mau gosto".

ESTA CONFIRMADA a separação do casal Mendes Caldeira, em São Paulo. Christiane tornou-se popular, há dois anos, respondendo na TV sobre Proust. Nessa época diziam que o Nelson também iria a "O Céu é o Limite", mas para responder sobre "trust".

OS CATÃO embarcam a 20 para a Europa. O jantar de despedida foi um sucesso. Num grupo (Horácio Klabin, Tony Mayrink Veiga, Carlos Eduardo de Souza Campos, Joaquim Xavier da Silveira, Francisco Catão) o assunto era "da importância do jornalismo". Depois de alguma conversa chegou-se a uma conclusão interessante: o movimento social tem caído muito, ultimamente, por medo aos colunistas. Não se pode mais ir a determinados lugares tratar de negócios sem que os colunistas anotem o fato, dando a impressão de que todos os homens importantes vivem em bares, pargolas e buates. Por outro lado, até o chamado "movimento doméstico" caiu. Não se pode mais reunir amigos impunemente sem que apareça (muitas vezes sem convite) um colunista que, com suas notas e fuxicos, comprometa a "hostess".

O SR. GUILHERME da Silveira Filho achou muito engraçado dizerem que ele foi encarregado da aproximação Luís Carlos Prestes — Agildo Barata.

BABY PIGNATARI está nos States. Em uma semana gastou 92 mil cruzeiros com telefonemas internacionais. Motivo dos telefonemas: trotes.

UM DOS maiores narizes da sociedade (de uma amiga íntima) vai cair nas mãos do dr. Pitanguy. A senhora em questão queria ficar com o nariz arrebitado. Infelizmente não será possível.

ALGUMAS SENHORAS recentemente separadas de seus maridos estão organizando um "bridge das desquitadas".

NOVO "PLAY-BOY" no salão: Rafael Trujillo Jr.

MR. HILTON, ex-sogro de Elizabeth Taylor e dono da maior rede de hotéis de luxo do mundo, está estudando os planos para vir para o Brasil. Destino: São Paulo, Brasília e (talvez) Rio. O seu mais importante diretor já foi a Brasília.

O GOVERNO FRANCÊS aboliu o visto nos passaportes de cidadãos brasileiros que pretendam passar até três meses na França. Uma investigação demonstrou que "o brasileiro é um dos melhores turistas do mundo, sob quase todos os aspectos..."

O DUELO MARQUÊS de Cuevas versus Serge Lifar foi ridículo. O marquês tocou o braço de Lifar, que sangrou levemente. Lifar desmaiou, tendo o marquês se atirado sobre o inimigo, beijando-o. Recuperado rapidamente, Lifar e o marquês combinaram montar juntos um "ballet".

RUBEM BRAGA inventou um coquetel evidentemente à base de vodka: "Mig 15". Diz ele que pretende entrar para a história com a sua receita (secreta).

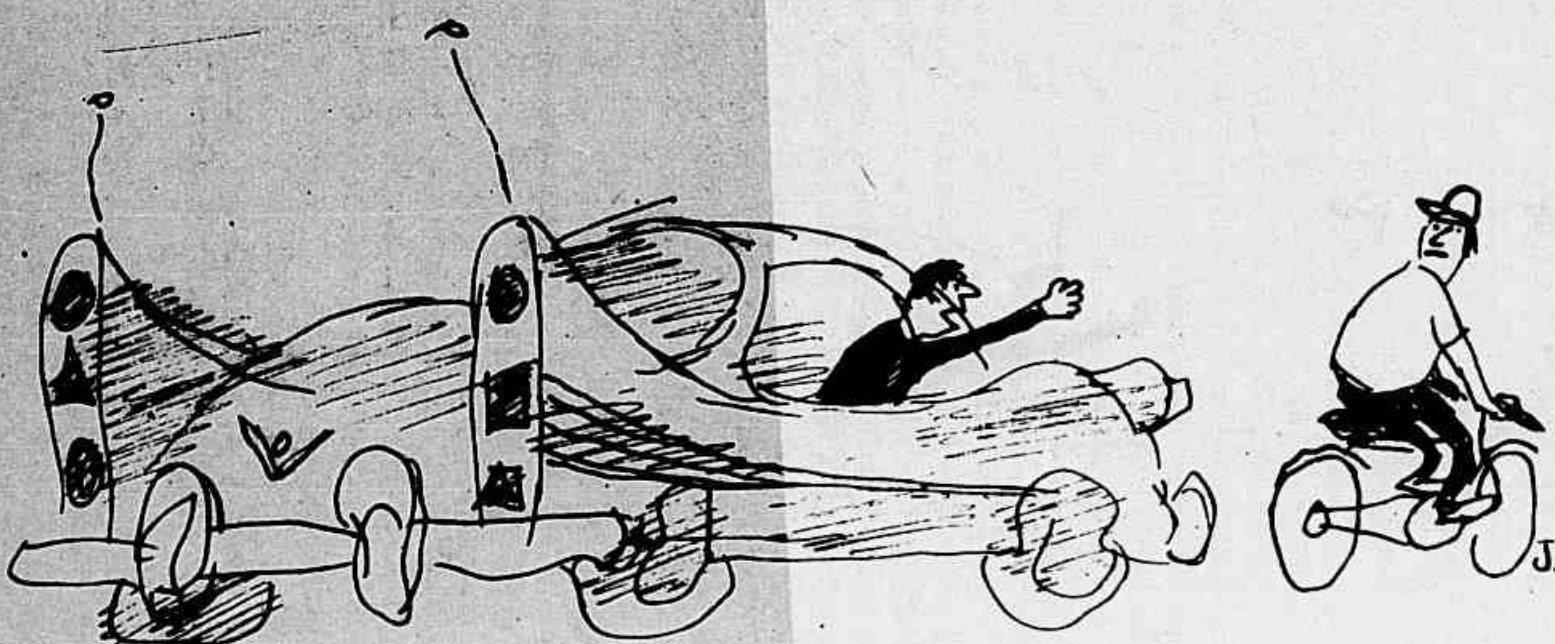
A "MANCHETE" informa que o sr. Winston Churchill disse a um fotógrafo que prometeu tirar a sua fotografia aos 100 anos: "Não vejo porque não. O senhor parece forte e jovem bastante para agüentar até lá". Isso, de fato, aconteceu. Mas há mais de 20 anos, quando Churchill fez 60.

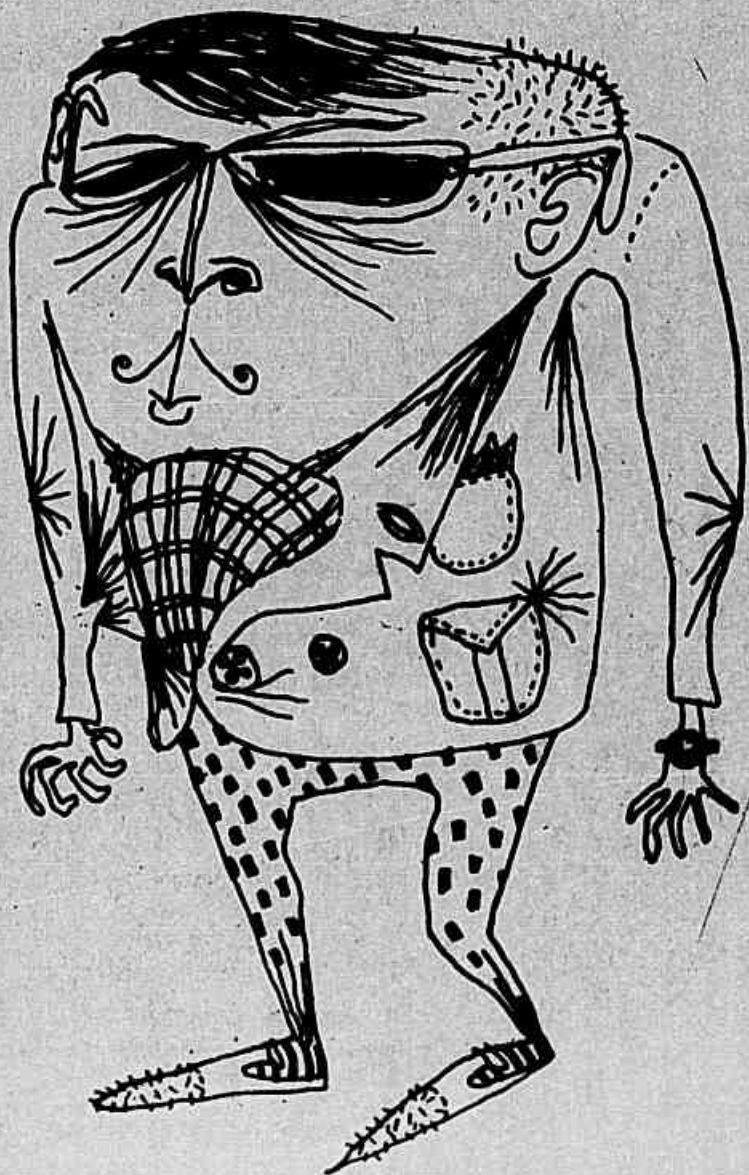
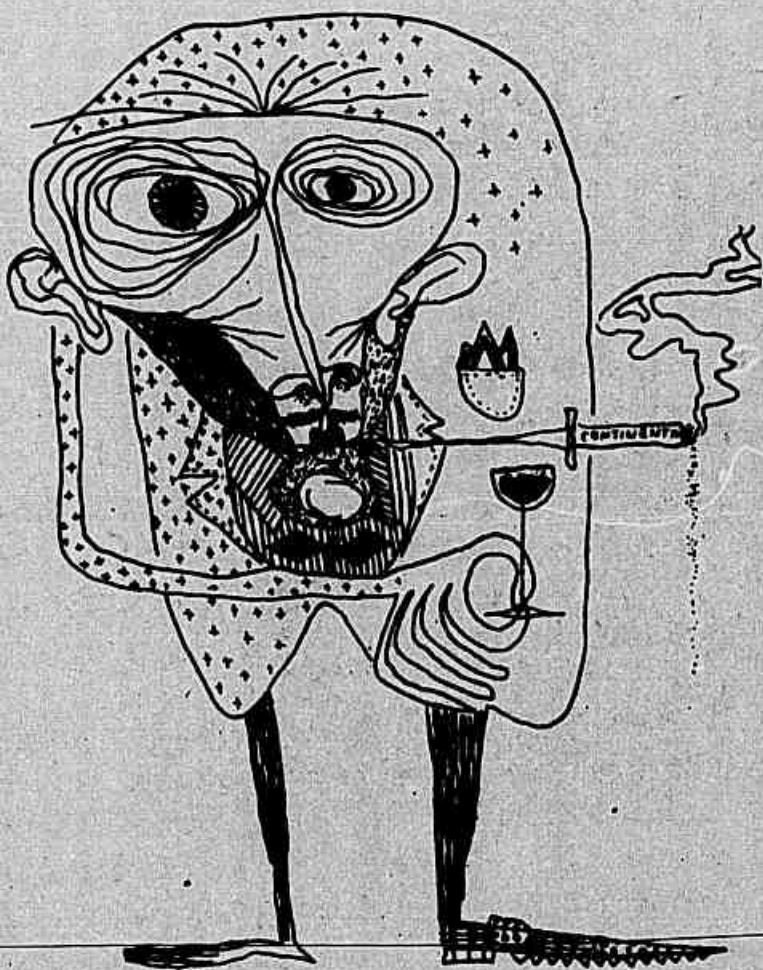
MINHA AMIGA Ingrid Bergman reclama contra os jornalistas: "Quando eu estava ainda feliz com Roberto (Rossellini) todos viviam dando notas segundo as quais nós íamos nos separar. Agora, quando estamos separados, vivem dizendo que temos encontros secretos aqui e ali e que vamos voltar a viver juntos..."

CACILDA BECKER não consegue uma atriz. Condições: entre 20 e 25 anos, bonita, nível razoável de cultura, vocação para teatro e disposição para trabalhar muito.

DEU MUITO trabalho ao Cerimonial do Itamarati escolher um par para a filha (solteira) do presidente eleito Frondizi, Elena.

AS ÚLTIMAS novidades da moda em Paris (e que ainda estão em segredo para o grande público): os grandes costureiros vão passar a apresentar criações para senhoras que estejam esperando bebê. E as saias de verão vão subir muito. As meninas já estão com os joelhos de fora.







Fala o presidente do Banco.

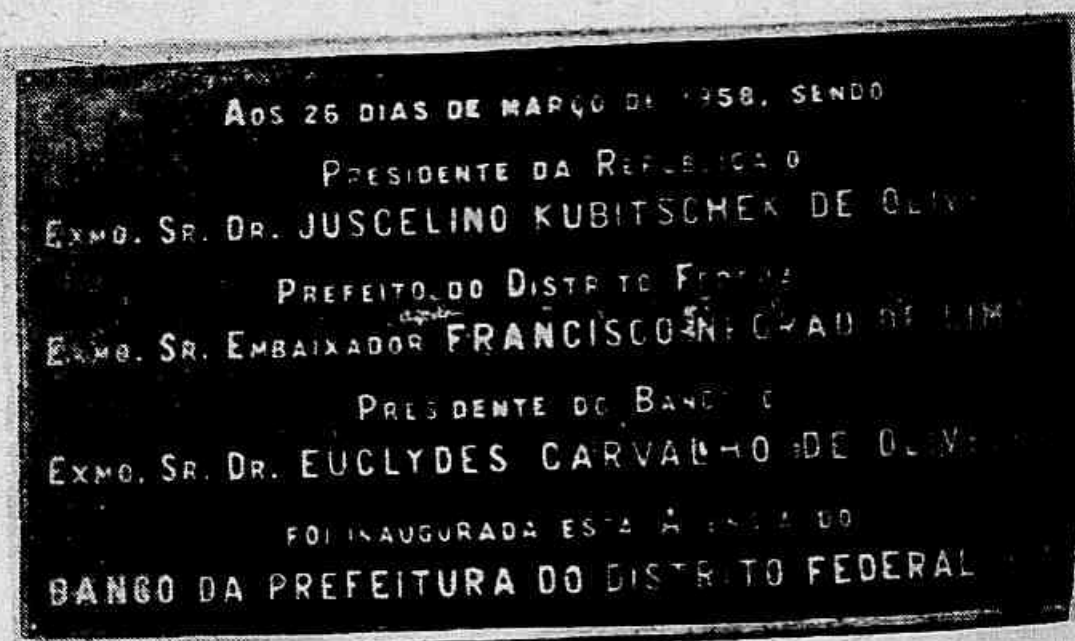


O prefeito ao se retirar cumprimenta o presidente do Banco, sr. Euclides Carvalho de Oliveira.

O BANCO DA PREFEITURA do Distrito Federal acompanha com vivo interesse o movimento de expansão dos negócios bancários que se verificam atualmente nesta cidade, procurando oferecer à sua numerosa clientela o máximo de conforto e eficiência nos seus serviços. Assim é que acaba de inaugurar na avenida Rio Branco, 185, loja 1 (Edifício Marquês do Herval) uma nova agência dotada de modernas instalações, com ar refrigerado e música funcional.

Estiveram presentes ao ato inaugural o Prefeito do Distrito Federal, Embaixador Francisco Negrão de Lima; o Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Hélder Câmara; Almirante Augusto do Amaral Peixoto, Presidente da Caixa Econômica; Presidentes da Câmara do Distrito Federal e do Tribunal de Contas do D. Federal; Senadores, Deputados, Vereadores; Secretários e figuras de destaque da Administração Municipal; figuras representativas dos círculos bancários, industriais e comerciais, bem como a Diretoria do Banco, composta dos Srs. Dr. Euclides Carvalho de Oliveira (Diretor-Presidente), Dr. José Cândido Almeida dos Reis (Diretor-Superintendente), Oscar de Luna Freire (Diretor da Carteira do Crédito Geral) e Fausto Figueira Soares Alvim (Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Hipotecário). A fim de proporcionar tôdas as facilidades ao público, a nova agência funciona ininterruptamente, de 8 às 18 horas nos dias de expediente normal. As fotos são da solenidade de inauguração da agência.

AGÊNCIA MARQUÊS DO HERVAL

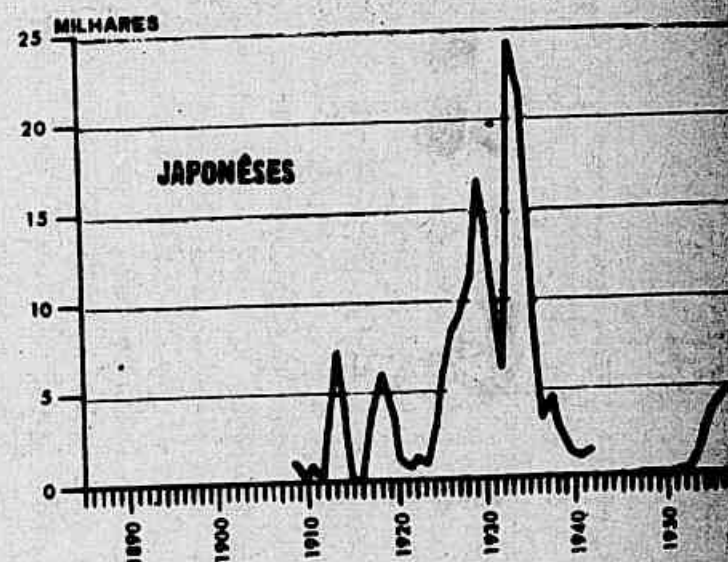
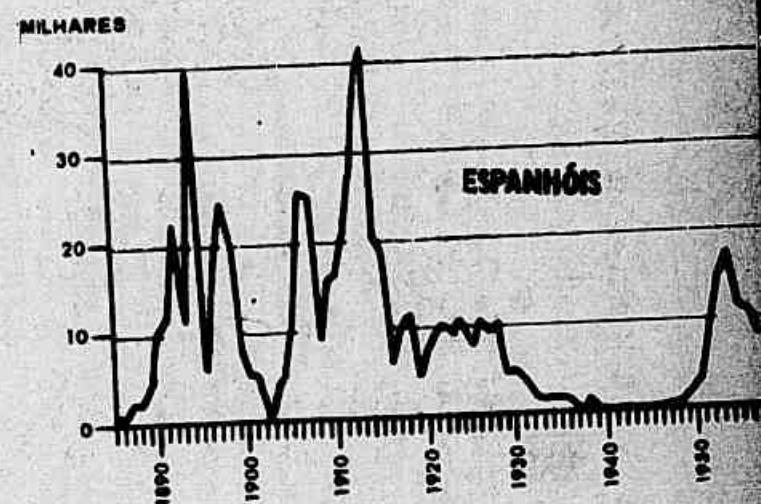
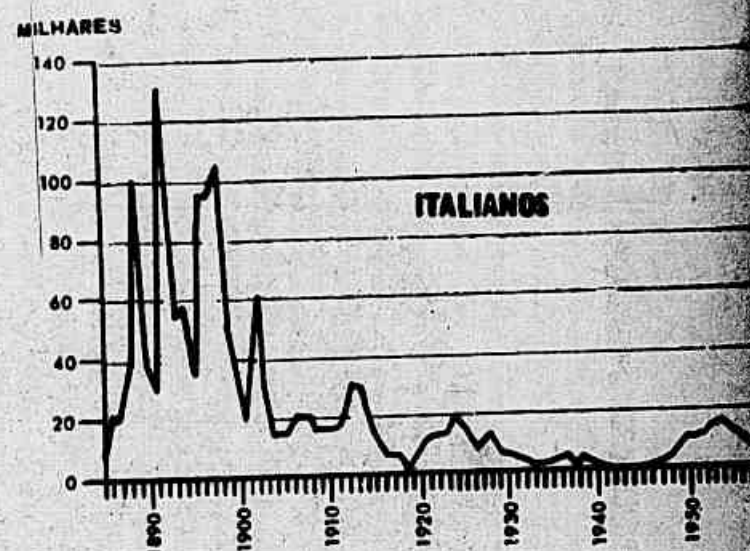
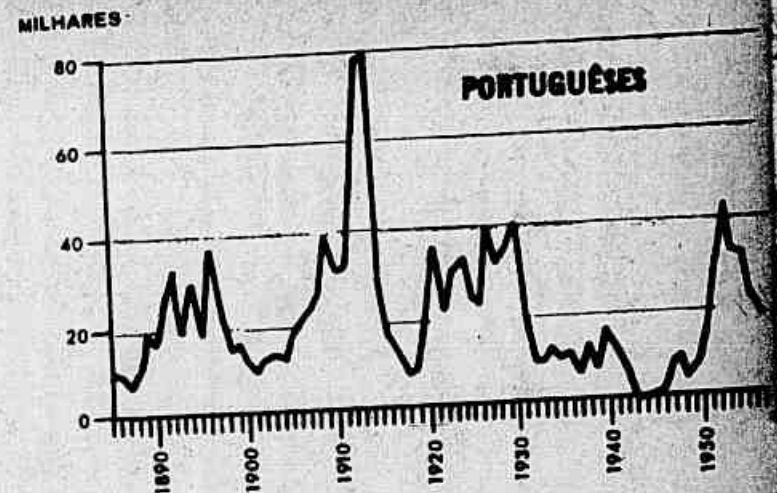
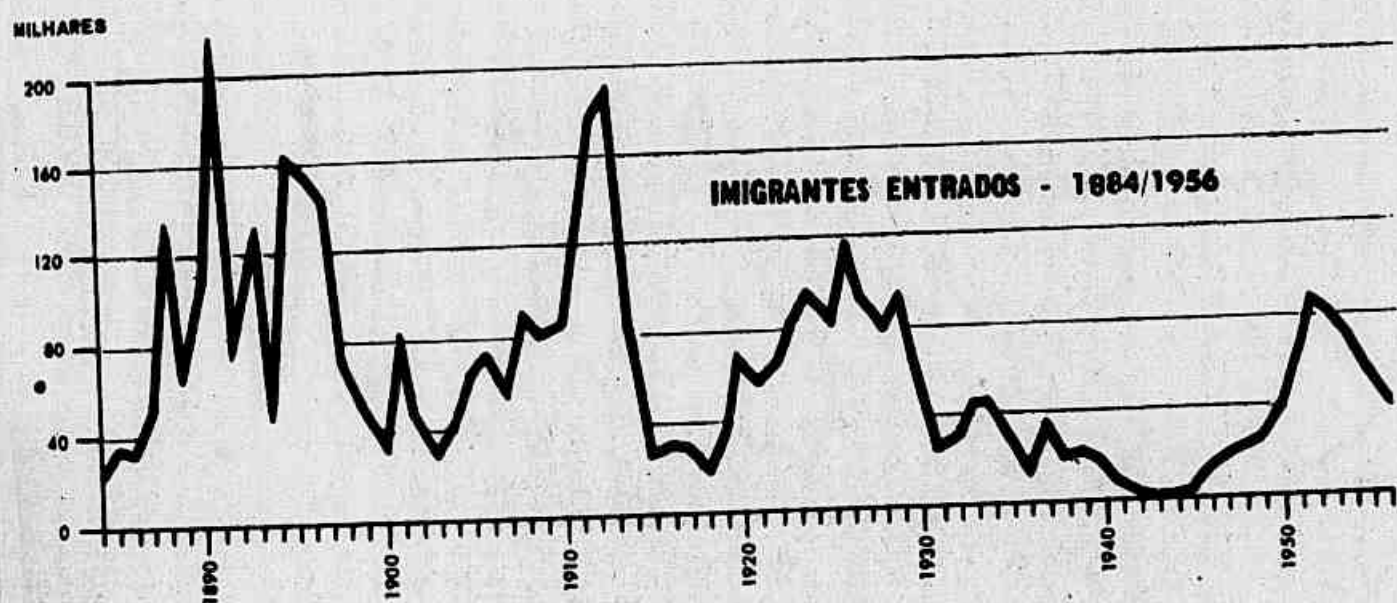


A placa.



O prefeito descobre a placa da agência.

A IMIGRAÇÃO VAI PARAR



O MOVIMENTO migratório no Brasil, apesar do aumento transitório em 1957, diminuiu consideravelmente nos últimos anos (1954: 72 248; 1955: 55 166; 1956: 44 806). Segundo a maioria dos observadores, no futuro o influxo será cada vez menor. Motivos:

1. A forte competição dos outros países de imigração;
2. as más condições de transferência que o Brasil oferece;
3. a restrição cada vez maior a imigrantes de mão de obra qualificada;
4. a subcapitalizada economia brasileira não permite colonização rural em maior escala, que pressupõe inversões elevadíssimas do colono.

Se não optarmos pela política de portas abertas para a imigração em massa nipônica e asiática em geral, e caso não sejam revogadas as atuais restrições à imigração da península ibérica, não sobrarão para o Brasil mais do que os excedentes de alguns isolados países da Europa Meridional, principalmente da Itália.

Além disso, as últimas experiências com importação de refugiados políticos foram desanimadoras e desaconselham a sua repetição no futuro, a não ser em casos excepcionais.

Assim, a imigração para o Brasil — cuja curva apresenta

uma linha muito irregular, com altos em torno de 1890 e acentuada queda no período da I Guerra Mundial, da crise econômica entre guerras e da II Guerra Mundial — não retomará nunca mais, segundo todas as probabilidades, a sua intensidade de antigamente.

Muito mais grave é que já está havendo reemigração.

Segundo o censo de 1950, vivem no Brasil 1 213 984 pessoas nascidas no estrangeiro, das quais 12 697 naturalizadas brasileiras.

Numa série de reportagens vamos tentar fazer o balanço geral da contribuição dos grupos imigrantes ao progresso do país, sem ir muito longe no passado para que essa interpretação não fique controversa.

Nos anos que antecederam à II Guerra Mundial (período guerra e pós-guerra) as imigrações sofreram alterações quanto à origem, proveniência étnica e racial, composição profissional, níveis educacionais e comportamento em geral. Pela primeira vez apareceram mais imigrantes "políticos" do que "econômicos".

Apesar dessas correntes migratórias um pouco mistas, o Brasil não perdeu a condição de um país onde o fluxo preponderante de imigrantes é português. O Brasil é e conti-

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

DA RADIO ELDORADO AOS SEUS OUVINTES

A respeito de uma reportagem publicada pela «Revista do Rádio», sob o título «A Rádio Eldorado vai ter auditório», a direção da ZYZ-22 vem a público declarar que se trata de um equívoco do redator do referido semanário, porquanto deveria referir-se aos novos estúdios em fase de conclusão. Sente-se a Rádio Eldorado no dever de elucidar que, fundamentalmente, mantém-se no firme propósito de não modificar a sua linha de programação que constitui, aliás, o seu melhor patrimônio.

A Direção.

VALEMIN

— ADULTO —
Um fortificante
de



— INFANTIL —
comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

nuará sendo mais português do que a Argentina é espanhola e os Estados Unidos são ingleses.

A falta de preconceito com relação às colônias estrangeiras radicadas no Brasil é o maior fator para a completa adaptação de imigrantes em nosso país. O sadio nacionalismo não degenera em jacobinismo.

É certo que o Johann Schmidt, John Smith ou Jan Kowal que imigram serão tão brasileiros quanto o João da Silva, porque os processos de naturalização se sucedem cada vez com maior facilidade, excluindo-se os intermediários.

Em 1954 o número de naturalizados foi de 3 347; em 1955, de 2 791; em 1956, de 2 977 e, em 1957, de 2 988.

O projeto de lei Castilho Cabral, no Congresso, pede a abolição das últimas limitações dos direitos dos naturalizados que ainda perduram na atual legislação. Feitas na ditadura, algumas delas podem ser consideradas ilógicas e arbitrárias e sem maior importância prática. Sua supressão teria, assim, elevado valor simbólico.

Os brasileiros naturalizados têm contribuído para a expansão da economia nacional e para a modernização dos modos e estilos de vida. Muitos imigrantes do período guerra-após-guerra eram engenheiros, industriais e técnicos que contribuíram para a evolução da indústria mecânica, elétrica, química e de outros setores importantes.

A imigração não traz o desemprego mas abre novas e promissoras perspectivas para a mão de obra nacional. Exemplos: colonização rural de italianos, holandeses e japoneses.

No setor cultural e artístico imigraram elementos que se destacam hoje, como Ziembinski, Carpeau, Myra y Lopez, Zbrozek, Feigel e Mortara.

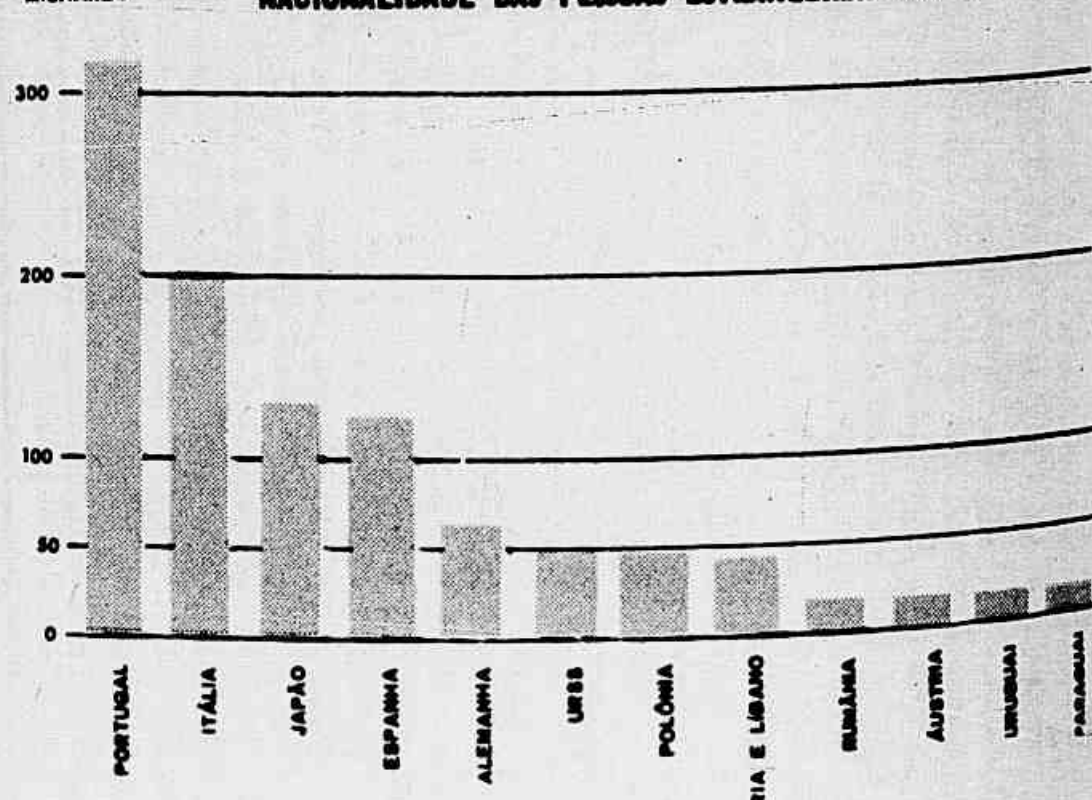
Os naturalizados são alheios às correntes extremistas e às entreguistas. Os eslavos não se converteram em agentes do comunismo, os espanhóis e portugueses não apregoam a ditadura e todos, nas eleições, distribuem seus votos sem se prenderem a causas ideológicas de seu país.

O Comitê Brasileiro da Europa Livre, formado pelos líderes das colônias de origem dos países subjugados pelo comunismo, é um dos mais eficientes baluartes contra as correntes subversivas.

Nos portos do Brasil continuam desembarcando imigrantes desajustados, improdutivos e exclusivamente interessados em lucros fáceis e imediatos com operações especulativas. A responsabilidade das ante-seleções que concorrem para uma imigração errada cabe aos órgãos administrativos incompetentes, inclusive a entidades de cúpula, com o INIC.

A falta de um serviço de emprego dificulta a colocação dos imigrantes e a formação de grupinhos de intrigas e realizações contribui para fazer com que o imigrante sem condições entre no país. Mas o certo é que a imigração contribui para o desenvolvimento do Brasil.

MILHARES NACIONALIDADE DAS PESSOAS ESTRANGEIRAS - 1950



ola
iras
lap-
amo
owal
ilva,
vez
1955,
de a
ados
iura,
árias
ssim,
ex-
dos
erra-
que
trica,
as e
onal.
e ja-
ue se
Lopez,
tas e
gentes
am a
em se
os li-
pelo
ra as
rantes
os em
as. A
uma
compe-

ão dos
rreali-
n con-
tribui

UNIVERSAL
PARAGUAY



Memórias do que eu vi e senti — X

JUNTEM PRESTES E DOM HÉLDER NUM CONFESSIONÁRIO

Rafael Côrrea de Oliveira

QUANDO ME PEDEM para indicar os dez ou quinze maiores brasileiros do momento eu incluo sempre na minha lista o nome de Luís Carlos Prestes. É claro que estamos limitando o assunto ao plano político. Fosse de um modo geral seria impossível a classificação neste País onde há jornalistas que são enormes e nunca aprenderam a escrever. E poetas geniais que nunca fizeram um verso. E ladrões que são honrados, por bem ou por mal... E etc.!

Eu vi o sr. Carlos Prestes pela primeira vez há 31 anos, — no mês de março de 1927. Encontrei-o na mata boliviana, entre oitocentos soldados de sua malograda Coluna. Longos cabelos e vasta barba defendiam-lhe o rosto dos mosquitos famintos e agressivos. Davam-lhe, todavia, uma tonalidade de profeta bíblico, que muito influiu para o prestígio de sua legenda no Brasil inteiro.

Essa questão das barbas é importante. O general Miguel Costa, por exemplo, se barbeava diariamente, e sendo o comandante da Coluna nunca teve o fascínio de Luís Carlos Prestes. As barbas de João Alberto eram desprestigiadas pelos olhos, que tinham uma expressão particular de dúvida e inconstância. Já Siqueira Campos possuía barbas provocadoras, petulantes, de aventureiro espanhol, ou de pirata oriental com olhos verdes. Havia inteligência e sarcasmo no sorriso dêsse espadachim, que mostrava os dentes como quem deseja morder.

As barbas de Luís Carlos Prestes eram místicas, desoladas, e acentuavam o olhar cansado e distante do homem habituado a calcular no espaço, e a pensar nas coisas remotas do passado e do futuro.

Encontrei-o no meio da sua gente, sob árvores gigantescas e uma temperatura de 40 graus, organizando o acampamento em que a Coluna, internada pelo governo boliviano, deveria permanecer.

A atividade de Luís Carlos Prestes não tinha as características do nervosismo agressivo e dialético que ele, posteriormente, demonstrou quando o visitei em Buenos Aires, três anos depois.

Calçando velhas botas quase imprestáveis, e vestindo roupas de algodão ordinário, os dentes estragados, as unhas crescidas, revelando uma completa despreocupação por tudo que lhe dizia respeito fisicamente, o general Luís Carlos Prestes não tinha gestos ou palavras de ódio e desencanto no abandono da derrota.

A sua conversação era simples e se voltava quase sempre para a desolação das populações que viviam miseravelmente no mais profundo interior do Brasil. Falava de liberdade e justiça, em voz baixa, com a timidez desconcertante de quem, sendo um chefe nacional idolatrado, desconfiava dos seus próprios méritos para encontrar as soluções reclamadas

NOSSOS NÚMEROS ESPECIAIS 1958

NÚMERO ESPECIAL
DE HUMOR

NÚMERO ESPECIAL
DO ESPAÇO

NÚMERO ESPECIAL
MISS BRASIL

NÚMERO ESPECIAL
COPA DO MUNDO

NÚMERO ESPECIAL
DO D.E.

pelo extraordinário problema. Não tinha palavras duras para os seus inimigos. E, às vezes, parecia não compreender os motivos da sua popularidade.

Mas o aspecto físico de profeta bíblico perdia toda a imponência dominadora do Antigo Testamento porque lhe faltavam a glória e o fogo do verbo candente. Um santo cristão, nos moldes franciscanos, paciente, generoso, amável e modesto, com os olhos postos em coisas invisíveis — eis o comandante da Coluna Prestes que eu entrevistei há 31 anos na floresta boliviana, sobre a Baía de Gaiba.

De então até hoje o que ficou como traço predominante no caráter desse indivíduo raro e contraditório foi a capacidade de sacrifício insuperável.

Um grafólogo, a quem mostrei a sua assinatura, em 1927, me disse o seguinte: "Este homem está destinado a grandes ascensões e maiores quedas. Sua constante, porém, é o prazer no sofrimento".

Luís Carlos Prestes tem feito o impossível para ser um revolucionário que luta pela integração das sociedades humanas nos sistemas da filosofia materialista de Marx e Lenine. Na realidade, ele nunca deixou de ser um perfeito cristão, que perdoa os assassinos da esposa com uma piedade digna de S. Francisco de Assis. Espancado brutalmente no Tribunal de Segurança da ditadura, vemo-lo, anos depois, quando a "inteligência" brasileira lhe abre as portas da jaula onde estava encarcerado, oferecer a outra face à mão do ditador.

O que lhe parece simples contingência de necessidades políticas, tornando-o, às vezes, intolerante e violento, ou bondoso, afetuoso e piedoso, é apenas o fervor de uma admirável alma abrasada e prisioneira nas chamas da mais ardente fé cristã.

Eleva-se repentinamente a altitudes culminantes e estende a mão aos que antes o abateram. Depois, os mesmos inimigos precipitam-no das cumiadas onde se encontrava às trevas da perseguição, e ei-lo a sofrer, com a serenidade de um cristão, nos tempos exemplares, a caçada de César e seus soldados. Sofre nas catacumbas, emudece, concentra-se no infortúnio, espera com a fé inquebrantável dos iluminados. E têmo-lo de volta, com um sorriso nos lábios, uma bênção para todos, amando desesperadamente o próximo e nada mais desejando que ser amado também.

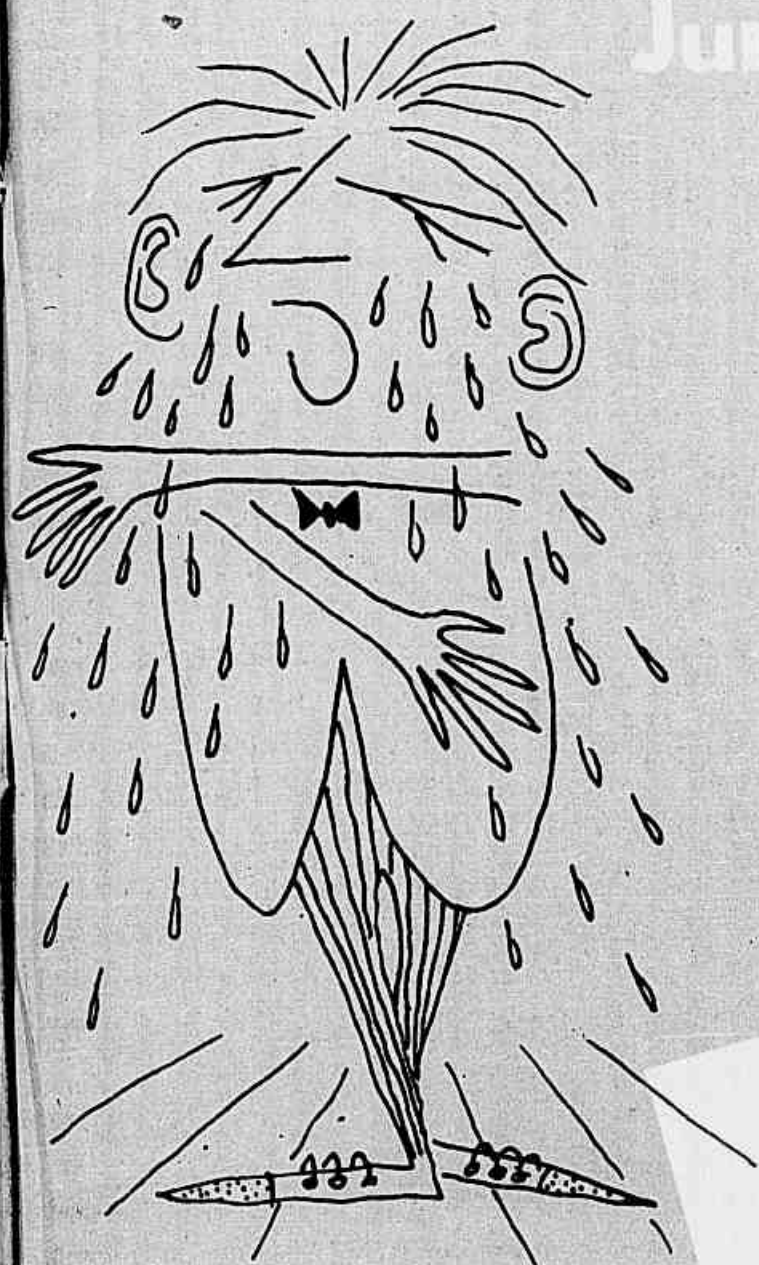
Em 1930, no apogeu de sua popularidade, recusa participar da revolução, para não trair o povo ao lado do sr. Getúlio Vargas. Denuncia os homens de 1930 e anatematiza-os, profetizando os erros e crimes que vão praticar. Nos ardores de seu amor ao próximo tenta a sangrenta cruzada de 1935. Mas, desde então, humilde e contrito, na sinceridade de um profundo arrependimento, tudo tem feito para salvar a alma das penas eternas.

Já agora, nesta nova ascensão, Luís Carlos Prestes não é mais o homem exterior de 1930 e 1935. Ele regressa definitivamente às puras origens de Gaiba. A linha interior da sua vida, que ressurgira palidamente em 1945, é, hoje, após dez anos de catacumbas, tão nítida e tão forte como nos tempos místicos da Coluna Prestes. O seu olhar é suave e distante como o daquele sonhador barbudo que eu encontrei há 31 anos no seio da floresta tropical, amando o próximo, perdoadando os inimigos, extasiando um povo inteiro de esperanças perfumadas.

A sua capacidade de sacrifício, sem ódio nem vindita, é rigorosamente cristã. O demônio da descrença não pôde vencer esse tremendo obstáculo espiritual e a alma de Luís Carlos Prestes sobe para Deus inexoravelmente.

Não devemos perder tão grande homem no quadro de nossa vida política. Porque se o fizermos sofrer mais ele acabará mergulhado, por amor de todos nós, no silêncio do claustro, onde ommerrá beijando o Crucifixo e lamentando não ter sido maior o martirólogo de sua existência excepcional. E se dúvidas surgirem sobre o que afirmo, — eis a sugestão para dissipá-las: deixemos Carlos Prestes e D. Hélder Câmara a sós, num confessionário, e os dois se entenderão admiravelmente, — ungidos ambos pela graça divina, no amor do próximo e na paz entre governantes e governados.

Juntos pela primeira vez
todos os novos
humoristas do Brasil



26

DE ABRIL

REVISTA DA
Semana

MARIUS
CLAUDIUS
RAF
AMBROZIO
JAGUAR
BRANDÃO
DIAS PINO

**NÚMERO
ESPECIAL
DE HUMOR**

Convidados especiais

VÃO GÔGO - ZIRALDO - FORTUNA - BORJALO

EXCLUSIVA



**NOSSE
PRÓXIMO NÚMERO**



**TITINA
AGUIRRE**

**DEPARTAMENTO
ESPECIALIZADO**